

COLEÇÃO ENSINO E EDUCAÇÃO - VOLUME 3

ORGANIZADORAS

Adriana Claudia Martins

Noemi Boer



VOZES & MEMÓRIAS

70 ANOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E
LETRAS DA UNIVERSIDADE FRANCISCANA



editora
UFN

COLEÇÃO ENSINO E EDUCAÇÃO - VOLUME 3

ORGANIZADORAS

Adriana Claudia Martins

Noemi Boer

VOZES & MEMÓRIAS

**70 ANOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E
LETRAS DA UNIVERSIDADE FRANCISCANA**

Universidade Franciscana - UFN

Santa Maria-RS, 2026

Editora UFN

Rua Silva Jardim, 1535 | Prédio 7, Sala 305
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1203

Coordenação Editorial

Fagner Millani
Lucio Pozzobon de Moraes

Capa

Fagner Millani

Projeto Gráfico e Diagramação

Lucio Pozzobon de Moraes

Organizadoras

Adriana Claudia Martins
Noemi Boer

Comissão Editorial

Cleci Werner da Rosa
Universidade de Passo Fundo - UPF

Elisiane Machado Lunardi
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Graziela Frainer Knoll
Universidade Franciscana - UFN

Lizandro Carlos Calegari
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Marcio Paulo Cenci
Universidade Franciscana - UFN

Marília Costa Morosini
Pontifícia Universidade Católica - PUCRS

Monique da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Farroupilha - IFF. Campus Frederico Westphalen

Neusa Maria John Scheid
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai
e das Missões - URI. Campus Santo Ângelo

V977 Vozes & Memórias : 70 anos dos cursos de Pedagogia e Letras
da Universidade Franciscana
/ Organizadoras Adriana Claudia Martins, Noemi Boer -
Santa Maria, RS : Editora UFN, 2026.
136 p. : il. - Coleção Ensino e Educação ; v. 3

ISBN 978-65-5852-537-0 (impressa)
ISBN 978-65-5852-532-5 (online)

1. Educação Superior 2. Pedagogia - história - UFN
3. Letras - história - UFN 4. Universidade Franciscana
I. Martins, Adriana Claudia II. Boer, Noemi

CDU 378

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Oliveira CRB/10 - 1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

SUMÁRIO

7	PREFÁCIO	
11	APRESENTAÇÃO	
16	HISTÓRICO DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E LETRAS	
17	Licenciaturas em Letras e Pedagogia: da ideia à consolidação Prof. ^a Iraní Rupolo	
40	VOZES DOCENTES	
41	Entre memórias e formação: a trajetória docente de Nilsa Reichert Barin Denize da Silveira Foletto	
61	Professora Dra. Maria Eulália Albuquerque e a transformação de gerações por meio do ensino da Língua Portuguesa Amanda Rampelotto Löbler e Adriana Claudia Martins	
71	Com a palavra Marilene Gabriel Dalla Corte: a história de uma professora e gestora do Curso de Pedagogia Fernanda Figueira Marquezan	
84	VOZES DE EGRESSOS(AS)	
85	Memórias e registros de Daniela Nascimento: vivências no Curso de Pedagogia Noemi Boer	
101	Na voz de João Luis Pereira Ourique: uma travessia entre o vivido e o narrado no Curso de Letras Adriana Claudia Martins	

**Sete décadas do curso de pedagogia e os impactos na construção
identitária da profissão: narrativas de Gisele Bauer Mahmud**

113 Eliane Aparecida Galvão dos Santos

POSFÁCIO

125 Denize da Silveira Foletto e Eliane Aparecida Galvão dos Santos

130 **ANEXOS**

136 **SOBRE AS AUTORAS**

PREFÁCIO

Há livros que chegam ao leitor para comunicar resultados de pesquisas, apresentar novos conhecimentos ou registrar acontecimentos. Há outros, porém, que cumprem uma missão ainda mais ampla: preservar a memória de uma instituição, reconhecer o trabalho daqueles que lhe deram identidade e oferecer às novas gerações a oportunidade de compreender que o presente é fruto de uma história construída coletivamente. *Vozes e Memórias: 70 anos dos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia da Universidade Franciscana* pertence, sem dúvida, a essa segunda categoria.

Receber o convite para escrever este prefácio foi motivo de profunda alegria e de um orgulho muito especial. Não apenas pela oportunidade de apresentar uma obra que celebra a trajetória de dois cursos que se confundem com a própria história da Universidade Franciscana, mas também porque parte dessa trajetória pude acompanhar e vivenciar de forma muito próxima. Como Pró-Reitora Acadêmica, setor responsável por coordenar e acompanhar os cursos de graduação, tive o privilégio de participar de inúmeros processos de construção, renovação e consolidação das licenciaturas. Essa experiência permitiu-me conhecer, para além dos documentos institucionais, o compromisso, a dedicação e a competência das pessoas que fizeram e continuam fazendo desses cursos uma referência na formação de professores.

Essa vivência confere a este momento um significado particularmente afetivo. Ao percorrer as páginas desta obra, reencontro parte de uma história que também testemunhei: a elaboração de projetos pedagógicos, os desafios impostos pelas mudanças nas políticas educacionais, os debates acadêmicos, as conquistas alcançadas coletivamente e, sobretudo, o trabalho incansável de docentes, estudantes, gestores e técnicos administrativos que compreenderam a formação de professores como uma missão institucional.

Celebrar setenta anos é, antes de tudo, celebrar pessoas: gerações de estudantes que ocuparam salas de aula, bibliotecas e corredores

universitários; professores que dedicaram suas vidas ao ensino, à pesquisa e à extensão; gestores que enfrentaram os desafios próprios de cada época; funcionários que contribuíram silenciosamente para o fortalecimento da instituição; e egressos que levaram para diferentes espaços educativos os conhecimentos, os valores e os princípios construídos durante sua formação acadêmica.

Um dos aspectos mais significativos deste livro é justamente a opção por fazer da memória uma construção coletiva. As vozes que compõem esta obra revelam que uma universidade é, antes de tudo, uma comunidade de pessoas. Nesse sentido, os capítulos dedicados às trajetórias de alguns professores representam muito mais do que homenagens individuais. São narrativas que permitem compreender diferentes momentos da história institucional por meio de docentes cuja atuação acadêmica, intelectual e humana contribuiu decisivamente para consolidar a excelência dos cursos e inspirar inúmeras gerações de estudantes.

Ao conhecer suas histórias, o leitor percebe que a docência universitária ultrapassa a sala de aula. Ela se manifesta na formação de professores, na pesquisa, na produção científica, na gestão acadêmica, na construção de projetos coletivos e, principalmente, na capacidade de transformar vidas por meio da educação. Essas trajetórias revelam o compromisso permanente com uma formação humanista, crítica e socialmente comprometida, valores que caracterizam a identidade da Universidade Franciscana desde sua origem.

Outro grande mérito da obra encontra-se na inclusão das vozes dos egressos. Ao compartilharem suas memórias, experiências e percursos profissionais, eles demonstram que o legado dos cursos não se encerra na universidade. Ao contrário, projeta-se nas escolas, nas universidades, nas instituições culturais, nos espaços de gestão educacional e em tantos outros contextos em que esses profissionais exercem sua atuação. Seus depoimentos evidenciam que a formação recebida permanece viva, constituindo referência para práticas pedagógicas, escolhas profissionais e compromissos éticos assumidos ao longo da vida.

Essas narrativas conferem ao livro uma dimensão profundamente humana. Elas mostram que ensinar e aprender são experiências que

deixam marcas duradouras e que a memória institucional se fortalece quando acolhe diferentes perspectivas, diferentes tempos e diferentes olhares. O diálogo entre docentes, egressos e a própria história dos cursos produz uma narrativa rica, plural e sensível, capaz de emocionar aqueles que fizeram parte dessa trajetória e de inspirar aqueles que agora começam a construí-la.

Também merece destaque o rigor com que documentos históricos, fotografias, registros institucionais e depoimentos foram articulados. Longe de constituírem apenas um acervo documental, esses materiais dialogam entre si, oferecendo ao leitor uma compreensão ampla da evolução dos cursos de Letras e Pedagogia e da contribuição que ambos ofereceram para a educação regional e nacional.

Ao reunir história, memória e testemunhos, esta obra reafirma que preservar o passado não significa apenas recordar acontecimentos. Significa compreender os valores que sustentaram uma instituição ao longo do tempo e reconhecer que sua identidade foi construída coletivamente, por sucessivas gerações de professores, estudantes, gestores e colaboradores que acreditaram na educação como instrumento de transformação social.

Ao concluir estas palavras, registro minha admiração pelos organizadores desta obra, que souberam transformar documentos e lembranças em uma narrativa sensível, consistente e historicamente relevante. Este livro preserva uma memória institucional preciosa, mas, sobretudo, revela a força das vozes que lhe deram origem e continuam ecoando muito além dos muros da universidade.

Que ***Vozes e Memórias*** seja lido como um tributo aos que construíram essa história, uma fonte de pesquisa para as futuras gerações e um convite permanente à valorização da educação, da formação docente e da memória universitária.

Boa leitura.

Vanilde Bisognin
Pró-reitora Acadêmica - Universidade Franciscana-UFN

APRESENTAÇÃO

A obra *Vozes e memórias: 70 anos dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Franciscana* integra a coleção *Ensino e Educação*, Volume III, reunindo textos redigidos por professoras universitárias que atuam ou atuaram nos cursos de Licenciaturas, contribuindo com a formação inicial de professores. O livro é comemorativo aos 70 anos dos referidos cursos e a ideia central das autoras é rememorar a trajetória trilhada ao longo desses anos, dando vida às vozes docentes e vozes de egressos(as), sem descuidar dos aspectos históricos inerentes aos cursos de Letras e Pedagogia.

O primeiro capítulo, intitulado *Licenciaturas em Letras e Pedagogia: da ideia à consolidação*, de autoria da Prof.^a Iraní Rupolo, revisita a história e evidencia a importância dos cursos de Letras e de Pedagogia desde a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Imaculada Conceição (FIC) à Universidade Franciscana (UFN). A autora reforça que a educação superior no Brasil, da origem aos dias atuais, percorreu, junto com as instituições de ensino superior, uma trajetória que abriu caminhos e construiu modelos de formação de professores, tanto em contextos regionais quanto em âmbito nacional. Essa trajetória contribuiu para moldar o cenário educacional e cultural das regiões e do país. Em sua conclusão, a autora, afirma que as licenciaturas, nesta Universidade, foi uma construção coletiva e permanente, que honra a origem enquanto projeta o futuro preparando professores aptos a promoverem o pensamento crítico, o letramento e a autonomia dos estudantes na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e culturalmente rica.

O segundo capítulo, *Entre memórias e formação: a trajetória docente de Nilsa Reichert Barin*, abre a seção *Vozes Docentes*. De autoria de Denize da Silveira Foletto, a reflexão parte de um horizonte teórico e sensível para narrar o encontro com a sua entrevistada, professora Nilsa Barin. Segundo a autora, em sua trajetória, ela condensa memória, reconhecimento e pertencimento, sendo um território fértil para pensar, sentir e reconhecer-se no saber da experiência. É, portanto, dessa compreensão

que emerge o texto da autora, como tentativa de registrar não apenas uma trajetória profissional, mas também os sentidos que dela irradiam.

Compõe o terceiro capítulo o artigo intitulado, *Professora dra. Maria Eulália Albuquerque e a transformação de gerações por meio do ensino da Língua Portuguesa*, de autoria de Amanda Rampelotto Löbner e Adriana Claudia Martins. As autoras relatam que é em um jardim simbólico da memória que a narrativa de Maria Eulália encontra seu desfecho, em uma permanência transformada em palavras. A FIC havia sido seu primeiro lar acadêmico da entrevistada, o lugar onde ela aprendeu a ser não apenas professora, mas educadora no sentido mais profundo da enunciação. As sementes plantadas naquelas salas de aula noturnas germinaram em escolas por toda a região, transformando gerações através do ensino da língua portuguesa, concluem as autoras.

Com a palavra Marilene Gabriel Dalla Corte, a história de uma professora e gestora do Curso de Pedagogia, texto redigido por Fernanda Figueira Marquezan, está no quarto capítulo desta obra. A autora destaca que a trajetória profissional da professora Marilene configura-se como uma narrativa relevante no campo da formação de professores no Brasil, articulando, ao longo da atuação, experiências na educação básica, na educação superior e na gestão educacional. No desfecho do texto, a autora ressalta que a narrativa permite evidenciar como experiências profissionais singulares podem contribuir para a produção de saberes pedagógicos, profissionais, experienciais e institucionais relevantes para o campo da formação de professores

No contexto de vozes de egressos(as), o quinto capítulo denomina-se *Memórias e registros de Daniela Nascimento: vivências no curso de Pedagogia*, de autoria de Noemi Boer. A autora apresenta a trajetória formativa de sua convidada que marcou, com sensibilidade e inteligência, momentos importantes do curso de Pedagogia. Atualmente, a entrevistada atua como mentora e gestora da ONG *Royale Escola de Dança e Integração Social* e desenvolve um relevante trabalho, voltado ao ensino de *ballet clássico* às crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Assim, as narrativas apresentadas constituem-se em um material que permitem

rememorar os significados e as avaliações construídas pela egressa, em relação à sua experiência no curso de Pedagogia e aos desdobramentos dessa formação em sua vida pessoal e profissional.

Na voz do professor e dr. João Luís Pereira Ourique, uma travessia entre o vivido e o narrado, texto de *Adriana Claudia Martins*, integra o sexto capítulo desta obra. Neste texto, a autora reconstrói, a partir da narrativa do egresso, uma trajetória marcada pela formação acadêmica, pela memória e pelo pertencimento institucional. Em diálogo com as lembranças do entrevistado, a autora revisita a experiência vivida no Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Franciscana, evidenciando como a formação inicial ultrapassa os limites da sala de aula e se constitui como processo contínuo de humanização, reflexão crítica e construção profissional. Entre memórias de professores, eventos, desafios acadêmicos e conquistas pessoais, o texto revela a força transformadora da educação e o papel da universidade na constituição de sujeitos comprometidos com o conhecimento, a docência e a cultura. Ao entrelaçar memória individual e história institucional, o capítulo demonstra como a experiência universitária permanece viva, ressignificando trajetórias e fortalecendo vínculos que se prolongam para além da graduação.

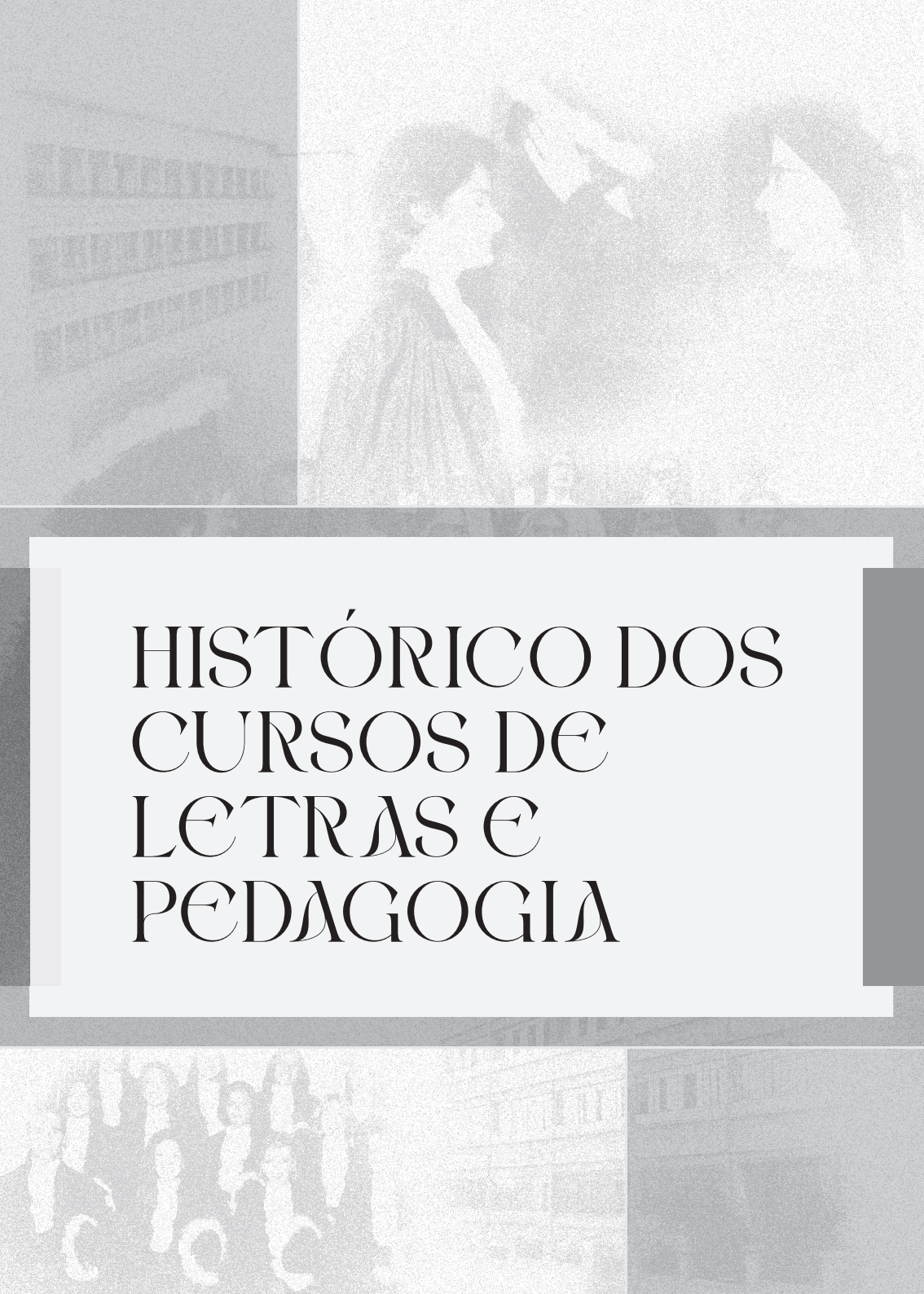
Eliane Aparecida Galvão dos Santos, dedicou-se à escrita do sétimo capítulo do livro, nomeado *Sete décadas do curso de Pedagogia e os impactos na construção identitária da profissão: narrativas de Gisele Bauer Mahmud*. A autora apresenta a trajetória formativa e profissional da egressa do Curso de Pedagogia e atual Secretária Municipal de Educação de Santa Maria, RS. A partir de uma entrevista narrativa, o texto evidencia como a formação recebida na instituição contribuiu para a construção de sua identidade docente e gestora, destacando o papel dos professores, das experiências acadêmicas e do compromisso com a educação na constituição de uma trajetória marcada pela liderança e pela transformação social. Ao revisitar memórias da graduação e articulá-las com os desafios e conquistas da vida profissional, a autora do texto reafirma impactos do Curso de Pedagogia, evidenciando sua contribuição para a formação de educadores comprometidos com a excelência, a humanização e a construção de uma educação transformadora.

A obra *Vozes e memórias: 70 anos dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Franciscana* constitui um mosaico de histórias, experiências e trajetórias que revelam a profunda contribuição desses cursos para a formação humana, acadêmica e profissional de gerações de egressos. Por meio de narrativas marcadas pela memória, pelo pertencimento e pela reflexão sobre os caminhos percorridos, os capítulos resgatam não apenas a história institucional, mas também os impactos da formação recebida na construção de projetos de vida, carreiras e compromissos sociais.

Ao reunir vozes que testemunham sete décadas de dedicação à educação, à linguagem e à formação de professores, esta obra celebra um legado construído coletivamente e reafirma a Universidade Franciscana como espaço de conhecimento, transformação e esperança, cuja história continua sendo escrita pelas pessoas que nela aprenderam, ensinaram e encontraram inspiração para transformar o mundo.

Convidamos aos leitores e leitoras a percorrerem nestas páginas com a sensibilidade de quem escuta histórias e reconhece nelas a força transformadora da educação. Cada capítulo oferece um encontro singular com memórias, desafios, conquistas e aprendizados que ajudam a compreender a trajetória dos cursos de Pedagogia e Letras e sua relevância para a sociedade. Mais do que recordar o passado, esta obra propõe uma reflexão sobre os vínculos que unem pessoas, instituições e saberes ao longo do tempo, inspirando novas gerações a dar continuidade a esse legado de formação, compromisso e humanização.

As organizadoras,
Adriana Claudia Martins e Noemi Boer

The background of the cover is a collage of historical images. The top left shows a building facade with arched windows. The top right features a faded portrait of a woman in profile, wearing a dark dress with a white collar. The bottom left shows a group of people in historical clothing, possibly a classroom or a group portrait. The bottom right shows a building facade with a large arched entrance.

HISTÓRICO DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA

LICENCIATURAS EM LETRAS E PEDAGOGIA: DA IDEIA À CONSOLIDAÇÃO

Prof.^a Iraní Rupolo

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo revisitar a história e evidenciar a importância dos cursos de Letras e de Pedagogia desde a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Imaculada Conceição (FIC) à Universidade Franciscana (UFN). A educação superior no Brasil da origem aos dias atuais percorreu, junto com as instituições de ensino superior, uma trajetória que abriu caminhos e construiu modelos de formação de professores, tanto em contextos regionais quanto em âmbito nacional. Promoveram-se estudos e, em diferentes tempos históricos, foram definidas diretrizes para a formação docente tanto para a construção do conhecimento quanto para a formação prática e do perfil profissional. Essa trajetória contribuiu para moldar o cenário educacional e cultural das regiões e do país.

Localizada na cidade de Santa Maria, coração do Rio Grande do Sul, a FIC, a partir de meados do século XX tornou-se um polo irradiador e um marco na formação de gerações de professores. Para além de uma cronologia institucional, este texto analisa o impacto transformador dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia no cenário regional e nacional. Destacam-se o pioneirismo e a excelência acadêmica da Instituição, especialmente na formação de profissionais em que se entrelaçam ciência e filosofia franciscana na formação acadêmica contribuindo para a qualidade da educação básica e superior.

A narrativa aqui proposta estrutura-se na compreensão de que o ensino superior desempenha um papel dinamizador do desenvolvimento educacional, socioeconômico e cultural. Ao revisitar o legado da FIC, busca-se compreender a identidade institucional da Universidade Franciscana

firmada para além de um registro do passado em fundamentos éticos e intelectuais que prosseguem na formação de professores. Os profissionais egressos dos cursos de Letras e de Pedagogia impactaram, por meio de sua atuação o desenvolvimento da sociedade tornando-a mais letrada, crítica e propositiva frente à complexidade da educação na contemporaneidade.

DA FACULDADE DE LICENCIATURAS À UNIVERSIDADE

A Universidade Franciscana de Santa Maria - RS, mantida pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte, pertence às Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, Congregação fundada na Holanda em 1835, a qual tem abrangência internacional.

A vinda desta Congregação ao Brasil, data de 1872, período em que nosso país oportunizava perspectivas de futuro para a vida de famílias de imigrantes europeus. Esses, em grande número, buscaram a região sul do Brasil. No período monárquico, conforme afirma BELÉM (2000, p. 209) “*problema difícil de resolver era a Instrução Pública no Rio Grande do Sul*”. Naquele contexto, em que havia ausência de escolas de *instrução de crianças e jovens*, conforme a linguagem da época, a Congregação acolheu o pedido do Padre Guilherme Feldhaus, superior dos padres jesuítas, e enviou Irmãs para atenderem, especialmente, a famílias de imigrantes vindos da Alemanha. Iniciaram de imediato na cidade de São Leopoldo o ensino em escolas de curso primário.

Naquelas circunstâncias, as professoras aprendiam com seus alunos a língua, os costumes, a cultura. O sorriso certamente dissipava o severo modelo pedagógico vigente. Em estreito espaço de tempo as escolas acolheram muitos alunos. A falta de escolas e o reconhecido desempenho das Irmãs professoras influenciaram a imediata expansão de escolas para outras cidades.

Devido à ampliação de localidades em que se situavam novas escolas e para melhor realizar a gestão educacional constituiu-se, no ano de 1903, a organização civil da Congregação Religiosa e estabeleceu-se uma entidade jurídica com a denominação de Sociedade Caritativa e Literária

São Francisco de Assis. A presença da Congregação por meio de instituições educacionais estendeu-se a outras regiões do Estado. Diante das circunstâncias de ensino foi necessário o desmembramento da entidade. Desse modo, a de origem passou a denominar-se Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Central, sediada em São Leopoldo/RS. A nova entidade denominou-se Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte, foi constituída em 31 de julho de 1951, com sede na cidade de Santa Maria/RS. Em período anterior a esse desmembramento, a Congregação havia criado, no ano de 1905, na cidade de Santa Maria/RS, o Colégio Franciscano Sant'Anna.

Desde o início do século XX a cidade de Santa Maria era conhecida como importante unidade do Exército Brasileiro e da Brigada Militar do Estado. Essas organizações do Estado contribuíram para a segurança e o aumento populacional. Com a instalação da Rede Ferroviária, no ano de 1905, a região central do Rio Grande do Sul desenvolveu-se intensamente e tornou Santa Maria importante entroncamento ferroviário do Estado. A presença da população ferroviária favoreceu outros avanços no desenvolvimento urbano. No período de 1950 a 1960, conforme IBGE, o aumento demográfico foi em torno de 40.000 pessoas (Flores; Corrêa, 2015).

O apogeu do transporte ferroviário no Estado ocorreu entre os anos de 1910 e 1950. Nesse período, a maioria dos trens da Rede Ferroviária do Rio Grande do Sul passava por Santa Maria. A cidade contava com a Viação Férrea como importante base de sustentabilidade econômica. Ao recordar a conjuntura da cidade e o cenário em que se encontrava a juventude e o empenho das famílias para a educação dos filhos observou Irmã Consuelo:

Aquela sugestão devia concretizar-se. Era uma necessidade inadiável, a criação de imediato de escolas superiores em Santa Maria. Anualmente, enorme era o número de jovens que daqui partiam para a Capital, em busca de um curso superior. E Santa Maria ficava deserta... se assim se pode dizer: a juventude com seus sonhos, com seu encanto, com sua alegria, deixava sua terra natal, deixava seus familiares,

deixava seus amigos e colegas. E os que não dispunham de recursos? Como resolver o problema?

Não faltaram mestres que deram o melhor de si para que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição se tornasse, muito em breve uma esplêndida realidade, um rico celeiro de formação de professores para que o ensino, no Brasil, continuasse a sua marcha ascensorial levando-o através da educação ao desenvolvimento de todas as suas ricas potencialidades (Silva, 1997, p. 35-36).

A experiência educacional e a credibilidade das Irmãs Franciscanas diante da sociedade, contribuíram como relevantes componentes para a criação do Ensino Superior. Conforme consta no Protocolo 22 - Nº 8/53, da reunião do Conselho das Irmãs Franciscanas da Província do Imaculado Coração de Maria, realizada aos 19 de novembro, constituída por Madre Maria Antoninha Werlang, Irmã Maria Elenara Vogel, Irmã Maria Norbertina Sehnem e Irmã Maria Nelcinda Braun, nessa reunião foi decidida a *“fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição”*.

A Associação Pró-Ensino Superior de Santa Maria aos 19 de dezembro de 1953, em reunião presidida pelo Dr. José Mariano da Rocha Filho, contando com a presença de Irmã Consuelo Silveira Netto, Irmão Gelásio Mombach, Monsenhor Frederico Didonet, Padre Leônidas Maximiliano Didonet, Dr. Hélio Helbert Santos, Dr. Miguel Seví Viero, Madre Elenara Vogel e Madre Antoninha Werlang com o objetivo de analisar as condições da cidade para implantar a educação superior. Irmã Antoninha, na qualidade de presidente da mantenedora, comunicou a decisão do Conselho Provincial que, em reunião oficial, aprovara a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Por sua vez, a Associação comprometeu-se a colaborar com o projeto de criação da Faculdade.

A ideia lançada encontrou ambiente propício. Movimentou lideranças em favor da educação superior na cidade em vista dos benefícios que esse projeto, uma vez concretizado, traria para a região central do Estado. Graças à visão de futuro daquelas lideranças conduzidas a partir de então, por Irmã Consuelo Silveira Netto, a criação de cursos superiores trouxe

para muitos jovens, oportunidades reais de construir sua formação no ensino superior.

A Província do Imaculado Coração de Maria delegou à Irmã Carmem Silveira Netto competência para agilizar os procedimentos administrativos e de articulação política na condução desse objetivo. O ano de 1954 foi de frequentes viagens ao Rio de Janeiro, então Capital do Brasil para encaminhar e acompanhar junto aos órgãos do governo federal o processo em pauta. A partir desse marco inicial, seguiram-se outras etapas de planejamento e articulação em vista da autorização de criação da Faculdade e do funcionamento dos cursos. Neste trâmite, foi importante a contribuição do Deputado Federal Tarso Dutra.

Consta nos registros de reconhecimento do Inspetor Federal em ofício datado de 19 de março de 1954, dirigido ao Diretor de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura sua anuência favorável ao processo da Faculdade ao afirmar “*a Província das Irmãs Franciscanas, por meio da Mantenedora SCALIFRA, demonstrava competência e as condições de manter a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e reafirma os cursos pleiteados de Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas*”. O documento cita, também, o limite de 40 alunos para cada curso. Nesse documento consta a relação de professores prevista para os cursos de Letras:

Letras Clássicas: *Língua e Literatura Grega, pe. João Chrysostomo Drábeck; Língua e Literatura Latina, Albino Seibel; Língua Portuguesa e Filologia Românica, Maria Antunes Bernardes; Literatura Brasileira e Portuguesa, Carmen Silveira Netto (Irmã Consuelo).* Para o curso de **Letras Neolatinas:** *Língua Latina, Antonio Seibel; Língua Portuguesa, Maria Antunes Bernardes; Literatura Brasileira e Portuguesa, Língua e Literatura Francesa, Carmen Silveira Netto; Língua e Literatura Italiana, pe. Francisco Roggia; Língua e Literatura Espanhola, frei Octavio da Incarnação; Filologia Românica, Maria Antunes Bernardes.* Para o curso de **Letras Anglo-germânicas:** *Língua Latina, Antonio Seibel; Língua Portuguesa, Maria Antunes Bernardes; Literatura Brasileira e Portuguesa,*

Carmen Silveira Netto; Língua e Literatura Inglesa, Thecla Leopoldina Rambo (Irmã Antônia); Língua e Literatura Alemã, irmão Érico João Riederer (FIC, 1954).

As finalidades de uma Faculdade, dito na forma atual, têm relação intrínseca com o projeto educativo institucional, o projeto do curso e o corpo docente. Em uma cidade localizada no interior do Estado, no extremo sul do país, a aprovação de um curso de graduação seria possível somente se confirmado um quadro docente que assegurasse ao Ministério da Educação, credibilidade de conhecimento e competência didática. O Relatório de Avaliação confere que esses quesitos foram plenamente atendidos.

O curso de Pedagogia formava o bacharel e compreendia três anos de estudos. Encontra-se registrado no Relatório acima citado, o corpo docente previsto para esse curso o qual se descreve a seguir:

Complementos de matemática: Maria Augusta Silveira Netto (Irmã Felicidade); Fundamentos biológicos da educação (não consta); Psicologia educacional: Pe. José Busato, SAC; Estatística educacional: Victor Schuch; História e filosofia da educação: Elisabbeth Maria Ley (Irmã Evódia); Administração escolar e comparada: José Francisco Pinto de Moraes; Introdução à teologia e Teologia dogmática: Monseñor Frederico Didonet (FIC, 1954).

Em etapas subsequentes, o processo transcorreu com pleno êxito. Comprova-se essa afirmativa ao considerar que, a Comissão do Ensino Superior do Ministério da Educação foi favorável e autorizou o concurso vestibular de alunos pelo Parecer 40/55, aos 21 de março de 1955. A culminância do processo foi confirmada pelo Presidente João Café Filho ao assinar o Decreto nº. 37.103, em 31 de março de 1955, que autorizou o funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), com os cursos de Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas.

Aos dois de abril de 1955 o Jornal A Razão publicou a notícia:

Autorizada pelo Presidente da República, a Faculdade de Filosofia, Júbilo na Cidade. Uma notícia deveras alvissareira para a cidade universitária: segundo comunicação recebida, o Presidente da República, sr. Café Filho, por decreto de ante-ontem autorizou o funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Maria. O documento do chefe do governo tomou o número 37.103.

Tão logo foi recebida a comunicação pela direção da Faculdade, todos os círculos ligados ao ensino manifestaram-se jubilosos com mais esse empreendimento, que integra no patrimônio universitário da cidade, mais uma escola de ensino superior juntando-se a Faculdade de Filosofia às Faculdades de Farmácia, Medicina e de Ciências Econômicas e, ainda, a Escola Superior de Enfermagem.

O dr. José Pinto de Moraes, diretor da Faculdade e as Irmãs Franciscanas, que se constituem em entidade mantenedora tomarão as medidas necessárias para a realização dos vestibulares e início das aulas (Quadros, 2005, p.7).

A dinâmica de instalação da Faculdade seguiu de modo ágil, pois aos doze de abril de 1955, publicava-se no Jornal A Razão o edital para o concurso vestibular aos cursos de Letras Anglo-germânicas e de Pedagogia, com 40 vagas cada curso. O edital foi assinado por Irmã Felicidade, secretária da Faculdade. Aos treze de abril o edital, foi também publicado no Diário do Estado. Desse modo, realizado o concurso vestibular, iniciaram-se ainda no mês de abril as aulas dos cursos de Letras com 13 alunos e de Pedagogia com 28 alunos, ao todo, 41 estudantes. Para o funcionamento imediato, a Faculdade utilizou as dependências do Colégio Sant'Anna, pertencente à mesma entidade mantenedora.

Foi densa e fecunda a construção: nomeada a equipe diretiva, realizaram-se os preparativos para o vestibular a seguir atenderam-se as matrículas, professores preparavam as aulas, profissionais edificaram os prédios, outros produziram móveis, os preparativos necessários foram providos. Enfim, a construção foi colaborativa.

Naquela conjuntura, tinham ciência as fundadoras da Faculdade que os cursos a serem iniciados tinham em suas finalidades descritas no 1º Regimento “a) *formar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal*; b) *promover e facilitar a prática de investigações originais*; c) *contribuir para o desenvolvimento de uma cultura intelectual, informada pelos princípios cristãos e pelas diretrizes pontifícias*” (Silva, 1997, p.82). Este, na época, formava professores para o curso primário. Portanto formar profissionais da educação consistia em incidir na escola primária e nos cursos secundários. Conforme declarou Irmã Consuelo “*Era uma grande e promissora arrancada em prol da dinamização do ensino superior em nossa cidade*” (Silva, 1997, p.36).

A instalação oficial da Faculdade aconteceu aos 27 de abril. A aula inaugural foi proferida pelo Irmão José Otão, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que em seu pronunciamento assevera que uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras por estar inserida na área da ciência pura reclama acentuado devotamento, constância e persistência da parte dos dirigentes. Exigirá tempo para maturar plenamente e trazer frutos do esforço despendido. E prossegue com elevado entusiasmo ao declarar que o ensino superior encontra-se no domínio da cultura e, portanto, do cultivo do ser humano do qual nasce a sabedoria. Nesse entendimento, declara que a FIC é uma escola superior católica, motivo de glória e também, um começo de responsabilidade (Silva, 1997, p.58). Ainda, completa com veemente estímulo ao empreendimento que se inicia:

A Faculdade de Filosofia é por si só uma verdadeira universidade cultural. Embora iniciados apenas dois cursos, logo serão quatro, oito ou mais... Serão tantos quantos a legislação o permitir. Mas independentemente de ser ela uma Universidade Cultural, constitui outrossim a pedra angular do edifício de cultura tão sonhado, tão almejado, tão querido pelo povo santa-mariense: a Universidade de Santa Maria (Silva, 1997, p.58).



Irmão José Otão, Reitor da PUC RS,
na aula inaugural da FIC aos 27 de abril de 1955.

A Faculdade que há dois anos fora uma ideia, tomou forma concreta, tornou-se realidade. Começava nova etapa: os estudantes abrindo novo tempo, os professores investidos de responsabilidade e entusiasmo, a direção empenhada de que o ensino superior irradiasse conhecimento, cultura e desenvolvimento humano. Todos hauriram da aula inaugural estímulo para o sonho e motivação para realizá-lo. Os eventos celebrativos conduziram a um novo tempo, o real funcionamento da nova Faculdade.

A sociedade santa-mariense, especialmente os profissionais da educação e as famílias, aguardavam com expectativa as mudanças que a formação de professores deveria trazer para as escolas e o desenvolvimento cultural e social da cidade. Neste contexto, sabe-se que:

Desde 1905 existiam escolas na cidade, oriundas da iniciativa da Ferrovia, bem como o ensino passou a ser ampliado no município a partir de então, com as escolas católicas e metodista. Isto porque, devido ao grande aumento populacional no período (1900-1920), eram necessárias mais escolas para atender à demanda. Na década de 1910, a rede

municipal contava com 15 escolas, em 1920 com 33 e na década de 1930 chegara a 60. Esse expressivo número de escolas trouxe a Santa Maria grande prestígio no aspecto da Instrução Pública Municipal. O mais preocupante, no entanto, era a fragilidade da qualificação dos professores. A partir da segunda metade do século XX, através da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição, tal fragilidade na formação de professores, foi, gradativamente, solucionada (Correa; Rossi *Apud*, Flores, A. R.; Correa, R. C. (2015).

A criação da FIC, além de proporcionar o acesso ao ensino superior contribuiu notadamente, por meio de vários cursos de formação de professores para uma significativa mudança na educação básica, e elevou a estima dos habitantes da cidade.

A missão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição era a formação de professores, ministrando cursos de licenciatura. Observa-se que a dinâmica de criação de cursos de formação de professores foi vigorosa. Em uma década foram criados os cursos de: Letras Anglo-Germânicas (1955-1963); Pedagogia: Magistério (1955-1999); Letras Neolatinas (1957-1963); História (1957); Filosofia (1958); Pedagogia: Didática (1958-1963); Geografia (1959-2019); Matemática (1959); Letras: Português-Francês (1963-1984) e Letras: Português-Inglês (1963); Estudos Sociais (1969-1985); Pedagogia: Administração Escolar (1974-1979); Pedagogia: Ensino Médio (1998-2007); Pedagogia: Anos Iniciais (1999-2011); Pedagogia: Educação Infantil (1999-2010); Pedagogia: Tecnologia Educacional (1996-2001). (UNIFRA, 2004).



Prédio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - ano de 1970

A FIC prosseguiu em desenvolvimento, fato que se demonstra pela criação e reconhecimento de dez cursos de graduação em licenciatura no período de 1955 a 1963. Nos anos subsequentes, a Faculdade expandiu sua atuação em cidades próximas.

Considerada a presença das Irmãs Franciscanas, que mantinham o Colégio Sagrado Coração de Jesus e o Hospital Santa Cruz, a Associação Pró-Ensino de Santa Cruz do Sul solicitou a extensão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição, o que ocorreu no ano de 1967 com os cursos de Filosofia, Letras e Pedagogia e, no ano seguinte, o curso de Estudos Sociais. Essa cooperação manteve-se até 1971, quando os cursos passaram a pertencer à UFSM. Esse período foi de novos empreendimentos, pois a FIC criou e manteve sob sua administração, na cidade de Alegrete/RS, os cursos de Letras: Português/Inglês e Português/Francês nos anos de 1969 a 1971 e, na cidade de São Gabriel, o curso de Estudos Sociais no período de 1968 a 1971. Posteriormente, esses cursos foram incorporados à Fundação Educacional de Alegrete e de São Gabriel (Barin, 2005).

Em décadas subsequentes, em novo modelo acadêmico as Faculdades Franciscanas tomaram impulso na organização e crescimento institucional. No limiar do século XXI passou para a modalidade acadêmica de Centro Universitário e, em 2018, foi reconhecida como Universidade. Milhares de estudantes, técnico-administrativos e professores estudaram, trabalharam, passaram e seguem nesta Faculdade de origem. Suas mentes e seus corações deixaram parte de si e levaram seu pertencimento. O espírito, a filosofia, a ciência e o saber perpassam a sociedade brasileira por meio dos profissionais aqui formados.

A Universidade Franciscana alcançou legitimidade acadêmica e social pela construção da qualidade universitária. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras fez um processo de maturidade e de transformação. Da inspiração e do pensamento de Irmã Consuelo, o que disse tornou-se realidade: *“A semente fora lançada em terreno fértil. O grão de mostarda iria desenvolver-se, tornar-se árvore, dar muitas flores, muitos frutos, multiplicar-se pelo mundo a fora...”* (Silva, 1997, p.310). A Universidade atingiu essa predição e se constituiu em uma comunidade acadêmica que tem em seu projeto educativo a visão fortalecida pela ampliação de campos do saber, qualidade pedagógica e científica com o objetivo da formação humana e profissional.

TRAJETÓRIA DOS CURSOS DE LETRAS E DE PEDAGOGIA

Os cursos de Letras Anglo-germânicas e de Pedagogia foram os pilares da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), pelo início das atividades acadêmicas em abril de 1955. Aquele começo foi modesto, porém significativo, e marcou com pioneirismo a formação de professores em Santa Maria.

O Sistema Educacional do Brasil, tem historicamente uma organização tardia. O cerne da educação superior tem uma trajetória permeada de um complexo entrelaçamento de fatores históricos, sociais, políticos e educacionais que moldaram a identidade e a cultura do povo brasileiro. Desse modo, pode-se compreender que embora as primeiras faculda-

des tenham surgido no século XIX em nosso país, as universidades se constituíram somente a partir do século XX. Estruturas geopolíticas e culturais retiveram o desenvolvimento educacional e isto repercute na formação da sociedade brasileira. Nota-se que, existe estreita relação entre as estruturas sociais e a educação, de modo que o setor educacional ao mesmo tempo que exerce influência sobre a realidade social é também por ela influenciado.

Nessa perspectiva, formar professores constitui pilar fundamental para o desenvolvimento humano e a melhoria educacional em qualquer nação. Conhecer a história da educação é importante para compreender e atuar diante dos desafios contemporâneos. Saber sobre o passado, é condição para projetar perspectivas futuras da educação. Com essa intencionalidade, discorre-se sobre o caminho traçado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição por meio dos cursos de formação de professores.

CURSO DE LETRAS

O Curso de Letras da FIC, desde sua fundação, promoveu a formação profissional para a docência e a elevação da cultura. A Irmã Carmen Silveira Netto (Irmã Consuelo), personalidade central na criação da faculdade, destacava a importância da literatura como importante componente da educação e formação humana. Em entrevista realizada no dia 29 de novembro de 2000 por professoras do curso de Letras do Centro Universitário Franciscano, Irmã Consuelo, destacou com espontaneidade: *“A literatura educa a gente, projeta a gente. Em toda a parte, em que estive, nos países que visitei, senti-me em casa, graças às obras que li. A literatura nos ensina a dar, e é preciso dar para aprender a receber. Ela é a palavra”*. Esse depoimento expressa o forte vínculo da educadora com o ensino e o amor às letras.

A direção da Faculdade Imaculada Conceição manteve-se atenta e seguiu as metas projetadas para o funcionamento e posterior reconhecimento dos cursos. Desse modo, em 27 de março de 1957, pelo Decreto

nº 41.211 foi autorizado o funcionamento do Curso de Letras Neo-latinas. Também naquele ano, aos 12 de dezembro, pelo Decreto nº 42.801 foi reconhecido o curso de Letras Anglo-germânicas. Por sua vez, o curso de Letras Neo-latinas obteve reconhecimento aos 16 de dezembro de 1959, pelo Decreto nº 47.437. A partir do ano de 1963, os cursos de Letras Anglo-germânicas e Neo-latinas passaram a denominar-se, respectivamente, Letras Inglês e Letras Francês.



Alunos do Curso Letras Anglo-Germânicas, 1957

A Faculdade Imaculada Conceição em acordo com a regulação do ensino superior passou a oferecer, em 1968, o Curso Polivalente de Letras (licenciatura curta), o qual já se encontrava em funcionamento como projeto de extensão na cidade de Santa Cruz do Sul desde 1967. A iniciativa de extensão de cursos expandiu-se, também, para as cidades de Alegrete e São Gabriel. O corpo docente era formado majoritariamente por egressos da FIC.

Novo tempo da educação nacional propunha a atender à Lei 5.692/71 que determinou a reforma do ensino básico organizado em 1º grau (8 anos) e 2º grau (3 anos) com a possibilidade de formação profissional no 2º grau. Com esse objetivo, o curso de Letras proporcionou,

no ano de 1974, três habilitações: Português-francês, Português-inglês e Português. Essa modalidade teve, também, uma habilitação em língua italiana cuja duração foi efêmera. O curso de Português-francês realizou seu último vestibular no ano de 1980 e o encerramento do curso, devido à baixa procura, ocorreu com a formatura em 1985. Seguiram em ofertas distintas, os cursos de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa e, Letras: Língua Inglesa e respectivas Literaturas (Barin, 2005).

A partir de então, o curso de Letras desenvolveu outras iniciativas. Encerrou-se a modalidade de licenciatura curta e as aulas passaram a funcionar exclusivamente no período noturno, houve transformações no currículo em vista do aprimoramento e da adequação à realidade educacional no Estado e no País. Em período recente, em observância à regulação expedida pelo Ministério da Educação, o curso de Letras tem duração de cinco anos e habilita licenciados em Português e Inglês.

Com o propósito de manter a qualidade acadêmica, os cursos de Letras têm se empenhado na experiência formativa dos alunos, autoavaliação e atenção a avaliações externas. Frente aos desafios e avanços da contemporaneidade, embora haja dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem e, ainda, diante de adversidades decorrentes da desvalorização da profissão docente, os dirigentes e o corpo docente da Universidade Franciscana persistem em formar profissionais em Letras e a acreditar na força transformadora da educação.

Revisitar essa história é um modo de trazer à luz fatos e experiências que nos aproximam da verdade e encorajam a prosseguir acreditando no valor da educação para as pessoas e a sociedade. No decorrer dos tempos, por vezes, as razões que justificaram decisões podem ser esquecidas. No entanto, é particularmente agradável fazer esse percurso. A narrativa torna-se como retrato de uma viagem autêntica. Revela uma trajetória permeada de acontecimentos, mas constituída por pessoas. Tudo parece ter acontecido em um só tempo, tudo converge, parece revelar um tesouro escondido.

CURSO DE PEDAGOGIA

A formação de professores no Brasil teve início quando dos primeiros tempos da regulação educacional. Ganhou contornos mais definidos com a criação das primeiras faculdades de filosofia a partir do século XIX. Os cursos de Filosofia tinham, então, o acréscimo de um ano destinado a didática e habilitava para a docência. O modelo conhecido como três mais um consistia em três anos de conteúdo específico e um ano de disciplinas pedagógicas. Este modelo por várias décadas, expressou a concepção de formação de professores que priorizava o saber disciplinar em detrimento da formação pedagógica.

O Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição cuja história teve início em 1955, é notável exemplo dessa trajetória. Inicialmente a Faculdade oferecia cursos de licenciatura em Pedagogia, Letras, História, Filosofia, Geografia e Matemática. O curso de Pedagogia tinha duração de três anos para o bacharelado, com um ano adicional para a licenciatura em Didática e habilitava a lecionar Filosofia, História e Matemática no Ginásio e curso Normal. Os currículos caracterizavam-se com ênfase em conteúdos (Barin; Borges, 2005).



Diretora Irmã Consuelo Silveira Neto em solenidade de colação de grau.

Nesse longo período, a formação em pedagogia passou por transformações curriculares em atendimento a mudanças da legislação e do contexto educacional. Observe-se que, no ano de 1962, pelo Parecer nº 292 do Conselho Federal de Educação separou-se a licenciatura do bacharelado e passou-se a formar professores para o ensino Normal. Nova legislação interferiu na organização do ensino universitário. A Lei 5.540 de 1968, conhecida como a Lei da Reforma Universitária, reorganizou o ensino superior no Brasil e implantou o currículo mínimo. Posteriormente, a Resolução nº 2 do Conselho Federal de Educação de 1969 ampliou a formação determinando incluir no curso de pedagogia a habilitação em administração e supervisão escolar. (Quadros, 2005).

Essa fase da formação em Pedagogia, centrada numa visão conteudista, refletia as concepções educacionais vigentes e o modelo de ensino daquele período era voltado para a transmissão de conhecimentos com menor ênfase na formação pedagógica. Tempos de crise na educação foram extremamente ricos de significado, pois mediante a reflexão e a busca de soluções, mais do que no aspecto legal o sentido conceitual e metodológico, geraram saídas construtivas para estudantes, profissionais e instituições. Foi nesse contexto que as transformações da educação repercutiram progressivamente nas transformações sociais.

Em 1989, o curso teve foco na habilitação Magistério, formando professores para atuar em Curso de Magistério do 2º Grau. Com a ampliação do campo da Pedagogia para além do ambiente escolar, em 1990, uma comissão da FIC elaborou um projeto para a criação do Curso de Pedagogia com habilitação em Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau e Tecnologia Educacional, autorizado em 1996. Este novo curso habilitava a atuar em organizações não escolares.

Considerada a importância da educação para a sociedade, o profissional da educação, neste caso o pedagogo, deve empenhar-se no período formativo para construir sólida formação teórica e prática. Já se compreendia naquele período a importância de integrar ensino, pesquisa e extensão em que ambas as experiências contribuem para a construção

do conhecimento como caminho profícuo na formação de profissionais da educação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001 determinaram nova reformulação do curso de Pedagogia, resultando na oferta das habilitações em Magistério da Educação Infantil, Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio, além de núcleos de formação complementar em Gestão de processos educacionais, Trabalho Pedagógico em Âmbito Não-Escolar e Tecnologias da informação e da comunicação na educação. Em contínuas experimentações de concepção, objeto de ensino e aprendizagem, perfil do formando, matriz curricular, metodologias de ensino, entre outras, as instituições e os cursos de Pedagogia sustentaram mudanças e contribuíram para definir a função do profissional de Pedagogia na conjuntura educacional das instituições e do país.

De modo permanente, a formação de pedagogos realizou estudos e reflexões face as transformações culturais, socioeconômicas e tecnológicas da sociedade, pois a função de gestores escolares e de professores tem mudado significativamente. Esse processo requereu no âmbito do curso, mudanças na concepção, objetivos e metodologias. Estabeleceram-se novos padrões de qualidade o que interferiu na reorganização da matriz curricular e das disciplinas.

Tendo em vista o engajamento do estudante de pedagogia em sua formação acadêmica integrou-se em maior profundidade a iniciação científica e à pesquisa como oportunidades de vivência da prática investigativa sobre o objeto de estudo. O objetivo de aproximar o ensino universitário da realidade de trabalho também conduziu a mudanças na concepção de educação, conhecimento, ciência e formação profissional. Essa visão, envolve a capacidade de romper com modelos de prática já existentes e a mover-se a novas formas de ensinar e de aprender em vista a ampliar e dar significado à experiência formativa.

A formação de pedagogos é um processo dinâmico, uma construção permanente da identidade profissional que demanda engajamento contínuo, reflexão crítica e compromisso com a transformação social.

A renovação do conhecimento exige que o pedagogo esteja preparado para lidar com a diversidade cultural e lidar em um mundo interconectado. As rápidas transformações mundiais demandam a formação continuada e a capacidade de aprender, desaprender e reaprender constantemente.



Conjunto III da Universidade Franciscana - área de convivência

No tempo atual a educação integra tecnologias que se apresentam como ferramentas quanto como agentes de transformação e exigem que os professores desenvolvam novas habilidades e estratégias pedagógicas para integra-las de modo significativo no processo ensino e aprendizagem. Nesse contexto, a lucidez ética e a sensibilidade humana são qualidades indispensáveis na profissão docente.

Em um mundo complexo e desafiador o professor tem, entre outras, a função de promover o pensamento crítico, incentivar valores e a autonomia dos estudantes. A formação deve, portanto, formar o professor para ser um profissional reflexivo e comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória dos cursos de Letras e de Pedagogia da Universidade Franciscana, iniciada no ano de 1955 com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Imaculada Conceição (FIC), revela um percurso de maturação que transcende a dimensão acadêmica para se tornar um pilar de desenvolvimento social e cultural na região central do Rio Grande do Sul. A importância desses cursos reside na formação de profissionais que são a base do pensamento crítico, da cultura e da educação. A narrativa deste capítulo, evidencia que a transição da ideia inicial à consolidação institucional foi movida por um “espírito de vanguarda”, coragem, reflexão ética e fidelidade à missão franciscana na formação integral, com especial atenção à habilitação de professores em Letras e Pedagogia.

A evolução dos cursos de Letras e Pedagogia, acompanhou as transformações da sociedade contemporânea. Se no marco inicial o desafio era a interiorização do ensino superior e da educação básica, atualmente a formação de professores demanda uma postura crítica diante do cenário em transformação, da aceleração do desenvolvimento tecnológico e contínua renovação do conhecimento. A relevância desses cursos se acentua ao formar profissionais que são agentes multiplicadores da leitura, da escrita, do desenvolvimento pedagógico e do saber. Nesse cenário, a relação entre teoria e prática fortalecida por renovados marcos regulatórios, consolidou a formação de professores como profissão reflexiva, em que não basta o egresso apresentar competência técnica, mas, requer lucidez ética e sensibilidade humana para mediar valores em um mundo interconectado em vista à formação de cidadãos.

A consolidação da UFN como universidade demonstra que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão foi caminho profícuo para elevar o padrão de qualidade acadêmica. A expansão do número de cursos, a criação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* e a atualização de metodologias de ensino fortaleceram a essência institucional e reforçaram o compromisso original de formar profissionais preparados para aprender, desaprender e reaprender.

Em suma, o legado da FIC e a atualidade da Universidade Franciscana reafirmam a centralidade e a indispensabilidade dos cursos de Letras e de Pedagogia como agentes de transformação social. A história das licenciaturas nesta Universidade foi uma construção coletiva e permanente, que honra a origem enquanto projeta o futuro preparando professores aptos a promoverem o pensamento crítico, o letramento e a autonomia dos estudantes na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e culturalmente rica. Para quem acredita que é possível construir hoje o futuro, tem sentido revisitar o passado.

REFERÊNCIAS

BARIN, N. T. R. (org.). **UNIFRA**, 50 Anos na Educação Brasileira 1955-2005. Santa Maria: Pallotti, 2005.

BARIN, N. T. R. (org.). **SCALIFRA ZN: conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006.

BARIN, N. T. R.; BORGES, Z. S. (orgs.) **O cinquentenário da dialética pedagógica do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria** - 1797-1933. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2000.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO. **Dados estatísticos do Período 1955-2004**. Santa Maria: UNIFRA, 2004.

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS IMACULADA CONCEIÇÃO (FIC). **Relatório do Reconhecimento**. 1954.

FLÔRES, A. R.; CORRÊA, R. C. (orgs.). **CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO: educação e empreendedorismo 1955-2015**. Santa Maria: UNIFRA. 2015.

QUADROS, C. (Org.). **Histórias e memórias dos 50 anos dos cursos de formação de professores do Centro Universitário Franciscano**. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

RUPOLO, I.; BISOGNIN, V.; MARCHIORI, M.R.T.; BARIN, N.T.R.; RODRIGUES, I.O. **Centro Universitário Franciscano: Presença e Importância na Cultura de Santa Maria. SANTA MARIA, CIDADE CULTURA** / Conselho Municipal de Cultura de Santa Maria - Santa Maria: Pallotti, 2003.

SILVA, M. V. S. S. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição”** FIC: 1955-1995: 40 anos de História. Santa Maria: Pallotti, 1997.

UNIVERSIDADE FRANCISCANA. **Projeto Pedagógico Institucional**. Santa Maria: UFN, 2019.

VIDYA Edição Especial. **SCALIFRA 50 anos**. Santa Maria: Pallotti, 2001.



VOZES DOCENTES



ENTRE MEMÓRIAS E FORMAÇÃO: A TRAJETÓRIA DOCENTE DE NILSA REICHERT BARIN NO CURSO DE LETRAS

Denize da Silveira Foletto

INTRODUÇÃO

Ao mergulhar na escrita deste capítulo, compreendo a narrativa autobiográfica como uma experiência formativa que, conforme propõe Jorge Larrosa (2022), constitui-se naquilo que nos acontece, nos toca e nos transforma. Nesse sentido, narrar não é apenas rememorar fatos, mas produzir sentidos sobre a própria trajetória, em um movimento no qual o sujeito se implica, reconhece-se e se reinventa na linguagem.

Foi a partir desse horizonte teórico e sensível que organizei este encontro. Após um primeiro contato via WhatsApp, marcamos nossa conversa. Recordo-me da ansiedade que me acompanhou naquela tarde do dia 13 de outubro de 2025, ao dirigir-me ao “Dani Doce Café”, situado na movimentada Rua Floriano Peixoto, em Santa Maria/RS. Busquei um lugar mais tranquilo, pois intuía que aquele seria um momento de escuta atenta e profunda. Quando ela chegou, reconheci-a imediatamente por sua elegância e pela presença marcante que sempre a caracterizou. Recebi um abraço carregado de afeto, daqueles que condensam memória, reconhecimento e pertencimento. Era a professora **Nilsa Teresinha Reichert Barin** - figura que, para mim, permanece indissociável da docência, mesmo para além das formalidades institucionais.

Professora aposentada do ensino superior desde 2020, Nilsa Teresinha Reichert Barin construiu uma trajetória de mais de 35 anos vinculada ao curso de Letras da Universidade Franciscana (UFN), em Santa Maria/RS, com atuação destacada na área de Linguística Aplicada.

Ao longo de sua carreira, foi membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Letras, coordenadora do curso em duas gestões, Diretora da Área de Artes, Letras e Comunicação da UFN e coordenadora do projeto “O ensino de português como língua adicional” durante duas décadas. Atualmente, atua como revisora de linguagem, mantendo seu vínculo com a palavra, com a formação e com os processos de construção do conhecimento.

Nesse cenário, entre um café e confidências, entre risos, lembranças e emoções, vivi um encontro atravessado pelo afeto com a professora que sempre será minha inspiração. A partir desse encontro, deixei que a conversa fluísse de forma natural, assumindo uma postura de escuta atenta e sensível, consciente de que aquele momento se configurava como um acontecimento singular e irrepetível.

Muito do que penso hoje, o modo como sinto, a maneira como escrevo para mim, para meus(minhas) alunos(as) e colegas de vida, formação e profissão, bem como as produções que desenvolvo nos campos pedagógico, científico e pessoal, decorre de minha trajetória formativa e, de modo muito particular, dos ensinamentos desta professora. Nesse contexto, sua presença em minha formação inscreve-se como experiência que me atravessa e produz sentidos, tornando-se referência constitutiva do meu modo de ser e de atuar. Trata-se, ainda, de uma marca que, certamente, não se restringe à minha trajetória, mas se estende a tantos(as) outros(as) que, assim como eu, foram atravessados(as) por sua docência e por sua forma singular de ensinar e formar.

Foi, portanto, a partir dessa implicação formativa que se deu a escolha de seu nome para esta entrevista, não apenas pela admiração que lhe tenho, mas pela relevância de sua trajetória no campo da formação docente. Trata-se de uma professora com notório domínio do conteúdo e elevada competência docente; intelectualmente rigorosa e exigente, sem abdicar de uma postura humana; firme em suas posições e, ao mesmo tempo, sensível em suas intervenções; desafiadora nas avaliações, sem deixar de ser formadora em cada gesto - características que, à luz da pesquisa narrativa autobiográfica, evidenciam a potência das experiências vividas como espaços de constituição de si e de formação de outros.

Reconheço, em sua trajetória, um território fértil para pensar, sentir e me (re)conhecer nos modos de escrever como um caminhar para si, um percurso no qual muitos(as) outros(as) também habitam e deixam marcas. Trata-se, pois, de um saber da experiência, assentado sob “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (Larrosa, 2022, p. 32). É, portanto, dessa compreensão que emerge este texto, como tentativa de registrar não apenas uma trajetória, mas também os sentidos que dela irradiam.

Como bem aponta Marie-Christine Josso (2010, p. 235), ao refletirmos sobre nossas histórias, somos levados a questionar: “Como me tornei o que sou? Como aconteceu para que eu pense o que penso? E como aprendi o que creio saber, saber-fazer, saber-ser e saber-pensar?”. Foi, então, com esse espírito investigativo e afetivo que iniciei a entrevista.

Apresentei à professora Nilsa a proposta e o desejo de conhecer mais profundamente sua trajetória. Expliquei que a entrevista se transformaria em um capítulo de livro em comemoração aos 70 anos dos Cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Franciscana/UFN, Instituição que foi sua casa por mais de três décadas. Com a humildade que marca sua trajetória, ela respondeu: - *Que alegria! Fico tão feliz! Será um prazer reviver momentos por meio desta encantadora entrevista.*

Sua fala inicial já revela uma marca recorrente em sua narrativa: a humildade profundamente entrelaçada a um compromisso ético e sensível com a docência. Tal posicionamento inaugura um espaço de confiança e abertura, no qual a narrativa se constitui como lugar de partilha, memória e produção de sentidos.

Com essas ideias alinhavadas, adentrei a história da professora Nilsa, colocando-me como partícipe de suas palavras. Na escuta atenta de suas experiências, deixei-me atravessar por suas memórias e, a partir desse movimento, pedi-lhe que falasse sobre sua formação e sobre como se configurava o curso de Letras da UFN no período de sua atuação como docente.

Nilsa Barin: *Na década de oitenta, com apenas 17 anos, nascida no interior da região das Missões, RS, estava determinada à sequência dos meus estudos, mas, para isso, precisava da autorização da minha mãe, uma dona de casa de origem alemã, forte, batalhadora e mãe de sete filhos. Em meio à plantação de verduras, indaguei-a, com medo e respeito, sobre o meu sonho e, num gesto de surpresa, mesmo alegando os poucos recursos financeiros da família, ela deu seu aval à minha expectativa. Lembro-me, como se fosse hoje, o abraço amoroso que dei em minha mãe, que caminha, há anos, ao lado de Nosso Senhor. Assim, começou minha trajetória acadêmica na Faculdade Imaculada Conceição, indicada por um tio marista, que muito me ajudou nessa vinda a Santa Maria. No início da década de oitenta, cursei Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa na FIC, hoje Universidade Franciscana (UFN). No final de novembro de 1983, quando, na aula de Literatura Portuguesa, a diretora da Instituição, Ir. Aparecida Marques, pediu licença à professora para conversar um pouco comigo. Senti, de novo, aquele misto de medo e respeito que, em seguida, tornou-se, mais uma vez, pura alegria: convidou-me para, no ano seguinte, compor o grupo de docentes da Instituição, um lugar de formação que me pertenceu (se posso dizer assim) durante trinta e cinco anos. Na sequência, fiz Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e, no ano 2000, cursei Mestrado em Letras - Linguística Aplicada, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). [...]Ao longo dessa trajetória, acompanhei também as transformações do próprio curso e da instituição, e, assim como a vida é cíclica, a organização curricular do curso também era renovada conforme a necessidade, sempre com enorme apoio institucional, o que era alentador. Passei por todas as etapas de transformação institucional ao longo desses anos. Das salas de aula cheias aos grandes eventos internacionais que promovíamos no curso - e que eram reconhecidos nacionalmente - tudo era combustível para o aprimoramento constante, tendo em vista a qualidade a que aspirávamos em prol da boa formação acadêmica.*

Essa trajetória, marcada por permanências e transformações, também se materializa em registros que revelam a participação da professora

em momentos significativos da história do curso. A imagem a seguir retrata sua participação no Seminário Internacional de Letras da UFN, ao lado do professor Luiz Antônio Marcuschi, importante referência da Linguística brasileira, na década de 2000.

Na foto que segue, estão Nilsa Teresinha Reichert Barin e Luiz Antônio Marcuschi durante o Seminário Internacional de Letras da UFN, na década de 2000.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

A partir desse panorama, que articula experiência pessoal e desenvolvimento institucional, busquei aprofundar ainda mais sua trajetória, considerando pertinente perguntar sobre os desafios enfrentados ao longo dos anos no curso. Convidei-a, então, a contar sobre as principais dificuldades vivenciadas nesse percurso.

Nilsa Barin: *Geralmente, os professores enfrentam um conjunto complexo de desafios que transcendem o fazer pedagógico, mas, na minha experiência docente, cito especialmente a adaptação tecnológica, a gestão da sala de aula, a pressão burocrática, entre outros. Lidar com turmas heterogêneas, gerenciar diferenças e manter a motivação sempre foram*

aspectos com os quais me preocupei ao longo do tempo, sem mencionar os inúmeros desafios vinculados à formação continuada para acompanhar as rápidas mudanças na educação.

O discurso da professora desvela um entendimento da formação docente como um processo vivo, em permanente movimento, atravessado pelas transformações institucionais e curriculares que a constituem. Em seu relato, percebe-se não apenas a descrição de uma trajetória, mas a tessitura de uma experiência marcada pelo compromisso com a qualidade e com a renovação contínua do fazer pedagógico. Nesse contexto, sua narrativa evidencia como a experiência vivida se transforma em reconhecimento de si, na qual o sujeito, ao revisitar suas memórias, produz sentidos, elabora descobertas e se (auto)forma no próprio ato de narrar, abrindo caminhos para novos modos de existir e projetar o futuro. Assim, “é, pois, por meio dessa procura da compreensão de si e das dinâmicas vitais que os conhecimentos e as ideias postas em jogo na interpretação permitem reenviar para a construção biográfica” (Josso, 2010, p. 214).

Essa compreensão da docência como processo dinâmico e em constante reconstrução despertou em mim um interesse mais aprofundado por sua atuação em sala de aula, compreendida aqui não apenas como espaço de ensino, mas como lugar de elaboração, reflexão e permanente reinvenção do fazer docente. Assim, convidei-a a rememorar as disciplinas que ministrava no curso de Letras.

Nilsa Barin: *Havia a disciplina de Leitura e Produção de Textos em diferentes cursos na Instituição. Trabalhei com esse conteúdo em Direito, Psicologia e Pedagogia durante muitos anos cuja contribuição era fundamental por conta da leitura e produção, atividades importantes para a boa formação. Meu encantamento, todavia, sempre foram as teorias linguísticas como Sintaxe, Semântica e Pragmática da Língua Portuguesa, níveis fundamentais para o licenciado em Letras.*

Em sua resposta, delineia-se uma trajetória que transita entre a formação geral e a formação específica, revelando uma docente que compreende a linguagem como eixo estruturante de diferentes áreas do conhecimento. Esse movimento evidencia um olhar ampliado sobre o

ensino, no qual a interdisciplinaridade não se configura como estratégia ocasional, mas como princípio constitutivo da prática pedagógica. Tal perspectiva desloca o olhar para os sujeitos desse processo formativo, isto é, para os estudantes que compõem esse cenário, cujas identidades se constroem e se transformam nas experiências vividas no espaço acadêmico. Como afirma Josso (2007, p. 415), “trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”. A partir dessa reflexão, voltei minha atenção para o perfil das turmas, procurando compreender como essa diversidade se manifestava no cotidiano acadêmico.

Nilsa Barin: *Além de salas cheias, naquela época, eu costumava dizer que havia alunos de todas as cores, jeitos, personalidades e interesses, assim como deve seguir atualmente. Isso era fascinante pelo movimento social-acadêmico do qual nos alimentávamos para a sequência do processo.*

Sua resposta evidencia uma valorização sensível da diversidade como elemento constitutivo do processo formativo. A heterogeneidade dos estudantes emerge, longe de configurar um obstáculo, como potência pedagógica, capaz de dinamizar as interações e enriquecer as experiências de aprendizagem. Nessa direção, Josso (2007) nos convida a refletir sobre aquilo que se torna essencial nas experiências vividas com os(as) outros(as), evidenciando como tais encontros contribuem para a construção de sentidos na formação.

É nesse contexto de diversidade e dinamismo que se inscrevem as decisões pedagógicas relacionadas à organização curricular, o que me conduziu a aprofundar a investigação, direcionando a reflexão para as escolhas que orientavam a formação naquele período. Assim, indaguei sobre a ênfase atribuída aos conteúdos que orientavam a formação naquele período.

Nilsa Barin: *Nas reuniões, geralmente semanais, discutíamos a melhor forma de integração entre tópicos não só das disciplinas específicas, mas também das disciplinas de formação geral, a fim de que houvesse diálogo inter e*

multidisciplinar, com vistas aos estágios e à futura atuação profissional, sempre em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Em sua fala, delinea-se um fazer pedagógico coletivo, sustentado por um planejamento intencional que privilegia a integração curricular e o diálogo entre saberes. Trata-se de uma abordagem alinhada às Diretrizes Curriculares Nacionais e comprometida com a formação integral, o que conduz à compreensão de como esses princípios se concretizavam nas práticas metodológicas. Com esse entendimento em vista, procurei compreender de que modo tais princípios se concretizavam nas metodologias adotadas pela professora.

Nilsa Barin: *Pela promoção de atividades interdisciplinares, nas reuniões, eram discutidas formas de como promover essa integração que, às vezes, era discreta em algum professor, mas intensa em outros, o que promovia equilíbrio e estímulo a participações mais efetivas. Cito um projeto interdisciplinar entre Língua e Literatura que desenvolvemos com alunos do sétimo semestre cuja atuação resultou um pequeno filme da obra de Érico Veríssimo, sobre o episódio Ana Terra, encenado na Estância do Minuano, em Santa Maria, para o qual obtivemos autorização prévia. Menciono essa prática pelas inúmeras manifestações positivas que resultaram dessa maravilhosa experiência.*

A menção a práticas interdisciplinares concretas revela uma docência ancorada na experiência, na criação e na produção cultural dos estudantes. A integração entre Língua e Literatura, materializada em um projeto que ultrapassa o espaço da sala de aula, evidencia um ensino que valoriza a vivência, a autoria e a construção coletiva do conhecimento. Nessa direção, a análise das histórias de vida, conforme destaca Josso (2007, p. 415), “permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”. Assim, a articulação entre teoria e prática configura-se como princípio estruturante desse fazer pedagógico, projetando-se em experiências concretas que ganham visibilidade em diferentes espaços acadêmicos, como eventos e projetos institucionais.

Outro registro de sua trajetória acadêmica evidencia o envolvimento com atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas na instituição, especialmente por meio da participação em eventos científicos.

Na foto que segue, a participação no Salão de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE/UFN), ao lado de acadêmicas do curso de Letras.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Prosseguindo a conversa, voltei a atenção para os processos avaliativos desenvolvidos nesse ambiente formativo.

Nilsa Barin: *Sempre promovíamos atividades variadas que compunham a nota bimestral. Geralmente, 50% eram atividades diversas, como apresentação de trabalhos, leitura e consequente produção de algum gênero textual, encenações de leituras realizadas, entre outros; e uma avaliação bimestral em que o aluno argumentaria sobre seu aprendizado individual. Penso que essa forma de avaliar aprendizagens não foi alterada significativamente ao longo do tempo.*

Sua resposta aponta para uma concepção de avaliação construída na articulação entre diferentes dimensões do processo formativo, integrando práticas contínuas e momentos de verificação individual. Trata-se de um modelo que valoriza tanto o compartilhamento coletivo

de saberes quanto a autonomia do estudante, evidenciando um equilíbrio entre acompanhamento processual e aferição da aprendizagem. Tal compreensão da avaliação, ancorada no acompanhamento contínuo e no respeito ao percurso do estudante, remete diretamente às relações interpessoais que sustentam esse ambiente formativo, o que me levou a voltar o olhar para essa dimensão.

Interessou-me, então, compreender como se constituíam as relações no cotidiano acadêmico.

Nilsa Barin: *Sempre procurávamos ser respeitosos, dificilmente um aluno tinha algum comportamento controverso, mas, caso acontecesse, a coordenação era nosso ponto de equilíbrio.*

A centralidade do respeito, associada à presença de instâncias mediadoras, revela uma cultura acadêmica pautada pelo diálogo, pela ética e pela corresponsabilidade. Mais do que um princípio abstrato, ele se apresenta, aqui, como prática cotidiana que sustenta as relações e favorece a constituição de um ambiente formativo equilibrado. É nesse contexto relacional, marcado pelo respeito e pela mediação, que se inscrevem também as escolhas didático-pedagógicas da professora, o que me levou a avançar na análise de como tais princípios se materializavam no interior da prática docente. A partir dessa perspectiva, perguntei sobre o modo como organizava e conduzia suas aulas.

Nilsa Barin: *Embora eu trabalhasse com outras teorias linguísticas, a disciplina de Sintaxe da Língua Portuguesa, com base no estudo da Gramática Gerativa (no geral, considerada difícil pelos alunos), e Semântica da Língua Portuguesa ocuparam grande espaço, por muitos anos, na análise da estrutura de sentenças e de campos semânticos em múltiplos contextos de uso. Sempre estudei muito, sempre preparei bem minhas aulas, com diferentes recursos, para que a assimilação e o consequente aprendizado fossem mais tranquilos. Ao longo dos anos, em diferentes momentos de aprendizagem, defendi a ideia de que trabalhar com afeto e respeito é caminho seguro para uma experiência docente mais feliz. Por conta dessas escolhas, acredito que muitos alunos se lembrem de mim dessa forma.*

Sua fala evidencia uma concepção de docência que articula, de maneira sensível, o rigor teórico e a dimensão afetiva do ensino. O domínio dos conteúdos, especialmente em áreas reconhecidamente complexas, como a Sintaxe e a Semântica, não se apresenta dissociado do cuidado com o estudante; ao contrário, é por ele atravessado. O afeto, nesse âmbito, não se opõe ao conhecimento; sustenta-o, potencializa-o e o torna mais significativo. Essa articulação entre saber e sensibilidade se concretiza no cotidiano da sala de aula, espaço privilegiado de interação, aprendizagem e construção de vínculos, como pode ser observado no registro a seguir.

Na foto que segue, a Professora Nilsa Teresinha Reichert Barin em atividade docente no curso de Letras da UFN.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Essa compreensão ampliada do fazer docente levou-me a explorar experiências que ultrapassavam os limites da sala de aula, especialmente aquelas vinculadas a projetos acadêmicos.

Nilsa Barin: *Ao longo de duas décadas, coordenei um projeto internacional (o primeiro da Instituição), chamado “O ensino de português como língua estrangeira”, desenvolvido parte na Instituição, com o ensino da língua portuguesa a estudantes estrangeiros, e outra no Uruguai, com avaliação oral da língua portuguesa a estudantes de escolas conveniadas daquele país. Foi uma experiência acadêmica que sempre contribuiu com o curso de Letras e com a Instituição, em especial, com os inúmeros estudantes bolsistas que passaram pela experiência no projeto e pelas inúmeras vezes que estudantes uruguaios vieram à Instituição para intercâmbio estudantil.*

Entre as ações desenvolvidas no projeto internacional, destacam-se as atividades de avaliação oral de língua portuguesa realizadas no Uruguai, conforme ilustra o registro a seguir.

Na foto que segue, a avaliação oral de língua portuguesa realizada no Uruguai no âmbito do projeto internacional coordenado pela professora Nilsa Teresinha Reichert Barin.



Fonte: arquivo pessoal da professora Nilsa.

O projeto também promoveu experiências de intercâmbio e aproximação cultural entre estudantes uruguaios e a Universidade Franciscana, fortalecendo as ações de internacionalização institucional.

Na foto que segue, os estudantes uruguaios participantes do projeto “Português para Estrangeiros”.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Os registros evidenciam a dimensão concreta dessa experiência, marcada pela circulação de saberes e pela ampliação dos espaços formativos para além do contexto local. Esse caráter extensionista e internacional de sua atuação evidencia uma docência que se projeta em outros territórios formativos, ampliando horizontes e possibilidades de aprendizagem. Trata-se de uma prática comprometida com a circulação do conhecimento e com a formação ampliada dos estudantes, na qual a experiência assume papel central. Conforme Larrosa (2011), a experiência não se reduz a uma dimensão meramente cognitiva, mas se constitui de forma singular em cada sujeito, sendo atravessada por sua própria perspectiva e modo de significação.

A entrevista narrativa permite apreender traços dessa singularidade, evidenciando que o essencial da formação reside no próprio processo, na travessia que constitui o sujeito ao longo de sua trajetória. Nesse ponto da narrativa, tornou-se pertinente aprofundar a relação entre a universidade e a escola básica, dimensão central na formação de professores, o que me levou a direcionar a interlocução para essa questão.

Nilsa Barin: *A grande preocupação era sempre com os estudantes, futuros professores de Letras, isto é, com que qualidade chegariam às escolas, tendo em vista que o fruto do nosso trabalho acadêmico deveria beneficiar o dia a dia dos alunos no ensino básico. Esse consenso permeava o fazer diário constantemente.*

Sua resposta reafirma a centralidade da formação docente como um compromisso que ultrapassa os limites institucionais e se inscreve em uma dimensão ética e social mais ampla. A universidade, nesse contexto, é concebida como lugar de preparação para a transformação da educação básica, na medida em que forma sujeitos que atuarão diretamente na constituição de outras trajetórias formativas. A narrativa, como aponta Josso (2004, p.142), “fornece no próprio movimento da sua escrita factos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de emoções e sentimentos, bem como atribuições de valores.” É nesse entrelaçamento entre experiência e significação que emergem os valores que orientam a formação docente, o que me levou a ampliar a reflexão para desafios contemporâneos que atravessam esse campo, em especial a diminuição do interesse pela licenciatura.

Perguntei, então, como ela percebeu esse movimento ao longo de sua trajetória e de que forma ele impactou o curso de Letras.

Nilsa Barin: *Na década de oitenta/noventa, período de minha formação e início da minha atividade profissional, as salas de aula dos cursos de licenciatura eram cheias. Nas formaturas, durante anos consecutivos, fui paraninfa de turmas enormes, e o orgulho pela formação era alentador. Essa realidade foi, gradativamente, mudando ao longo das décadas no país, motivada pela desvalorização da carreira, baixa qualidade de alguns cursos de formação, às vezes, falta de identificação com o curso, entre tantos outros motivos, aspectos que, a meu ver, ainda persistem nos dias atuais e que, infelizmente, esvaziaram as licenciaturas pelo Brasil a fora.*

As reflexões sobre a formação docente conduziram naturalmente à discussão das transformações institucionais vivenciadas ao longo de sua trajetória.

Nilsa Barin: *A história institucional da UFN é emblemática, encantadora e louvável, fruto de ações pensadas e desenvolvidas por uma gestão inteligente, administração segura e um corpo docente que acreditou no potencial de sua Instituição. Fiz parte de todas as mudanças que resultaram na atual Universidade Franciscana (UFN), uma Instituição moderna, engajada e próspera na sociedade santa-mariense e que se projetou ao longo dos anos, o que nos orgulha profundamente. Acredito que minha pequena participação, nesse processo, tenha passado não só pela formação de tantos profissionais da educação, mas também por uma gestão no cargo de Diretora de Área, na Área de Artes, Letras e Comunicação; duas gestões como Coordenadora do curso de Letras; e representante do curso de Letras no Núcleo Docente Estruturante (NDE) por dois anos consecutivos.*

O reconhecimento de sua trajetória profissional ultrapassou os limites da instituição. Em reportagem publicada no *Diário de Santa Maria*, intitulada “Aluna e professora da Unifra por mais de três décadas”, a professora Nilsa Reichert Barin teve sua história destacada como exemplo de dedicação à educação e de compromisso com a formação de professores. A matéria evidenciou sua longa vinculação com a instituição, inicialmente como acadêmica e, posteriormente, como docente e gestora, ressaltando sua contribuição para o fortalecimento do ensino superior e para a consolidação da então Unifra, hoje Universidade Franciscana. Tal reconhecimento público reafirma a relevância de sua atuação profissional e o impacto de seu trabalho na formação de gerações de educadores.

Diante das discussões contemporâneas acerca da valorização docente, direcionei a reflexão para esse aspecto, buscando compreender como ela percebe a valorização do professor ao longo de sua trajetória, tanto no âmbito institucional quanto no cenário educacional mais amplo.

Nilsa Barin: *Cada década tem seu status quo em termos de valorização docente. Há algum tempo, não muito distante, tínhamos orgulho de nosso trabalho e ele era, na mesma proporção, valorizado por toda a sociedade. Isso, infelizmente, mudou um pouco nos últimos anos e, hoje, o professor tem dupla jornada: a das atividades diárias com o fazer pedagógico e a da luta para que seu trabalho tenha respaldo social e reconhecimento em diferentes*

perspectivas, que se estendem da valorização salarial a políticas nacionais, em prol de um retorno dessa autoestima docente, pelo bem não só da sociedade, mas também do país como um todo.

As reflexões sobre a valorização docente suscitaram outra questão igualmente relevante: os princípios que orientavam a formação inicial dos licenciados.

Nilsa Barin: *Ensinávamos para que o estudante entendesse que um ensino bom, cuidado e respeitoso deixa marcas para sempre. Pensávamos que nenhum professor seria completo, em sua missão de educar, se não demonstrasse carinho pelo aluno e pela sua profissão.*

A ênfase no cuidado, no respeito e no compromisso afetivo com a docência revela uma concepção de educação profundamente humanizadora, na qual ensinar se constitui como um ato que envolve não apenas conhecimento, mas também sensibilidade, ética e responsabilidade. A narrativa de si permite adentrar territórios existenciais nos quais se inscrevem representações, valores e sentidos atribuídos à docência e às aprendizagens construídas ao longo da experiência. Como afirma Josso (2004, p.29), “a construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica.” Nesse sentido, a escrita narrativa autobiográfica instaura-se como um movimento reflexivo que atravessa essas três dimensões: ao narrar, o sujeito interroga sua própria condição humana (antropológica), reposiciona-se diante de si e de sua existência (ontológica) e (re)elabora os valores que orientam seu modo de ser e agir no mundo (axiológica). Trata-se, portanto, de um gesto de exposição e criação de si, no qual o sujeito não apenas relata experiências, mas se revela, se desloca e inscreve as marcas de sua singularidade.

Sob esse enfoque, a narrativa envolve, afeta e, por vezes, desestabiliza, ora impactante e sedutora ora profunda e dilacerante, justamente porque a experiência narrada não se fixa nem se encerra: ela se reconfigura a cada enunciação, abrindo-se a novos sentidos. Assim, assume um caráter processual e dinâmico, no qual a experiência se reinscreve em um movimento contínuo de interpretação, configurando-se como uma trama aberta, em que os sentidos se entrecruzam e se reinventam. A partir

dessa compreensão, ampliou-se o olhar para os efeitos dessa formação no contexto educacional mais amplo, especialmente no que se refere à sua inserção social.

Nesse movimento, direcionei a interlocução para o impacto do curso na educação básica local e regional.

Nilsa Barin: *Acredito que o impacto tenha sido, ao longo do tempo, de diferentes formas, mas sempre positivo. Cito um projeto com prefeituras da região para a formação complementar e atualização de inúmeros professores municipais. As aulas e atividades eram desenvolvidas sexta-feira à noite e sábado, manhã e tarde. Foi uma experiência ímpar que nos formou a todos, sempre com o aval incondicional da Instituição.*

A resposta evidencia o alcance social do curso e sua inserção no território, reforçando o papel da universidade como agente de transformação regional. Ao promover ações formativas que dialogam diretamente com as demandas da educação básica, a Instituição amplia sua atuação e fortalece sua função social. A narrativa, nesse sentido, potencializa a reflexão e, como aponta Josso (2004, p.30), “se esta reflexão estiver integrada com uma das formas de atenção consciente, é possível intervir na formação do sujeito de maneira mais criativa, conseguindo um melhor conhecimento dos seus recursos e objectivos.”

A singularidade de sua longa trajetória na instituição despertou uma nova inquietação: compreender os sentidos dessa permanência. Perguntei, então, o que sustenta a permanência de um profissional por tantos anos em uma instituição privada e quais elementos contribuíram para a construção desse vínculo duradouro com a Universidade.

Nilsa Barin: *Acredito que isso, hoje, seja cada vez mais raro, porque vivemos uma geração em que o imediatismo, a novidade e a mudança são fatores determinantes desse contexto de busca por novos “ares” e experimentos. A minha experiência profissional, ao longo de 35 anos, como professora e colaboradora da UFN é fruto de uma combinação de fatores: emocionais, estruturais, culturais e, por que não, também financeiros. Tenho a percepção de que, especialmente, a identificação com os valores institucionais, que geraram conexão emocional, profissional e pessoal com*

a Instituição, que sempre primou por um ambiente positivo e por lideranças inspiradoras, foi um divisor de águas para a minha estabilidade na Instituição ao longo do tempo. Ficar muitos anos num mesmo lugar não deve significar estagnação, pelo contrário, precisamos ser ponto de partida para, a todo momento, aprimorar conhecimentos e assumir novas funções e responsabilidades, aspectos sempre estimulados pela UFN, o que gerou, no meu caso, orgulho diário, comprometimento e seriedade com alegria.

Por fim, abri espaço para que a professora pudesse trazer considerações finais, permitindo que sua narrativa se encerrasse a partir de seus próprios sentidos e afetos.

Nilsa Barin: *Tenho muita GRATIDÃO à Universidade Franciscana. Em 1980, quando cheguei à antiga Faculdade Imaculada Conceição para a minha formação em Letras, fui acolhida como nunca havia sido até então. Depois, ao longo de quase quatro décadas, fiz desta Instituição o meu porto - não de passagem, mas de permanência. Na sequência, vieram meus filhos, Fabrício e Geovana, que também fizeram, na UFN, sua formação na área da saúde e, hoje, servem à Marinha do Brasil, em Brasília. Por tudo isso, desejo VIDA longa e sempre próspera à UFN, que me proporcionou trabalho, aprendizado, convívio e esperança ao longo de tantos anos.*

Encerrando sua narrativa, a professora Nilsa condensa sua trajetória na experiência da gratidão, evidenciando um vínculo de pertencimento que transcende o âmbito institucional e se inscreve na própria tessitura de sua vida. Sua história não se restringe ao percurso profissional; entrelaça-se, de modo indissociável, à sua história pessoal, revelando como a docência, quando vivida em profundidade, torna-se espaço de existência, de memória e de formação. Nesse sentido, reafirma-se a potência das narrativas autobiográficas como lugar de produção de sentidos, no qual vida e formação se implicam mutuamente.

Essa escrita mobiliza não apenas quem narra, mas também quem a acolhe, instaurando um campo de sensibilidade compartilhada que atravessa, afeta e transforma. Ao mobilizar os sentidos, a narrativa autobiográfica não apenas comunica, mas produz afetos, convoca memórias e engendra experiências formadoras.

Nesse cenário, emoção, sensibilidade e afeto constituem a própria narrativa autobiográfica, emergindo quando o sujeito se abre a um processo contínuo de (re)construção de si: fazer, desfazer e refazer-se. É nesse movimento que surgem descobertas, encantamentos e deslocamentos, tecidos nas experiências vividas e nos encontros com os(as) outros(as). Assim, narrar-se é, antes de tudo, um modo de existir, compreender-se e, sobretudo, de continuar tornando-se (Josso, 2004).

Inspirada pela voz que atravessa este texto, ousei afirmar que aquela tarde de primavera, na companhia da professora Nilsa, deixou de ser apenas uma entrevista para transformar-se em uma experiência de formação. Ao percorrer suas memórias, reencontrei fragmentos da história do curso de Letras, da Universidade Franciscana e de tantas vidas que foram tocadas por sua docência. Entre lembranças, desafios, conquistas e afetos, sua narrativa reafirma que educar é deixar marcas. Marcas que permanecem para além das salas de aula, dos cargos ocupados ou dos anos dedicados à profissão. Marcas que seguem vivas na memória, na formação e na trajetória daqueles que tiveram o privilégio de conviver, aprender e crescer ao seu lado.

Na foto que segue, o encontro entre a professora Nilsa Teresinha Reichert Barin e a professora Denize da Silveira Foletto durante a realização da entrevista narrativa.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Tradução de Maria do Carmo Monteiro Pagano. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio; Júlia Ferreira. 2. ed. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2004.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PROFESSORA DRA. MARIA EULÁLIA ALBUQUERQUE E A TRANSFORMAÇÃO DE GERAÇÕES POR MEIO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Amanda Rampelotto Löbler
Adriana Claudia Martins

O tempo no jardim

Nestes jardins - há vinte anos - andaram os nossos muitos
passos,
e aqueles que então éramos se contemplaram nestes lagos.
Se algum de nós avistasse o que seríamos com o tempo,
todos nós choraríamos, de mútua pena e susto imenso.
E assim nos separamos, suspirando dias futuros,
e nenhum se atrevia a desvelar seus próprios mundos
E agora que separados vivemos o que foi vivido,
com doce amor choramos quem fomos neste tempo antigo.

(Cecília Meireles, Poesias Completas, p. 34)

Há poemas que não falam apenas do passado. São palavras que respiram novamente, como se o tempo, ao ser lembrado, ganhasse outra forma de existência, mais lenta, mais sensível, quase habitável. É nesse território de permanências que a memória docente se inscreve.

Procuramos a Professora Maria Eulália em seu espaço de memórias, convidando-a carinhosamente para que pudesse acessar suas lembranças da docência no curso de Letras da, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Imaculada Conceição (FIC). Com seu generoso aceite, de imediato percebemos que as lembranças ainda pulsam com fervor e significado. Mesmo aposentada, ela guarda em seu

coração cada momento vivido nas salas de aula da FIC, a Professora, com carinho, afirma:

Maria Eulália: [...] *relembrar, neste momento, os anos em que fui professora na, então, FIC [...], me faz tão feliz quanto o fui anos atrás. Segundo Medeiros (2019, p.141), em uma crônica, “geralmente, quando uma pessoa exclama ‘Estou feliz’ é porque engatou um novo amor, conseguiu uma promoção, ganhou uma bolsa de estudos, perdeu os quilos de que precisava ou algo do tipo”. Mas, no meu caso, estou feliz porque fiz a melhor escolha de minha vida, ser professora de Língua Portuguesa.*

A Professora também confessa que este é seu primeiro texto de memórias, assim, a nós resta o registro de estarmos lisonjeadas por ter a oportunidade de fazer parte deste momento. Para a Professora Maria Eulália, contribuir com suas memórias, relembrar aqueles anos, possibilitou uma construção de uma felicidade autêntica, de profunda reflexão, trilhada pela consciência de que relembrar é também um ato de transformação. Com efeito, a memória docente não retorna apenas ao passado, ela reorganiza afetos, reacende convicções e devolve sentido ao percurso vivido. Há professores que seguem ensinando mesmo quando já não ocupam diariamente uma sala de aula. Permanecem na linguagem, na lembrança dos alunos e na forma como compreendem o mundo.

A trajetória acadêmica de Maria Eulália revela uma mulher comprometida com o aprimoramento contínuo. Formada em Letras com base em Francês, em 1969, ela não se contentou com a formação inicial, buscou especialização em 1979 e, posteriormente, mergulhou nos estudos da linguagem na Universidade Federal de Santa Maria, concluindo seu mestrado em 1996. Em 2008 recebeu o título de Doutora em Linguística pela Unicamp. Cada etapa dessa jornada respondia a uma necessidade genuína de aprimorar seus conhecimentos linguísticos e metodológicos para qualificar sua pedagogia universitária.

Sua trajetória acadêmica revela também uma mulher que compreendia o conhecimento como movimento contínuo. Em tempos em que a docência feminina frequentemente exigia silenciosos exercícios de resistência, Maria Eulália escolheu aprofundar-se nos estudos como quem reafirma,

todos os dias, um compromisso ético com a educação. Tornar-se membro do quadro de professoras da FIC foi um convite da Irmã Consuelo Silveira Neto, acompanhada pelas irmãs Felicidade Silveira Neto e Odila Merchiori.

Ali, nos cursos noturnos de Letras Português e Letras Inglês, ela construiria boa parte de sua identidade profissional. As aulas começavam às 19h e se estendiam até às 23h, de segunda a sexta-feira, um horário desafiador que demandava dedicação de quem tinha vida pessoal, mas escolhia estar ali, presente e comprometida. As salas noturnas da FIC guardavam uma atmosfera muito particular, pois havia estudantes que chegavam cansados após o trabalho diário, todavia encontravam, na universidade, não apenas formação profissional, mas a possibilidade concreta de transformação de vida. Ela declara que ensinar à noite era também ensinar esperança.

Maria Eulália: *Para pertencer ao quadro de docentes da FIC, assinei contrato de doze horas semanais para ministrar aulas, conforme a carga horária disposta na matriz curricular das disciplinas que me caberiam. Esse contrato não cobria horas para pesquisa. Na época, os professores não dispunham de espaço físico em que pudessem atender alunos em suas necessidades particulares. Havia somente a Sala de Professores em que todos os docentes aguardavam o início das aulas. Contávamos com um acervo da Biblioteca muito bom, sempre que eu apontei a necessidade de um autor ou de uma obra para o bom desenvolvimento de minhas aulas ou para a consulta dos alunos fui atendida. É necessário reportar, ainda, que o espaço da Biblioteca era amplo, silencioso, claro, iluminado e com boas acomodações para que estudantes e professores pesquisassem.*

No contexto do ato pedagógico, nas décadas de 80 e 90, a Professora Maria Eulália ministrava as disciplinas de Morfologia da Língua Portuguesa, abrindo caminho para que seus alunos prosseguissem para disciplina de Sintaxe no semestre seguinte. Essas disciplinas eram oferecidas concomitantemente aos dois cursos de Letras, mas com especificidades que ela respeitava profundamente.

Maria Eulália: *Tive sempre presente que o conhecimento, sob a orientação do professor, é constituído pelo aluno -, sujeito de seu conhecimento -*

e não receptáculo do que o docente diz ou informa. Minha função era criar condições para que o conhecimento fosse formado, fundamentado em um suporte teórico que direcionasse análises e discussões de conceitos fundamentais de cada disciplina. Tinha em mente o que dizia Freire (1996, p. 33) 'o papel do professor é ajudar os alunos a desenvolverem sua consciência crítica e sua capacidade de transformar o mundo.

Havia uma tensão criativa em seu trabalho, a Professora frequentemente retomava para si que seus alunos seriam futuros professores de Português ou Inglês e precisavam estar preparados para o mercado de trabalho, que demandava profissionais com conhecimento qualificado. Simultaneamente, ela sabia que a vida se fundamenta na linguagem, e que toda comunicação cotidiana acontecia em Língua Portuguesa. Como equilibrar essas exigências? Ela preparava suas aulas de forma que permitisse orientar a aprendizagem dos estudantes, provocando reflexão sobre aspectos linguísticos, garantindo que a teoria nunca ficasse desvinculada da prática. Queria que seus alunos ficassem felizes em aprender. Queria que fizessem bom uso da língua em todos seus níveis, porque isso é fundamental para o exercício da cidadania.

Maria Eulália: *Na época, o ensino se desenvolvia de acordo com a metodologia tradicional, eu apresentava o assunto da aula sempre interagindo com os alunos, provocando sua análise, discussão e reflexão sobre a língua e seu uso. Deixava explícito que o ensino focalizava a língua culta padrão, baseada na gramática tradicional, já que eles faziam parte de um curso de formação de professores de português e de inglês, que deveriam conhecer a norma culta da língua.*

Mas suas aulas não eram apenas gramaticais, a Professora realizava contrapontos, ela abordava as variações da língua portuguesa: as variedades geográficas, o contexto, as variações históricas e sociais que interferem no uso. A Professora lembra que raramente utilizava a palavra erro em suas aulas, apenas quando falava da norma culta padrão em situações formais. Lembrava constantemente aos alunos a importância dos níveis de linguagem: culta, coloquial, regional, vulgar, gíria. Todas eram

expressões legítimas da língua, todas interferiam na comunicação. Não havia espaço para julgamentos morais sobre a fala das pessoas.

Durante seu tempo na FIC, ela assumiu muitas vezes a chefia do departamento de Letras, escolhida pelos colegas, e outras tantas a Coordenação dos Cursos de Letras, designada pela Diretora. Essas responsabilidades não eram tão somente encargos, mas expressões de um ambiente onde existia vínculo saudável de respeito e confiança entre direção, professores e alunos, como relata a Professora.

Havia liberdade para expor pontos de vista, sempre de forma educada e motivada. Ela não recorda situações de atritos ou conflitos. A relação entre professores e alunos era de cortesia e amizade que criava parceria no processo de ensino-aprendizagem, sempre mantendo os limites profissionais necessários.

Maria Eulália: *Um ambiente agradável e respeitoso de trocas, diálogos, interação e respeito mútuo. No Departamento de Letras, nós, professores, éramos unidos e dispostos a colaborar com a instituição ou com os alunos sempre que solicitado. Em razão dessa harmonia e cooperação entre nós, o Departamento de Letras realizava Cursos, Palestras, Seminários em que eram abordadas questões de linguagem, de literatura segundo interesses ou necessidade dos alunos. A cada dois ou três anos, programávamos a Semana de Arte e Cultura, em que participavam professores, escritores, músicos, compositores para ministrarem Cursos, Palestras, Seminários sugeridos por professores e alunos. Tivemos, nessas Semanas, a presença de autores, como: Carlos Eduardo Novaes, Ignácio de Loyola Brandão, Charles Kiefer, Moacyr Scliar, Fernando Sabino, Ingedore Koch, Lya Luft, Antonio Hohlfeldt, dentre outros. Tivemos até a apresentação de uma peça de teatro, de Ivo Bender, no auditório da FIC.*

A foto que segue representa um momento em um evento do Curso de Letras - *Semana de Arte e Cultura*. Na plateia, da esquerda para a direita: Profa. Maria Eulália Albuquerque, a escritora Lya Lufty (palestrante), Profa. Maria Lucy Brunet e Irmã Tecla Rambo (Irmã Antônia).



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

No conjunto da importância dessas ilustrações, a foto que segue representa outro momento do Curso de Letras. À mesa, da esquerda para a direita, Profa. Maria Eulália Albuquerque, Chacal, poeta marginal (palestrante) e Profa. Elisabeth Potter.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

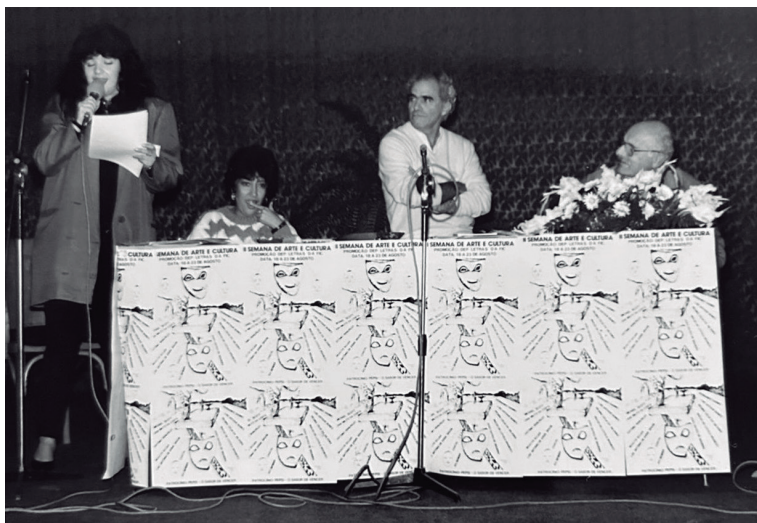
Nesta perspectiva das atividades do Curso de Letras, a foto que segue representa outro momento. À mesa, da esquerda para a direita,

uma aluna do Curso de Letras Português apresentando o autor, a Profa. Maria Eulália Albuquerque, o Escritor Moacyr Scliar (palestrante) e a Profa. Elisabeth Potter.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Outra ocasião importante do Curso de Letras lembrada pela Professora está registrada na foto que segue. À mesa, da esquerda para a direita, uma aluna do Curso de Letras Português apresentando o convidado, Profa. Maria Eulália Albuquerque, o Escritor Loyola Brandão (palestrante) e o Prof. Normélio Dotto.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Nas décadas de 80 e 90, o Curso de Letras Português tinha em média 30 alunos por turma, já no curso de Letras Inglês as turmas variavam de 20 a 25 alunas, a maioria mulheres maiores de 20 anos, uma realidade social da profissão na época. As estudantes, em sua maioria, trabalhadoras no período do dia e estudavam à noite. Substancialmente moradoras de Santa Maria, mas havia também alunas de cidades próximas, nenhuma delas atípica, mas todas tinham necessidades reais e subjetivas, conforme relata a Professora Maria Eulália.

Maria Eulália: *Apesar de terem ocupado o dia em atividades profissionais, eram alunos interessados, estudiosos, assíduos às aulas e com boas avaliações. Essas atitudes refletiam o interesse que eles tinham em concluir o curso, tanto que não tínhamos problemas de evasão.*

Um dos desafios da docência é a avaliação e, para a Professora Maria Eulália essa sempre foi um meio de inferir o grau de aprendizagem, de diagnosticar o que foi bem aprendido, o que ficou fraco, qual o nível de dificuldade. Em seu fazer docente, ela entendia que a avaliação era uma ferramenta para compreender e analisar o desempenho dos alunos, e também o seu próprio como professora, realizava sua autoavaliação como docente com consciência e perspectiva de qualificação.

Maria Eulália: *[...] os instrumentos que preparava para avaliar sempre relacionavam teoria, prática e metodologia de ensino. Dessa forma, procurava me distanciar da avaliação que priorizava a memorização e reprodução dos conteúdos ou a tão somente atribuir notas. Os materiais de avaliação (provas, testes, trabalhos), depois de aplicados, eram devolvidos aos alunos em aula e meu parecer discutido com eles. Isso porque essas experiências avaliativas objetivavam avaliar não só seu desempenho linguístico, mas também repensar a maneira como distribuía o tempo de estudo e priorizavam as tarefas acadêmicas.*

Na época, a manutenção das relações com os egressos do ensino superior não era uma realidade como nos dias de hoje. Porém a Professora e suas colegas tinham conhecimento sobre seus egressos pois mantinha contato com eles para obter notícias.

Maria Eulália: *Sabíamos que número bem expressivos deles conseguia, de imediato após a formatura, trabalhar ou em escolas municipais ou*

em escolas particulares de Santa Maria e de municípios próximos, como São Sepé, Restinga Seca Faxinal do Soturno, São Pedro dentre outros. Como eu já havia sido professora do ensino fundamental e médio em Santa Maria e circulado em muitos outros espaços escolares, estabeleci relações cordiais com diretores/diretoras e coordenadores/coordenadoras de escola que testemunhavam o bom desempenho docente de nossos ex-aluno nas unidades escolares em que atuavam. Muitos ex-alunos egressos dos Cursos de Letras procuravam também colocação em colégios do Estado de Santa Catarina. Outros, porém, buscavam outro curso superior ou optavam por outro trabalho que não o magistério, motivados, provavelmente, pelo baixo salário do professor.

Chegamos ao fim dessa primeira etapa das memórias de Maria Eulália em sua versão professora da FIC. Foram anos de trabalho intenso, de muito estudo, de desafios constantes, de aprendizagem contínua, de erros que se tornaram lições, de acertos que se tornaram satisfação, de crescimento intelectual que se refletia em sua prática. Houve risos e algumas lágrimas, mas sobretudo muita satisfação, porque ela estava concretizando um sonho que havia alimentado desde seus tempos de estudante do Curso de Letras: ser professora de Português.

Maria Eulália: *Chego ao fim de minhas memórias como professora da FIC. Foram anos de trabalho, de muito estudo, de desafios constantes, de aprendizagem, de erros, de acertos, de crescimento intelectual, de risos e algumas lágrimas e de muita satisfação, porque eu estava concretizando um sonho de vida e de estudante do Curso de Letras Base-Francês, que era ser professora de português. E, quando se faz aquilo de que se gosta, os percalços viram estímulo, compreensão, discernimento e objetivos a alcançar. Como afirmei, no início desse relato, foi um tempo muito feliz que, paulatinamente, me formavam tanto como pessoa quanto como profissional do ensino. Escolho nominar esta parte final “de meio que um fim”, porque remete a algo que estava no fim: meu ciclo como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. Aposentei-me em dezembro de 1998. Todavia, não se refere ao término de minha vida de professora, mas apenas que fechei um ciclo de vida. Todavia, outra etapa se iniciava: professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Maria nos Cursos de*

Letras Português e Inglês e no Curso de Bacharelado em Letras, em janeiro de 1999. Meu sonho de ser professora de português continuava ainda forte, pleno de entusiasmo, de força, de esperança, de confiança e amor.

E é nesse mesmo jardim simbólico da memória que a narrativa de Maria Eulália encontra seu desfecho, em uma permanência transformada em palavra. E assim, também se reinventa, pois a Professora fechava uma porta apenas para abrir outras tantas. A FIC havia sido seu primeiro lar acadêmico, o lugar onde ela aprendeu a ser não apenas Professora, mas educadora no sentido mais profundo da palavra.

Com efeito, seus alunos carregam consigo as sementes plantadas naquelas salas de aula noturnas, sementes que germinaram em escolas por toda a região, transformando gerações através do ensino da língua portuguesa. E ela, sempre Professora, sempre aprendiz, seguia em frente com o coração repleto de esperança, pronta para continuar sua jornada de transformação através da educação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MEDEIROS, Marta. **Feliz por nada**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

COM A PALAVRA MARILENE GABRIEL DALLA CORTE: A HISTÓRIA DE UMA PROFESSORA E GESTORA DO CURSO DE PEDAGOGIA

Fernanda Figueira Marquezan

O convite para dar voz à professora Marilene e narrar sua trajetória profissional constituiu, confesso, motivo de grande satisfação, pois implicou a revisitar também minha própria experiência como docente do Curso de Pedagogia da Universidade Franciscana (UFN). Iniciei meu percurso formativo na Instituição e, a partir de 2008, tive a oportunidade de acompanhar mais diretamente a atuação da Professora, quando fui convidada a ministrar a disciplina de Gestão Educacional, em que a Docente era responsável por uma das turmas, o que despertou simultaneamente, entusiasmo e responsabilidade, sobretudo diante da expressiva trajetória da Professora como docente da educação básica e superior, bem como gestora educacional.

A trajetória profissional da Professora Marilene Gabriel Dalla Corte configura-se como uma narrativa relevante no campo da formação de professores no Brasil, articulando, ao longo da atuação, experiências na educação básica, na educação superior e na gestão educacional. Tal percurso evidencia a indissociabilidade entre docência, pesquisa, extensão e gestão, dimensões constitutivas de sua concepção de universidade e de formação docente.

Marilene Dalla Corte: *A gestão sempre esteve presente. Mesmo quando tirei licença para o doutorado, eu estava na gestão do curso na UNIFRA. Fui diretora de escola, supervisora, coordenadora pedagógica, diretora de ensino na secretaria e coordenadora de cursos na UNIFRA e na UFSM. Minha última função foi como diretora do Centro de Educação (CE) na*

UFSM, que concluí no dia 6 de outubro de 2025. Agora não estou atuando e nenhuma função de gestão administrativa, mas me dedicando à gestão pedagógica e à pesquisa pela docência e orientação em cursos de graduação e pós-graduação.

Com uma carreira que se aproxima de quarenta anos, a Professora construiu um percurso formativo e profissional que transita por diferentes instituições e níveis de ensino - da educação básica à educação superior - deixando contribuições significativas nos espaços em que atuou, entre os quais se destacam a Rede Municipal de Ensino de Santa Maria, a Universidade Franciscana (UFN) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

No que se refere à sua formação acadêmica, a base de sua trajetória iniciou-se com a graduação em Pedagogia - habilitação em Magistério - pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), concluída em 1992. Contudo, sua inserção na docência antecede a conclusão da graduação, tendo ingressado na Rede Municipal de Ensino de Santa Maria em 1989, após aprovação em concurso público. Esse ingresso precoce na carreira docente evidencia uma dinâmica recorrente nas trajetórias profissionais de professores: a construção simultânea entre formação acadêmica e prática pedagógica.

Posteriormente, sua busca permanente por qualificação ampliou-se por meio de Cursos de Especialização *Lato Sensu* em Psicopedagogia (UNIFRA, 1997) e Administração em Supervisão Escolar (UFSM, 2000). Na sequência, concluiu o Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2004, e o Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2011. Desse modo, seu percurso formativo evidencia um processo contínuo de qualificação acadêmica, no qual a experiência profissional na educação básica dialoga de forma sistemática com a produção acadêmica e com o aprofundamento teórico no campo educacional.

Atualmente, a Professora atua como Professora Associada III no Departamento de Políticas Públicas e Gestão Educacional (PGE), do Centro de Educação da UFSM. Nesse contexto, desenvolve atividades voltadas à formação de professores em cursos de licenciatura - especialmente no

curso de Pedagogia - bem como nos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação (PPGE) e no Mestrado Profissional (PPPG).

No âmbito da educação superior, a inserção da Professora Marilene na Universidade Franciscana ocorreu em 2003, quando passou a atuar na disciplina de Didática. Tal experiência representou um momento significativo de transição entre a docência na educação básica e a atuação universitária, exigindo a mobilização de novos saberes pedagógicos, epistemológicos e institucionais próprios do campo da formação de professores.

Marilene Dalla Corte: *É interessante como a gente se constitui nos espaços. Passei a atuar na UNIFRA no início de 2003 para substituir a Professora Zelma na disciplina de Didática. Foi uma responsabilidade enorme, pois a Zelma era uma referência e a Irmã Irani (que foi minha orientadora de estágio) foi quem me entrevistou. Quando comecei, eu estava tão focada na vida acadêmica e no mestrado que dei uma “overdose” de leituras para as alunas: cada tópico tinha três ou quatro textos. Na terceira aula, as alunas pediram conversar e repensar sobre a metodologia da disciplina. Na sequência, nos semestres seguintes, ministrei disciplinas de literatura infantil, estágios supervisionados da educação infantil e anos iniciais. Mas, após, passei a atuar especificamente em disciplinas de políticas, gestão, metodologia científica e pesquisa. Fui aprendendo com os estudantes no primeiro ano até entender o tempo deles; não foi fácil fazer a transposição didática da educação básica para a educação superior. Só no segundo ano que passei a me sentir uma professora universitária, aprendendo a planejar de forma situada no contexto das estudantes. A UNIFRA contribuiu com muitas experiências em disciplinas de metodologia, literatura e fundamentos, além de me oportunizar lecionar para outros cursos como História, Geografia e Ciências Contábeis. Lembro de uma vez que apliquei uma prova com consulta para futuros bacharéis e disse que poderiam consultar o que coubesse em uma folha de ofício. Eles fizeram um livretinho minúsculo com xerox reduzido colado na folha; dei ponto pela criatividade. Além da docência, aprendi a atuar em comissões de estágio, organização de eventos como a Jornada Nacional e órgãos colegiados. Tudo isso formou meu repertório de saberes, o que facilitou muito quando fui fazer concurso público depois.*

A partir de suas narrativas, percebemos que a constituição do professor universitário não ocorre de forma imediata. Ao contrário, trata-se de um processo progressivo, construído por meio da reflexão sobre a prática pedagógica, da interação com os estudantes e do diálogo com os pares no contexto institucional. Nesse sentido, a experiência formativa na universidade passa a ser compreendida como um espaço de produção de saberes docentes, no qual se articulam conhecimentos acadêmicos, experiências profissionais e relações pedagógicas.

Além disso, conforme enfatiza Professora Marilene, a constituição da docência universitária não se sustenta exclusivamente na mobilização de saberes pedagógicos e profissionais. Ao contrário, envolve também as relações estabelecidas no interior da vida acadêmica, particularmente nas interações entre docentes e entre docentes e discentes. O depoimento a seguir exemplifica:

Marilene Dalla Corte: *Também, é inesquecível a proximidade entre docentes e discentes. A UNIFRA, por ter um ambiente acolhedor, favorecia essa troca constante. Muitos dos projetos de pesquisa e os TFG nasciam de experiências vividas ao longo da formação, de dúvidas levantadas em sala de aula que se transformavam em investigações comprometidas. Me constituí docente da Educação Superior na UNIFRA, que considero que foi um tempo e espaço de fermentação de ideias, de construção de saberes e fazeres para além da Educação Básica, mas, sobretudo, um tempo de formação de laços profissionais e afetivos com a instituição e colegas que levo sempre na bagagem como parceiras(os).*

A partir das narrativas, percebemos que a constituição docente da Professora Marilene está fundamentada em uma concepção pedagógica orientada *pela função social da universidade e da escola*, enquanto espaços de formação humana e profissional. Nessa perspectiva, a Docente defende que a universidade e, especialmente, os cursos de formação inicial de professores precisam estruturar-se de modo a atender às demandas formativas daqueles que buscam ingressar na profissão docente. Em sua concepção, essa formação visa a promover a constituição de sujeitos que ela denomina de *intelectuais da educação*. Nas palavras da docente:

Marilene Dalla Corte: *licenciados precisam ser incentivados a questionar práticas hegemônicas e a atuar como agentes transformadores em suas comunidades e contextos educacionais.*

Isto é, profissionais capazes de compreender criticamente os processos educacionais e intervir de maneira qualificada nas múltiplas dimensões que atravessam a prática pedagógica. Tal entendimento pressupõe que os cursos de licenciatura desenvolvam práticas didático-pedagógicas orientadas para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de analisar e intervir nas complexas relações sociais, políticas e culturais que permeiam os processos educativos. Trata-se, portanto, de uma concepção formativa que ultrapassa a dimensão estritamente técnica da docência, orientando-se para a construção da autonomia intelectual, da capacidade investigativa e do compromisso ético com a educação pública.

Marilene Dalla Corte: *O estudante te ensina se tiver abertura para o diálogo. Eu parto do pressuposto de que a escola e a universidade têm uma função social, que é a formação, e elas existem em função do estudante, não do professor ou do gestor. Nós somos servidores para realizar essa função. Às vezes, vemos colegas que querem organizar a escola em função da sua vida pessoal ou concepções próprias, mas temos que organizar para quem busca a formação. Buscávamos imprimir uma visão crítica e contextualizada da educação. Não formávamos meros técnicos em sala de aula, mas intelectuais para atuar na educação - massa crítica como costumava dizer para as estudantes - capazes de compreender as complexas relações sociais, políticas e culturais, entre outros aspectos, que permeiam o processo educativo.*

Nesse horizonte, a função social da universidade também se expressa na promoção da autonomia intelectual dos estudantes, condição fundamental para que se tornem protagonistas em seu campo de atuação profissional - a escola de educação básica. Segundo a Professora tais concepções se refletiam em valores que eram evidenciados, como:

Marilene Dalla Corte: *Compromisso social e ético, pois acreditávamos que a educação é um direito fundamental e uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Assim, formávamos professores com um profundo senso de responsabilidade para com*

o desenvolvimento integral de seus estudantes e com a superação das desigualdades educacionais.

- Autonomia intelectual e profissional, justamente porque buscávamos desenvolver nas(os) estudantes a capacidade de refletir sobre sua própria prática, de pesquisar, de se atualizar constantemente e de tomar decisões político-pedagógicas embasadas.

- Respeito à diversidade e inclusão, porque em uma sociedade cada vez mais plural, era fundamental preparar licenciadas(os) para atuar em ambientes diversos, valorizando as diferenças culturais, sociais, étnicas e as necessidades educacionais especiais, entre outras. A inclusão não era apenas um tema, mas um princípio de nossa formação.

- *Valorização da infância e da ludicidade, uma vez que nos cursos de Pedagogia daquela época, a centralidade da criança e a importância do lúdico e da brincadeira no processo de aprendizagem eram intensamente debatidas e valorizadas. Enfatizávamos a necessidade de práticas pedagógicas que respeitassem as fases do desenvolvimento infantil e que utilizassem a ludicidade como potente ferramenta de ensino e de aprendizagem.*

A foto que segue mostra um momento da disciplina de Literatura Infantil, do Curso de Pedagogia, em 2005.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Outro elemento central em sua concepção refere-se à relação entre universidade e escola. Para a Professora Marilene, essa relação constitui um dos elementos estruturantes da formação de professores. Assim, em sua perspectiva, tal relação passa a ser compreendida como uma interlocução permanente, na qual teoria e prática se articulam de forma indissociável.

Em suas narrativas, essa relação é frequentemente descrita como uma dinâmica de interlocução permanente entre os dois contextos. Segundo a Docente:

Marilene Dalla Corte: *muito valorizado na prática docente das Professoras e Professores do Curso de Pedagogia, um verdadeiro pilar da formação de pedagogos [...], indo muito além de uma simples [...] formalidade para cumprir a carga horária prática do Curso. Mantive boas relações entre Unifra e Escolas públicas e privadas de Santa Maria e Região, especialmente, pela interlocução como orientadora de estágios curriculares supervisionados, bem como por atuar como coordenadora institucional no PIBID. Além disso, na condição de coordenadora do curso de Pedagogia, também era preciso estabelecer conexão com diferentes contextos educativos.*

A Professora caracteriza essa interlocução como uma “via de mão dupla”, vivenciava, “de forma muito natural”, uma vez que mantinha, simultaneamente, “um pé na escola” (pela sua atuação na Rede Municipal de Educação) e “um pé na educação superior” (pela UFN). Nos depoimentos a seguir a Professora ilustra a relação universidade-escola, ocorria em diversas frentes e de maneira muito próxima.

Marilene Dalla Corte: *Estágios curriculares supervisionados com acompanhamento intensivo, em que não mandávamos nossas(os) estudantes para as escolas sem um suporte robusto. Os professores da UNIFRA (eu também!) faziam visitas regulares às escolas, conversavam com os professores, com as coordenações pedagógicas e com as equipes diretivas. Havia uma troca contínua sobre o desempenho de estagiários, os desafios que encontravam e as oportunidades de aprendizado. Lembro-me de muitas discussões produtivas com as equipes das escolas, que nos ajudavam a aprimorar a formação na universidade.*

A foto que segue representa um desses momentos de discussões, a exemplo do I Encontro de Práticas de Ensino e Estágio Curricular Supervisionado das Licenciaturas, no ano de 2006. Da esquerda para a direita, Profa. Lia Margot Dornelles; Profa. Vanilde Bisogin (Pró-reitora de Graduação), Profa. Iraní Rupulo (Reitora). A última (à direita), Profa. Marilene Dalla Corte.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Na sequência, a professora continua seu relato sobre projetos de extensão:

Marilene Dalla Corte: *Projetos de extensão e intervenção, tendo em vista que desenvolvíamos projetos em que estudantes, sob nossa orientação, realizavam atividades práticas nas escolas parceiras, entre outros contextos educativos. Isso podia ser desde oficinas pedagógicas, contação de histórias, projetos de leitura, até ações de apoio à gestão escolar e formação continuada de professores. Eram iniciativas que beneficiavam diretamente as escolas e, ao mesmo tempo, proporcionavam a nossas(os) estudantes uma experiência contextualizada e a oportunidade de aplicar o que aprendiam na teoria. A Universidade “saía dos muros” e se engajava na comunidade. Formação continuada para professores da rede municipal de ensino, sendo que enquanto docentes do curso de Pedagogia, oferecíamos cursos de extensão, palestras e oficinas para docentes da educação básica ou*

atendíamos a convites para contribuir com os projetos de formação continuada das escolas e redes de ensino. Era uma forma de retribuir a parceria e de contribuir para a qualificação dos profissionais que já atuavam. Muitos dos temas surgiam das demandas identificadas nas próprias escolas durante as visitas ou nas conversas com estagiárias(os). Pesquisas e estudos conjuntos, em que incentivávamos a realização de pesquisas que tivessem as escolas como campo de estudo. Nossas(os) estudantes e nós, professor(as) es, muitas vezes, desenvolvíamos projetos que visavam compreender melhor as realidades escolares, identificar desafios e propor soluções/contribuições. Essas pesquisas eram apresentadas nas defesas de TFG, em eventos científicos internos e externos e, também, nas escolas e, em muitos casos, serviam de base para melhorias nas práticas político-pedagógicas.

Na foto que segue é um momento de Banca de Defesa de Trabalho Final de Graduação, no Curso e Pedagogia.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevista.

A seguir, a professora continua seu relato sobre eventos formativos:

Marilene Dalla Corte: *Eventos formativos, em que organizávamos seminários, mesas-redondas e rodas de conversa onde convidávamos equipes diretivas, coordenadores e professores das escolas parceiras, secretarias e conselhos de educação para dialogar com nossas(os) estudantes e docentes.*

Nessa perspectiva, para a Professora Marilene a escola não é concebida como um espaço meramente destinado à aplicação de teorias produzidas na universidade. Ao contrário, configura-se como um contexto fundamental para a produção de conhecimentos pedagógicos e político-educacionais sobre o exercício da docência. Desse modo, sua experiência profissional, marcada pela atuação simultânea na educação básica e na educação superior, contribuiu para consolidar uma compreensão integrada entre teoria e prática.

A experiência profissional da Professora, marcada pela atuação simultânea na educação básica e na educação superior, favoreceu a construção dessa visão integrada entre teoria e prática. Tais considerações aparecem claramente no depoimento a seguir:

Marilene Dalla Corte: *Eram momentos ricos de troca de experiências, em que as realidades e os desafios do cotidiano escolar eram trazidos para a discussão acadêmica, e vice-versa. Para nós, a escola e demais contextos educacionais não eram apenas um laboratório, mas espaços essenciais na construção do conhecimento político-pedagógico. Desenvolvi um projeto de extensão de “Formação Continuada de Professores” junto a uma escola municipal de Santa Maria (2 anos), em que, em parceria com colegas docentes da UNIFRA, contribuímos para que as(os) docentes da escola ressignificassem seus conhecimentos e passassem a trabalhar pela metodologia de projetos. Foi uma experiência bem significativa!*

A relação entre universidade e escola, segundo a entrevistada, está intrinsecamente associada à articulação teoria e prática, conforme suas palavras:

Marilene Dalla Corte: *teoria e prática, por meio de atividades de práticas de ensino, estágios supervisionados, projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como disciplinas que promoviam a reflexão sobre o cotidiano escolar é buscávamos estreitar a relação entre os conhecimentos teóricos adquiridos e a realidade da sala de aula e demais espaços socioeducativos. Ao longo das disciplinas procura adotar diferenciadas estratégias, entre elas: aulas expositivo-dialogadas, rodas de conversa, estudos dirigidos, pesquisas individuais e em grupos, apresentações de trabalhos*

com utilização de recursos variados explorando tecnologias visuais, ida ao laboratório de informática para pesquisas e realização de trabalhos, relatos de experiência, estudos de caso, simulações de problemas cotidianos escolares, entrevistas, visitas técnicas a contextos educativos com análise de dados e relatos das experiências.

Paralelamente a essa concepção formativa, a Professora também destaca a centralidade da autonomia intelectual do professor. Para a Docente, essa autonomia constitui um princípio fundamental que distingue o professor crítico-reflexivo daquele que se limita a uma atuação meramente técnica em sala de aula. Assim, tal perspectiva está diretamente associada à capacidade do professor de assumir protagonismo em seus diferentes contextos de atuação e formação. Nas palavras da Professora:

Marilene Dalla Corte: *Acreditávamos que um professor(a) autônomo(a) é mais engajado(a), comprometido(a) e protagonista em seu(s) contexto(s) de atuação profissional. Para ela, é indispensável que o docente saiba não apenas o “quê” ensinar, mas o “porquê” de suas escolhas. Lembro-me de como incentivávamos os(as) estudantes a não se restringirem apenas à teoria pedagógica. Havia uma preocupação genuína em conectá-los(as) com outras áreas do conhecimento, em campos que se entrelaçam para dar uma base mais sólida e uma visão mais ampla sobre o fenômeno educativo. Foram anos de muito aprendizado e trocas significativas, em que eu destacaria a atmosfera vibrante de debates, de reuniões, de parcerias incansáveis e de busca da interdisciplinaridade que permeava as aulas e os corredores.*

Outro aspecto igualmente relevante de sua trajetória refere-se à naturalidade com que assumiu diferentes funções de gestão educacional ao longo de sua carreira. Na educação superior, atuou como Coordenadora do Curso de Pedagogia e Coordenadora Institucional do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UNIFRA). Na educação básica, exerceu funções como Diretora de Escola, Coordenadora Pedagógica e Diretora de Ensino. Cabe destacar que a gestão escolar esteve presente desde os primeiros anos de sua trajetória profissional, ainda como Professora da Rede Municipal de Ensino, quando assumiu a direção de uma escola. O depoimento ilustra:

Marilene Dalla Corte: *Quando comecei na docência no município, a escola era muito pequena e não tinha direção; eu dava aula para duas turmas e a outra professora para o restante. De repente, precisei assumir como professora responsável pela escola fui aprendendo com as dificuldades e demandas do dia a dia.*

A partir dessas experiências, a Professora defende uma concepção ampliada do trabalho universitário, afirmar que a universidade não se sustenta apenas no tripé (ensino, pesquisa e extensão), mas, como ela mesmo define em um “*quadripé*”, no qual a gestão é a quarta dimensão. O conceito de *quadripé* reflete sua trajetória: no início de sua carreira na Rede Municipal, até funções gestão universitária, como a Coordenação do Curso de Pedagogia da UFN e a Direção do Centro de Educação (CE) da UFSM. A Docente não percebe a gestão escolar e educacional como uma atividade burocrática isolada, mas como algo que *sempre esteve articulado* às outras três dimensões da universidade. Em sua concepção, as interfaces entre ensino, pesquisa, extensão e gestão dialogam constantemente em uma *via de mão dupla*. A Professora explica:

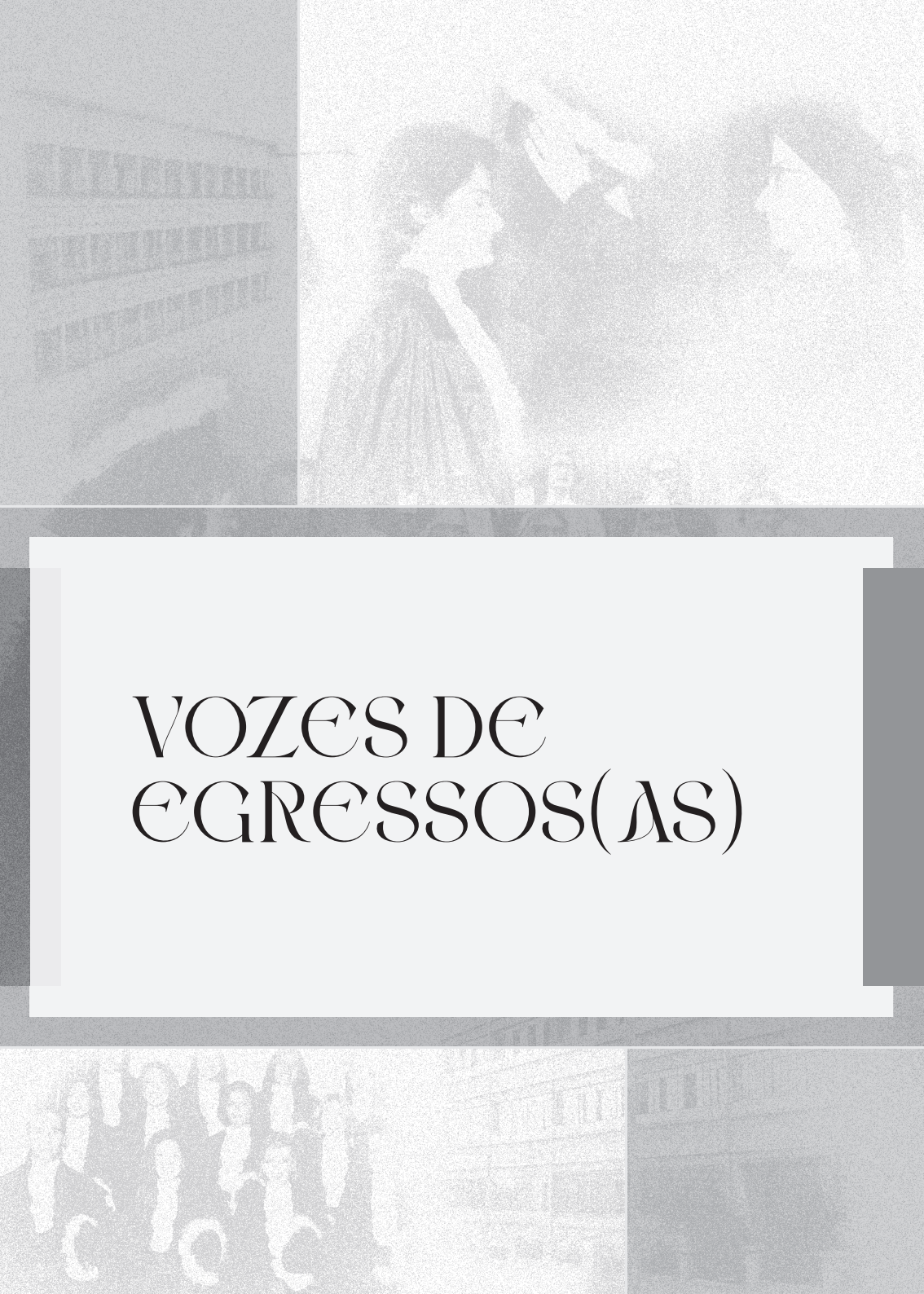
Marilene Dalla Corte: *A gestão sempre esteve presente. Mesmo quando tirei licença para o doutorado, eu estava na gestão do curso na UNIFRA. Fui diretora de escola, supervisora, coordenadora pedagógica, diretora de ensino na secretaria municipal de educação e coordenadora de cursos na UNIFRA e na UFSM. Minha última função na gestão foi como diretora do Centro de Educação (CE) na UFSM, que concluí agora dia 6 de outubro de 2025. Hoje, avaliando minha trajetória de quase 40 anos, é a primeira vez que não estou atuando em nenhum espaço de gestão administrativa. No curso de pedagogia, sempre busquei aliar o ensino em sala de aula com espaços de pesquisa e práticas investigativas para que as estudantes pudessem olhar os contextos de atuação e aproximar as questões teóricas. Para mim, a extensão também era natural porque eu tinha “um pé na escola” (pela prefeitura) e “um pé na educação superior” (pela Unifra). Essas interfaces dialogavam o tempo todo em uma via de mão dupla. Na verdade, para mim não é um tripé, é um quadripé, pois a gestão sempre esteve aliada. Por fim, a Professora declara que: Com certeza, a gestão é o que me traduz. E nunca foi algo*

forçado, sempre foi muito natural. Desde que fui acadêmica; quando entrei na graduação, já atuava no município de Santa Maria. Eu fiz o magistério e passei no primeiro concurso da prefeitura; em abril de 1989 já estava trabalhando na rede e cursando a pedagogia. Eu conseguia fazer essa relação entre teoria e prática e a interlocução das disciplinas com o cotidiano; para mim, tudo era espaço de pesquisa. Sempre tive esse olhar investigativo e inquieto, o que se reportou para minha vida profissional.

Por fim, enquanto o tripé foca nas atividades fins da universidade, o “quadripé” a Professora Marilene reconhece na gestão educacional como um pilar estratégico essencial para que o ensino, a pesquisa e a extensão ocorram de forma articulada e compartilhada.

Após rememorarmos a trajetória docente da Professora Marilene, fica a aprendizagem de que seu percurso formativo se constitui como uma narrativa relevante para compreendermos processos de constituição da docência e da gestão escolar e educacional no campo da formação de professores. Seu percurso permite evidenciar como experiências vividas em diferentes contextos institucionais - educação básica, educação superior e gestão educacional - produzem sentidos formativos que se articulam na construção de uma identidade docente comprometida com a formação crítica de futuros professores.

Assim, a trajetória da Professora revela como experiências profissionais singulares podem contribuir para a produção de saberes pedagógicos, profissionais, experienciais e institucionais relevantes para o campo da formação de professores, oferecendo importantes elementos para a reflexão sobre os processos de constituição da docência universitária.

The background of the page is a collage of grayscale images. At the top left, there is a close-up of a building facade with horizontal architectural details. To its right, a woman in a graduation gown is shown in profile, looking towards the right. Below the woman, a group of graduates in gowns are visible. At the bottom left, a group of graduates in gowns are standing together. The bottom right shows another building facade. The central text is overlaid on a white rectangular area.

VOZES DE EGRESSOS(AS)

MEMÓRIAS E REGISTROS DE DANIELA NASCIMENTO: VIVÊNCIAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Noemi Boer

CAMINHOS TRILHADOS PELA EGRESSA

Para registro de memórias do curso de Pedagogia da Universidade Franciscana (UFN), ouvimos *Daniela Nascimento*, estimada egressa que marcou, com sensibilidade e inteligência, sua trajetória formativa e momentos importantes do curso. Hoje, como reconhecida profissional na cidade de Santa Maria, RS, objetiva-se, no presente texto, apresentar as narrativas da convidada a partir de seu olhar sobre sua formação inicial, trajetória acadêmica e percepções acerca do processo formativo, vivenciado em diferentes contextos educacionais. Os depoimentos apresentados se constituem em um material que permite rememorar os significados e as avaliações construídas pela ex-aluna quanto à sua experiência no curso de Pedagogia e quanto aos desdobramentos dessa formação em sua vida pessoal e profissional.

As informações foram obtidas por meio de uma entrevista narrativa e, logo, evidencia-se que a formação inicial em Pedagogia é compreendida por Daniela como um processo amplo e contínuo, marcado não apenas pela aquisição de conhecimentos teórico-metodológicos, mas também pela construção de vínculos afetivos, valores e identidades profissionais. Nesse discurso, revela-se a centralidade da instituição formadora na constituição de sua trajetória docente, destacando o papel da UFN como espaço de aprendizagem, crescimento e reconhecimento.

Daniela Nascimento concluiu o curso de Pedagogia no ano de 2000, há exatamente 25 anos, e a formatura ocorreu em 2001. À época, vivia-se um momento particular, a virada de um milênio, experiência por que muitas gerações não passarão. Concluir o curso de graduação, naquele ano,

foi simbólico na vida pessoal e profissional da nossa entrevistada, porque a virada do milênio representou um marco histórico para a humanidade planetária e para a sociedade brasileira, especialmente no que se refere às transformações tecnológicas e seus impactos sobre a educação.

No plano econômico-social, vivenciava-se um contexto de intensificação da globalização, expansão das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e a redefinição das políticas educacionais, impulsionadas, sobretudo, pelas reformas iniciadas na década de 1990. Contudo, esse processo ocorreu de forma desigual, refletindo as profundas assimetrias sociais, econômicas e regionais que caracterizam a realidade da educação brasileira. Ainda, no campo educacional, o país enfrentava desafios estruturais significativos, apesar dos avanços no acesso à educação básica, impulsionados pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/1996 (Brasil, 1996). À época, persistiam elevados índices de evasão escolar, defasagem idade-série, analfabetismo funcional e precarização das condições de trabalho docente (Saviani, 2008). A universalização do ensino fundamental estava em curso, mas a qualidade do ensino permanecia como um problema central.

Ciente de que a formação profissional constitui um processo contínuo na trajetória docente, Daniela Nascimento deu prosseguimento à sua qualificação acadêmica ao concluir, em 2002, o curso de Especialização em Psicopedagogia na Universidade Franciscana (UFN). Após um breve intervalo, ingressou no Mestrado em Educação na Universidade *La Salle* (Unilasalle), em Canoas, RS, concluindo-o em 2010. Movida pelo compromisso com a pesquisa e a produção de conhecimento, Daniela Nascimento deu continuidade à sua formação acadêmica por meio do Doutorado em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), finalizado em 2017. Atualmente, em 2026, encontra-se em fase de conclusão do estágio pós-doutoral na mesma instituição. Paralelamente à formação acadêmica, ela atua há 28 anos na Educação Básica, exercendo funções de gestão e docência, como diretora, coordenadora de projetos e professora de *ballet* na Organização não Governamental - ONG *Royale Escola de Dança e Integração Social*, em Santa Maria, RS.

Observa-se uma trajetória formativa consistente e progressiva, evidenciando a articulação entre a formação inicial em Pedagogia, pós-graduação na área da Educação e atuação profissional. Destaca-se, com isso, a ideia de formação continuada, aspecto central na profissionalidade docente, reforçando o compromisso da entrevistada com o desenvolvimento acadêmico e a prática educacional. Do ponto de vista interpretativo, observa-se, na sua trajetória acadêmica, uma relação entre teoria e prática com a constituição da identidade docente ao longo do tempo, associada às práticas socioculturais, como a dança em contexto da ONG *Royale Escola de Dança e Integração Social*.

Cabe destacar que os aspectos descritos, nesta seção, são coerentes com o pensamento narrativo de Josso (2004), segundo a qual a pessoa se torna, ao longo do tempo, responsável por seu conhecimento, formação e narrativas de vida. A autora defende a indissociabilidade de questionamentos e desafios a respeito das modalidades de formação e autoformação, portanto, um ser humano aprendente, o que permite associar este argumento à trajetória de nossa convidada. Nesses termos, para Josso (2004, p. 39), “formar-se é integrar-se numa prática o saber fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros a que acabo de aludir. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração”.

Assim, dos caminhos trilhados pela egressa, passamos às memórias pedagógicas e aos registros fotográficos encontrados no arquivo pessoal da entrevistada, entremeados de lembranças afetivas e recordações saudosas.

MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS: UM CAMINHO SEM VOLTA

Questionada a respeito de que lembranças possui do Curso de Pedagogia no seu período de formação, nossa entrevistada, assim se expressou.

Daniela Nascimento: *Tenho excelentes lembranças da minha formação em Pedagogia na UFN, pois tive a sorte de construir conhecimentos com maravilhosos educadores, que não apenas partilhavam saberes acadêmicos, mas também saberes para a vida, dentro de um ambiente extremamente acolhedor. Outro fator importante, na minha formação na UFN, foi a*

articulação entre teoria e prática, permitindo a vivência dos conhecimentos no dia a dia, bem como o incentivo à pesquisa científica.

Na primeira foto que segue, Daniela Nascimento é a oradora da turma de formandas do Curso de Pedagogia, em 2001. A segunda foto é um registro atual.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Sem sombra de dúvida, a resposta da entrevistada evidencia uma avaliação positiva de sua formação inicial em Pedagogia, destacando elementos centrais para a constituição da identidade profissional docente. As lembranças mencionadas não se restringem aos conteúdos acadêmicos, mas remetem à experiência formativa como um todo, marcada por relações humanas significativas, mediação pedagógica qualificada e um ambiente institucional acolhedor. Tal aspecto mostra que o processo formativo foi além da dimensão técnica, alcançando uma perspectiva humana, na qual o aprender esteve associado ao conviver e ao desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao ressaltar a atuação de “maravilhosos educadores”, Daniela Nascimento atribui papel fundamental aos professores formadores, compreendidos não apenas como transmissores de saberes científicos, mas como pessoas que compartilham valores, atitudes e aprendizagens para a vida. Essa percepção aponta para a relevância da relação pedagógica no ensino superior, indicando que práticas docentes, pautadas no diálogo,

na escuta e no compromisso ético, na perspectiva de Paulo Freire (2015), contribuem para ressignificar a profissão docente.

Outro aspecto relevante presente na resposta refere-se ao ambiente “extremamente acolhedor”, o que evidencia a importância do clima institucional no processo formativo. Um contexto marcado pelo acolhimento tende a favorecer a participação ativa dos estudantes, o engajamento nas atividades acadêmicas e a segurança para experimentar, questionar e construir conhecimentos. Assim, a formação é percebida como um espaço de pertencimento, elemento essencial para o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional.

Por fim, o “incentivo à pesquisa científica”, mencionado na resposta, revela uma formação que valoriza a produção do conhecimento e a postura investigativa, o que vai se refletir na continuidade dos estudos da entrevistada, chegando ao pós-doutorado. Esse elemento aponta para a compreensão do professor como pesquisador de sua própria prática, capaz de problematizar a realidade educacional e buscar respostas fundamentadas teoricamente. Desse modo, evidencia-se que sua formação em Pedagogia foi integradora e comprometida com a formação de um profissional reflexivo, crítico e humanamente sensível às demandas da educação.

Na continuidade da entrevista, perguntou-se a ela: Você lembra qual foi a sua motivação pela escolha do curso de Pedagogia? A resposta foi imediata.

Daniela Nascimento: *Acredito que foi minha vivência como bailarina e, posteriormente, como professora de ballet que me levou a buscar uma formação que propiciasse ampliar saberes e adquirir mais conhecimentos referentes ao ensino e à aprendizagem. É importante ressaltar que, na época de minha graduação em Pedagogia, não existiam cursos universitários de Dança no Rio Grande do Sul.*

Observa-se que a resposta à pergunta sobre a motivação para a escolha do curso de Pedagogia revela um percurso formativo marcado pela experiência prévia no campo da Arte, pela vivência como bailarina e professora de *ballet*. Esse dado evidencia que a decisão pela formação pedagógica não se deu de forma aleatória, mas emergiu de uma prática

concreta de ensino, na qual já estavam presentes questões relacionadas aos processos de ensinar e aprender. Assim, a escolha do curso de Pedagogia pode ser compreendida como uma busca por fundamentação teórico-metodológica capaz de qualificar uma prática docente que já se encontrava em exercício e que, de certa forma, conforme Josso (2004), remete às histórias da infância, que se constituem não só em aprendizagem, o que simboliza a compreensão das experiências de vida, mas também em narrativas de formação, agregando recursos dessas vivências, acumuladas na transformação da identidade individualmente.

Ao afirmar que desejava “ampliar saberes e adquirir mais conhecimentos referentes ao ensino e à aprendizagem”, Daniela Nascimento expressa a concepção de formação docente como processo de aprofundamento reflexivo, no qual a experiência prática demanda diálogo com o conhecimento científico. Tal perspectiva aproxima-se da compreensão de que a prática educativa, para além do domínio técnico, requer sustentação teórica que permita ao professor compreender os estudantes, os contextos e as dinâmicas relacionadas ao ensino.

Outro elemento relevante presente em sua fala refere-se ao contexto histórico e institucional da época, quando não havia cursos universitários de Dança no Rio Grande do Sul. Essa ausência revela limitações estruturais do campo formativo e ajuda a compreender a Pedagogia como uma alternativa possível e legítima para profissionais oriundos de outras áreas do saber e que atuam na área do ensino. Nesse sentido, a escolha pelo curso de Pedagogia também pode ser interpretada como uma estratégia de profissionalização e legitimação acadêmica da prática docente desenvolvida no âmbito da dança.

Desse modo, pode-se inferir que a motivação para a escolha do curso de Pedagogia esteve ancorada tanto em experiências pessoais e profissionais quanto em condicionantes históricos do sistema educacional. Tal escolha revela uma postura reflexiva e comprometida com a qualificação da prática docente, evidenciando a formação pedagógica como meio de ressignificação da experiência e de ampliação das possibilidades de atuação no campo educacional.

Na sequência, o diálogo voltou-se para a importância da formação inicial em Pedagogia para a sua vida pessoal e de que maneira a formação inicial impactou a trajetória profissional da entrevistada.

Daniela Nascimento: *Minha formação em Pedagogia contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional, pois foi possível articular saberes e conhecimentos acadêmicos no meu cotidiano, gerando descobertas e propiciando uma nova leitura de mundo, bem como do meu papel, enquanto educadora na transformação da realidade. Portanto, pontuo que os conhecimentos construídos, durante minha formação em Pedagogia, são imensamente potentes e reverberam na minha trajetória de vida.*

Como se observa, a formação inicial em Pedagogia se constituiu em um processo formativo que articula os aspectos profissional e a dimensão pessoal. Entende-se que, ao afirmar que a formação contribuiu para seu “crescimento pessoal e profissional”, a entrevistada indica que o percurso acadêmico possibilitou transformações subjetivas, relacionadas à ampliação de horizontes, ao desenvolvimento do pensamento crítico e à construção de novos sentidos para a própria experiência de vida.

Um aspecto central da resposta refere-se à articulação entre saberes acadêmicos e o cotidiano, sugerindo que a formação em Pedagogia não se restringiu à assimilação de conteúdos teóricos, mas à promoção integradora entre teoria e prática, com vistas à ressignificação dos conhecimentos a partir das experiências vividas. Esse movimento evidencia uma concepção de formação ancorada na *práxis* educativa, em que o conhecimento se constrói no diálogo permanente entre reflexão teórica e ação concreta. Essa releitura remete ao saudoso Paulo Freire e revela o impacto formativo da Pedagogia na construção de uma consciência crítica acerca da realidade social e educacional.

A entrevistada reconhece que a formação inicial contribuiu para uma compreensão mais ampla e aprofundada dos fenômenos sociais, bem como para o reconhecimento do papel do educador, como sujeito histórico e social. Nesse sentido, a Pedagogia aparece como um campo de saber que possibilita ao professor compreender a educação como prática social, comprometida com a transformação da realidade. Além disso, ao

destacar seu “papel enquanto educadora na transformação da realidade”, Daniela Nascimento evidencia uma concepção ética e política da docência. A formação inicial é percebida como elemento estruturante da identidade profissional, pois orienta a atuação pedagógica a partir de valores, como responsabilidade social, compromisso com a educação e consciência do potencial transformador do trabalho docente.

Por fim, ao afirmar que os conhecimentos construídos durante a formação em Pedagogia são “imensamente potentes” e reverberam em sua trajetória de vida, a entrevistada reafirma o caráter duradouro e significativo dessa formação. Tal afirmação indica que a formação inicial não se encerra no período universitário, mas continua a influenciar escolhas, práticas e posicionamentos ao longo da vida pessoal e profissional. Assim, a resposta analisada permite compreender a Pedagogia como um campo formativo, capaz de produzir impactos profundos e contínuos, contribuindo para a constituição de um educador reflexivo, crítico e comprometido com a transformação social.

Na sequência, questionou-se: você gostaria de narrar algum fato marcante que ocorreu no período do curso? Você disponibiliza de algum registro fotográfico?

Daniela Nascimento: *Durante a disciplina de Língua Portuguesa, ministrada pela professora Magaly Lopes da Luz, foi proposta, como atividade de avaliação da disciplina, a construção de uma peça de teatro. Então, a turma foi dividida em dois grandes grupos e passamos, durante o semestre, envolvidos na escrita e execução da peça teatral. Foi uma atividade muito empolgante, pois também necessitávamos criar figurinos, cenários, sonoplastia, iluminação, maquiagem, enfim, todo o universo que cerca uma realização teatral. No final do semestre, as peças foram apresentadas no auditório da UFN. E foi um sucesso! No ano seguinte, durante o Congresso de Educação da UFN, tivemos a oportunidade de apresentar a peça teatral no Teatro Treze de Maio. Tal fato constituiu-se num momento único, em que futuros docentes transformaram-se em artistas!*

Na primeira foto que segue, Daniela Nascimento está com a professora Magaly Lopes da Luz. A segunda foto mostra o grupo de

alunos com e professora Ariéte Theresinha Schnadelbach e Silva (sentada), no cenário de apresentação da peça teatral.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Ao narrar a experiência vivenciada na disciplina de Língua Portuguesa, a entrevistada destaca uma proposta avaliativa que vai além dos formatos tradicionais de avaliação, privilegiando uma metodologia ativa, baseada na construção coletiva, na expressão artística e no envolvimento dos estudantes ao longo de todo o semestre letivo. A atividade descrita revela um trabalho colaborativo, uma vez que a divisão da turma em grupos e a realização conjunta da escrita e execução da peça teatral exigiram diálogo, cooperação, negociação de ideias e corresponsabilidade. Esses elementos são fundamentais na formação docente, pois possibilitam o desenvolvimento de competências relacionais e comunicativas, essenciais à prática pedagógica. Ao narrar que a atividade foi construída ao longo do semestre, indica um processo formativo pautado na aprendizagem significativa, em que os estudantes se tornam protagonistas de sua própria formação.

Outro aspecto relevante diz respeito à articulação entre diferentes linguagens e saberes. A construção da peça teatral mobilizou conhecimentos linguísticos, artísticos, estéticos e organizacionais, integrando teoria e prática de forma dinâmica. A criação de figurinos, cenários, sonoplastia, iluminação e maquiagem demonstra uma compreensão ampliada do

processo educativo, no qual o ensino da Língua Portuguesa se articula à expressão corporal, à criatividade e à sensibilidade estética, contribuindo para uma formação docente mais completa e interdisciplinar.

A apresentação da peça teatral no auditório da instituição e, posteriormente, em um espaço cultural, como o *Theatro Treze de Maio*, conferiu visibilidade e valorização à produção acadêmica dos estudantes. Tal reconhecimento extrapola os muros da universidade e fortalece o que, hoje, denomina-se curricularização da extensão. Nesse processo, a experiência de ocupar um espaço artístico-cultural da cidade reforça a compreensão da educação como prática social e culturalmente situada.

Por fim, ao afirmar que o episódio se constituiu em um “momento único”, no qual “futuros docentes transformaram-se em artistas”, a entrevistada evidencia o caráter transformador da experiência vivida. A narrativa revela como práticas pedagógicas criativas podem ampliar a compreensão do papel do professor, estimulando a sensibilidade, a criatividade e a capacidade de inovar no ensino. Desse modo, o fato relatado configura-se como um marco formativo que contribuiu para a construção de uma identidade docente aberta à arte, à interdisciplinaridade e à potência formativa das experiências estéticas no processo educativo.

A interação entre o saber-fazer e o conhecimento constitui-se em experiências formadoras, onde o aprendente testa suas identidades em diversas atividades e registros (Josso, 2004). Para a autora, a construção da narrativa de formação individual leva a um pensamento antropológico, ontológico e axiológico. A dimensão antropológica destaca características do ser humano independentemente do contexto cultural e sócio-histórico; já em reflexão ontológica, questiona-se: quem sou eu? Em reflexão axiológica, tornam-se evidentes os valores estruturais que orientam a existência, entre eles, interioridade e exterioridade, responsabilização e dependência.

Com isso, as narrativas trazem experiências diversas que possibilitam questionar as escolhas, as inércias e as dinâmicas, favorecendo a construção de uma narrativa presente, baseada, especialmente, em experiências do passado. Josso (2004) alerta que a aprendizagem experiencial integra o saber-fazer, e os conhecimentos são um meio eficaz de

transformação. No que se refere às experiências formativas, o aprendente interpreta sua humanidade por meio dos desafios da condição individual e da condição coletiva. Ainda, segundo esta autora, ao mesmo tempo que o individual potencializa as habilidades, a criatividade e a construção de ideias, a construção da inovação emerge de indivíduos atuantes, traçando um paralelo entre tradição (atuação de experiências conhecidas) e modernidade (novas experiências). Foi isso que se observou no relato da atividade teatral narrada pela nossa entrevistada.

Interessada em saber suas percepções a respeito da Instituição em que fez sua formação inicial, questionamos: O que representa para você ser egresso da Instituição, atualmente denominada Universidade Franciscana?

Daniela Nascimento: *Tenho orgulho de ter “me construído” como educadora na UFN! É uma Instituição que realmente oferece uma formação acadêmica de qualidade, valorizando o desenvolvimento integral do sujeito, abrangendo não apenas o conhecimento técnico e científico, mas também suas dimensões sociais, emocionais, éticas e culturais. Acredito que a UFN forma um profissional completo, capaz de atuar de forma consciente e responsável na sociedade.*

O posicionamento de Daniela Nascimento expressa o sentimento de pertencimento e de valorização institucional, associado à sua condição de egressa da UFN. Ao confirmar seu orgulho de ter “se construído” como educadora nessa Instituição, ela atribui à universidade um papel constitutivo em sua identidade pessoal e profissional, reconhecendo-a como espaço formativo, que ultrapassa a transmissão de conteúdos e se inscreve na sua trajetória de vida.

Destaca-se, na resposta, a ênfase na qualidade da formação acadêmica oferecida pela UFN, compreendida a partir de uma perspectiva ampliada de educação. A entrevistada ressalta que a instituição valoriza o desenvolvimento integral do ser humano, articulando conhecimentos técnico-científicos às dimensões sociais, emocionais, éticas e culturais. Tal compreensão indica uma concepção de formação alinhada a princípios humanistas, nos quais o educando é percebido em sua totalidade, e não apenas como futuro profissional especializado.

Quanto ao reconhecimento de que a UFN forma um “profissional completo”, a entrevistada evidencia a percepção de que a universidade contribui para o desenvolvimento de competências que vão além do domínio cognitivo, envolvendo consciência social, responsabilidade ética e engajamento com a realidade. Essa visão reforça a ideia de que a formação universitária deve preparar o egresso para intervir criticamente na sociedade, assumindo compromissos com a transformação social e com o bem comum.

Além disso, o discurso da entrevistada revela a internalização dos valores institucionais, baseados na filosofia franciscana cuja síntese se traduz na expressão *Paz e Bem*, de Francisco de Assis. Ao associar sua formação à capacidade de atuar de maneira consciente e engajada, a entrevistada sugere que a experiência acadêmica na UFN contribuiu para a construção de uma postura profissional crítica, reflexiva e comprometida com as demandas sociais contemporâneas. Essa análise reafirma o trabalho desenvolvido por Daniela Nascimento na ONG Royale Escola de Dança e Integração Social, em Santa Maria, RS.

Por fim, a resposta em questão permite inferir que a condição de egressa da Universidade Franciscana representa não apenas um título acadêmico, mas também um marco identitário. A UFN é reconhecida como espaço de formação humana e profissional que deixou marcas duradouras em sua trajetória, reafirmando o papel das instituições de ensino superior na formação de educadores capazes de articular conhecimento, ética, sensibilidade e compromisso social em sua prática profissional.

PALAVRAS FINAIS ...

Para encerrar a entrevista com Daniela Nascimento, a pergunta inevitável foi: você gostaria de acrescentar mais alguma coisa que seja relevante como memória de sua formação inicial no curso de Pedagogia? A resposta foi breve e consistente.

Daniela Nascimento: *Gostaria de agradecer à UFN pela excelente formação, confirmando que ela faz parte da minha vida!*

Ainda que breve, é um depoimento que revela um conteúdo afetivo acerca de sua formação inicial no curso de Pedagogia. Entende-se que, ao expressar gratidão, Daniela atribui à Instituição um lugar de destaque em sua trajetória de vida, indicando que a experiência formativa não se limitou ao período acadêmico, mas permaneceu como referência constitutiva de sua identidade pessoal e profissional.

A afirmação de que a UFN “faz parte da sua vida” evidencia a internalização da experiência universitária como memória formativa duradoura. Tal expressão sugere que a formação inicial foi vivenciada de modo intenso e significativo, deixando marcas que ultrapassam a dimensão cognitiva e se inscrevem no plano das relações, dos valores e dos sentidos construídos ao longo do percurso acadêmico. A gratidão pode ser compreendida como reconhecimento do impacto positivo da Instituição na constituição do sujeito educador.

Além disso, a resposta indica que a formação recebida foi percebida como “excelente”, o que reforça a avaliação positiva da qualidade acadêmica e humana do curso de Pedagogia. Ainda que não detalhe aspectos específicos da formação, o tom de agradecimento sintetiza experiências anteriores já mencionadas pela entrevistada, como o acolhimento institucional, a articulação entre teoria e prática e a valorização do desenvolvimento integral, conferindo unidade à narrativa de sua trajetória formativa.

Do ponto de vista analítico, a brevidade da resposta não diminui sua relevância; ao contrário, ela condensa sentidos profundos relacionados à memória, ao pertencimento e à identidade profissional. A evocação da Instituição, como parte de sua vida, indica que a formação inicial em Pedagogia foi um processo importante de construção de si, no qual a universidade desempenhou papel formador para além do âmbito técnico-profissional.

Entende-se que a resposta final da entrevistada funciona como um fechamento simbólico de sua narrativa formativa, reafirmando a importância da Instituição na sua história e na formação inicial em Pedagogia, o que deixou um legado afetivo, ético e profissional que continua a reverberar em sua trajetória de vida. Com isso, evidencia-se que a formação inicial da egressa não foi percebida apenas como um requisito formal para

o exercício da docência, mas como um marco constitutivo de sua identidade pessoal e profissional, permeado por vínculos afetivos, reconhecimento institucional e valorização do percurso formativo.

Em nossa análise, as narrativas aqui apresentadas revelam que a Universidade Franciscana, como instituição formadora, ocupa um lugar significativo na memória, não apenas de Daniela Nascimento, mas também de inúmeros egressos e tantos professores. A experiência de formação sólida e humanizadora reforça a ideia de que os processos formativos, no curso de Pedagogia, transcendem a dimensão técnica, alcançando aspectos subjetivos e simbólicos que influenciam diretamente o modo como o professor se compreende e atua no mundo do trabalho docente.

Portanto, as narrativas deste texto permitem concluir que a formação inicial, quando vivenciada de maneira significativa, tende a produzir impactos duradouros na trajetória profissional, fortalecendo o vínculo com a docência e com a instituição formadora. Reafirma-se a importância de políticas públicas e práticas institucionais de formação de professores que considerem não apenas os aspectos curriculares, mas também as dimensões humanas, afetivas e identitárias, envolvidas nos processos educativos. Acredita-se que essas considerações contribuem para o debate sobre a qualidade da formação docente e sobre seu papel na constituição de profissionais comprometidos com a educação e com a transformação social. Parte superior do formulário

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

NA VOZ DE JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE: UMA TRAVESSIA ENTRE O VIVIDO E O NARRADO NO CURSO DE LETRAS

Adriana Claudia Martins

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas - de fazer balancê, de se remexerem dos lugares.
(Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa)

Na epígrafe que abre o texto, a memória não aparece como arquivo estático, mas como matéria viva, inquieta, que se desloca e se reconfigura a cada tentativa de narrá-la. Assim como no reencontro entre trajetórias acadêmicas e pessoais, o passado não retorna intacto, mas se move, é reinterpretado e, ao ser dito, transforma também os participantes no diálogo.

Fotografias em um quadro de formatura, o qual se apoia na estante, entre o estar silencioso e o permanecer atento à estrada de nossas trajetórias. São as imagens de um tempo que não passou por completo, pois foi transformado e permanece nos transformando. Visto-me dos 28 anos que passaram desde o dia 19 de dezembro de 1998 e dedilho por entre as páginas do convite de formatura, em forma de *Sopa de letras*, experiencio a saudade daqueles anos, entre 1995 e 1998. Na panela ilustrada para o convite, fomos fotografados(as), uma mistura realizada com rostos, letras e sentidos, preparando sujeitos feitos de palavras, de percursos distintos e de sonhos compartilhados.

Neste agora, as letras seguem em diálogo aquecido, o desejo pela formação profissional que um dia nos reuniu retorna como possibilidade de escuta das memórias das trajetórias. Esta escritura emerge desse instante suspenso, em que a palavra circula como ponte entre o que fomos e o que nos tornamos, vozes individuais, mas também coletivas, que narram

a compreensão do que ficou. Um reencontro tardio, mediado por telas, memórias e afetos, em que colegas voltam a conversar não para repetir o passado, mas para relê-lo. Como se, ao abrir a câmera e o microfone, abrissemos também um livro antigo, agora enriquecido por fotografias, quadros, convites e lembranças, com outras mãos, outro fôlego e novas margens para escrever.

O protagonista do texto que apresento é meu querido colega e egresso do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, professor Dr. João Luis Pereira Ourique. Deixei que sua narrativa imprimissem marcas em mim como um tempo reencontrado, enquanto também eu revivia minha própria trajetória de egressa nas frestas da memória de João Luis. É desse diálogo que nascem as palavras neste capítulo, entre o que foi vivido pelo colega e o que ressoa na minha história. Assim, tentamos compartilhar das experiências do tempo como acadêmicos de Letras na Universidade Franciscana, há três décadas e que pulsa, de algum modo, no presente.

Inicialmente e, por e-mail, apresento a proposta de entrevista para João Luis e sinalizo o desejo de conhecer sua história de egresso da UFN, trajetória profissional e os principais eventos por ele vividos e relacionados à Instituição. O contato com João Luis deu-se por meio de mensagens de e-mail, primeiramente, como quem reabre uma porta antiga, dois colegas de graduação que, depois de longos desvios e caminhos próprios, voltam a se encontrar - agora não mais por acaso, mas em torno da escrita deste capítulo, parte da obra que celebra os 70 anos dos cursos de Letras e Pedagogia. Após o primeiro envio, a resposta chega breve, mas carregada de reconhecimento:

João Luis: *Claro que me lembro de você, assim como dos colegas de curso[...]. Entrei(amos) na FIC, estudamos na FAFRA e nos formamos na CEU-NIFRAN, logo UNIFRA, e você ainda volta para trabalhar na UFN! Eu estou em Pelotas, desde 2008.*

Nesse primeiro movimento de retomada, a conversa já não se dava mais nos corredores da universidade ou na sala de aula, mas no espaço mediado da escrita, onde a palavra chega depois do tempo e, ainda

assim, o reconfigura. João Luis, gentilmente, disponibilizou seu memorial acadêmico, o qual foi elaborado por ocasião de sua progressão à classe de professor titular na Universidade Federal de Pelotas, onde atualmente é docente. Entre lembranças do período de formação e o reconhecimento mútuo das trajetórias percorridas, neste reencontro, há algo que escapa ao registro técnico da entrevista. A conversa se aproxima mais de um gesto de escuta do que de extração de dados, como se a narrativa precisasse de um certo silêncio ao redor para que pudesse emergir.

Nesse sentido, na narrativa a vida é aquilo que nos acontece e que só se torna experiência quando nos atravessa, quando nos desloca e nos obriga a dizer de outro modo aquilo que já não somos exatamente os mesmos para dizer. Relembramos nossos professores, os eventos de Letras, as visitas ilustres. João Luis acrescenta, ainda, a lembrança de um convite de formatura - “a sopa de letras” - que guarda como vestígio material de um tempo que não se deixa arquivar por completo.

A foto que segue mostra o convite de formatura do Professor João Luis Pereira Ourique. Imagem denominada *Sopa de Letras*.



Fonte: arquivo pessoal do entrevistado.

Há, então, uma primeira camada de narrativa que não se organiza como linha reta, mas como retorno. Algo que lembra, em certa medida, a tradição de Guimarães Rosa, quando o vivido não se oferece como sequência, mas como travessia, quando o real não está na saída nem na chegada, mas no momento em que se está na travessia. É nesse entremeio que a fala de João Luis se constrói.

João Luis: *São várias lembranças que voltam à mente, especialmente pelo tempo transcorrido. Algumas são bem vívidas, outras parecem reescritas pela distância percorrida e ressignificada nos dias de hoje. É difícil selecionar algumas entre tantas, especialmente pelo receio de deixar algo importante pelo caminho, afinal foram quatro anos intensos em que estudar no período da noite em função do trabalho era ao mesmo tempo um desafio e um alívio entre rotinas conflitantes. Começo pela decisão em realizar o vestibular na FIC. Alguns colegas não valorizam essa escolha, afinal eu já estava cursando a faculdade de Economia na UFSM e não fazia sentido para eles começar outro curso. Outros, no entanto, entenderam e um deles me deu um emblema - provavelmente de um convite de formatura - da FIC dizendo que a mãe dele havia estudado lá (não sei dizer qual o curso). A coincidência foi que a faculdade estava comemorando seus 40 anos em 1995, o que também chamou minha atenção positivamente. Outra situação que destaco foi a consideração que os professores e professoras da instituição tiveram não somente comigo, mas com toda a turma ao longo da formação. Havia uma espécie de compreensão tácita sobre as reais condições dos alunos (ainda mais os dos cursos noturnos) que optavam por arcar com as mensalidades de um curso superior para terem uma melhor previsibilidade e estrutura. Afinal, estávamos no contexto da década de 1990, em que as universidades federais tinham pouca oferta de cursos noturnos e sofriam com falta de professores, greves... Agora como professor de uma universidade federal vejo que alguns desses problemas continuam, mas que há uma presença de acadêmicos com um perfil mais próximo do meu àquela época. Lembro da maioria dos professores, talvez me escape alguns nomes de memória, mas a convivência para mim foi fundamental. E, para evitar alguma injustiça, apenas vou citar três momentos entre tantos possíveis: o primeiro foi logo nos*

primeiros semestres do curso. O curso de Letras Português-Inglês tinha a disciplina de Latim I e II com uma carga horária menor que o Letras Português diurno. Em razão do meu trabalho acabei ficando infrequente na disciplina Latim I e não podendo cursar o Latim II. No ano seguinte haveria choque de horário e somente poderia cursar a disciplina à tarde, o que consegui graças a desconto em férias e não saberia se conseguiria fazer no semestre seguinte o Latim II. O que me ajudou muito foi - também pelo fato de que o professor era o mesmo nos dois cursos - que a carga horária do Latim I do curso diurno pode ser aproveitado para as duas disciplinas do noturno, mantendo a possibilidade de eu continuar regular no curso. O segundo momento decisivo foi no período dos estágios. Mais uma vez por causa do trabalho eu não teria como realizar conforme a oferta da instituição, fazendo com que eu fosse galgando degrau por degrau todas as estruturas administrativas até chegar na reitoria para viabilizar um projeto de ensino que atendesse às exigências regimentais. Apesar de todo esse percurso, tive o apoio em cada uma desses passos: da disciplina, do curso, das coordenações, das secretarias, das pró-reitorias e da reitoria, possibilitando sua realização e a consequente conclusão do curso sem atraso. Por fim, a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. A orientação foi fundamental para que eu, enfim, pudesse entender o que é uma pesquisa acadêmica, me identificasse com esse mundo e buscasse a continuidade na pós-graduação, inicialmente na especialização ofertada pela própria instituição e depois no mestrado e doutorado na UFSM. Certamente meus colegas de curso - e também dos outros cursos daquela época - devem lembrar o quanto foi difícil formatar e imprimir o TCC (folha A5, frente e verso) para depois entregar para a banca aquele “livrinho”.

A motivação de João Luis para o curso de Letras não se apresenta como ruptura, mas como sedimentação, algo que se acumula à maneira das camadas de experiência que a literatura brasileira tantas vezes encena como destino e escolha ao mesmo tempo, de Machado de Assis a Graciliano Ramos, onde o sujeito nunca é apenas quem decide, mas também aquilo que é atravessado pelas condições do mundo.

João Luis: *A motivação não veio de um momento, mas de uma soma de acontecimentos ao longo de vários anos. Cursei o Segundo Grau, hoje*

Ensino Médio, profissionalizante e me formei em Técnico em Contabilidade. Assim, parecia lógico que continuasse nessa área. Ingressei, em 1991, na Faculdade de Economia da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Em 1992, quando me mudei para Santa Maria, ainda retomei o curso na UFSM, mas a falta de condições em decorrência do trabalho como militar acabou por frustrar esse caminho que se apresentava quase intransitável para mim. Quando comecei a efetivamente trabalhar no quartel identifiquei um abismo que, apesar de saber da existência, não havia me deparado ainda com ele; ou seja, pessoas que não tiveram acesso à educação básica. O não acesso à escola e o analfabetismo que parecia algo distante de mim se materializou na forma de soldados que ingressavam para o serviço militar e que eu tinha que instruir nos ofícios e no contexto da caserna. Talvez nesse momento tenha voltado o que já existia e eu não percebia de forma clara: o que alguns chamam de vocação, talvez, ou algo de inquietação e que eu vislumbrei como uma necessidade. Ser professor. Mesmo que não tenha vindo a atuar diretamente com a educação básica, acabei trabalhando na formação de professores. No ano em que ingressei no curso de Letras também acabei responsável por um projeto (Pelotão Napion) no Parque Regional de Manutenção/3 que atendia menores em situação de vulnerabilidade social. Longe da noção das escolas cívico-militares dos últimos anos, o projeto procurava auxiliar e não substituir as escolas, trazendo esses jovens que não tinham condições de frequentar as escolas regulares e exigindo a sua frequência e desempenho para permanecerem no projeto. Assim, esse conjunto de elementos: interesse pessoal pela cultura e pela literatura, pela leitura e pela escrita, a curiosidade em aprender um novo idioma, e a profissão de professor. Ser professor, ainda mais em uma área que considerava e considero importante, acabou sendo determinante para aceitar e trilhar esse caminho.

Na narrativa de João Luis, a formação inicial, por sua vez, aparece como espaço de tensão produtiva, onde o ele se faz também na contradição, sem síntese apressada:

João Luis: É interessante essa pergunta sobre minha formação inicial, pois não consigo medir ou dimensionar o tamanho dessa importância. Foi um momento em que estava descobrindo a mim mesmo no processo,

criticando tudo e, por vezes, aceitando sem os devidos filtros várias outras questões. Tinha um pensamento de esquerda em um meio militar que via mais como um trabalho do que uma vocação. Também estudava dentro de uma instituição com uma forte presença religiosa, sendo também crítico ao conservadorismo. No entanto, essas mesmas instituições, apesar de suas contradições, me permitiram acessar aspectos que me marcaram mais positivamente do que de forma negativa. O ambiente acadêmico, o convívio com professores e colegas foi fundamental. A formação inicial e a instituição não sufocavam ou sufocaram o percurso, se apresentando como algo que de fato acho essencial e aprendi ao longo do tempo: uma base sólida para o livre pensamento, respeito às diferenças e aceitação do diferente como parte de nós mesmos. Nesse espaço pude articular um elemento fundamental presente no fazer literário: nada do que é humano me é estranho e que toda a experiência humana é de interesse da literatura. Somos sujeitos em constante formação e sujeitos a deformações ao longo do tempo. A não superação desses conflitos - externos e internos - talvez tenha sido o que mais impactou esse período, permitindo com que eu dialogasse dentro das minhas limitações até hoje. Para mim não foi uma época de estudos em uma faculdade, mas uma formação no sentido mais amplo, tendo os conceitos da área de Letras como pano de fundo para essa perspectiva maior. Até hoje fico entre as linhas e *as entrelinhas, para fazer uma analogia entre teorias, literaturas, línguas, culturas, tentando refletir sobre esses papéis sociais e históricos.*

Parafraseando *Grande Serão Veredas* de nosso Guimarães Rosa, é possível dizer que o mais importante e bonito do mundo é quando as pessoas não estão terminadas, mas quando elas mudam. É nesta reflexão que João Luis enfatiza o caráter processual de sua formação e experiência. Entre as marcas mais nítidas desse percurso, surgem acontecimentos que condensam o vivido como memória persistente:

Na foto que segue, está o prof. João Luis Pereira Ourique, na ocasião em que foi orador da turma de formandos do Curso de Letras Português-Inglês, em 1998.



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado.

Neste contexto de registros da formatura, na foto que segue, à esquerda, está o João Luis Pereira Ourique com a turma dos formandos, em 1998, no Hall do Prédio I, Conjunto I, da Universidade Franciscana. Ao lado do egresso, está a também egressa, autora deste texto, Professora Adriana Claudia Martins.



Fonte: arquivo pessoal da autora do capítulo.

João Luis: *Tenho lembranças que guardo com carinho de dois acontecimentos: ter atuado como mestre de cerimônias do evento realizado em 1996 que trouxe o escritor Moacyr Scliar, de quem ainda guardo o autógrafo, para palestrar na então Faculdades Franciscanas (FAFRA) e ter sido o orador da turma de formandos de 1998 do à época Centro Universitário Franciscano.*

Por fim, o pertencimento à instituição apresenta-se como continuidade, não como fechamento, mas como permanência em movimento, algo que insiste em não se encerrar:

João Luis: *Representa a base de uma caminhada, a saída de uma trilha para uma estrada, o encontro de uma direção alinhada com um propósito. Sempre guardo um carinho por essa instituição, especialmente por ter se apresentado no meu caminho, pelas oportunidades que tive de aprendizado e pelas conquistas obtidas até hoje. Ser egresso, para além da questão do diploma e da formação, traz sentimentos de tristeza quando recebo uma notícia da perda de um professor que trabalhava na instituição, ou de alegria quando vejo algum colega ocupando espaços importantes, atuando como profissionais reconhecidos. Representa uma espécie de pertencimento, um lugar que, ao menos na imaginação, eu poderia voltar a qualquer momento.*

E talvez seja isso que permanece, para além das datas, dos registros e das formas institucionais, ou seja, um fio invisível que nos religa ao que fomos sem nos fixar no que já não somos. Entre lembranças que insistem e silêncios que também dizem, a experiência vivida na universidade se alonga como travessia - não encerrada no tempo da formação, mas continuamente reescrita nas escolhas, nos gestos e nas palavras que ainda nos atravessam. Ao ouvir João Luis, também me escuto; e, nesse movimento de espelho e desvio, compreendo que narrar o passado não é detê-lo, mas permitir que ele siga acontecendo em nós, como presença que se reinventa.

Talvez por isso, o diálogo não se encerra: ele se desdobra. João Luis, então, me convida a prolongar esse encontro em parceria institucional, aproximando nossos caminhos nos programas de pós-graduação, na possibilidade de compormos bancas, acompanharmos orientandos e partilharmos, mais uma vez, o ofício de formar. Acrescenta, com a mesma generosidade que atravessa sua narrativa, estar à disposição para contribuir

também com o curso de Letras da UFN. E assim, o que começou como memória retorna como gesto de continuidade, não mais apenas lembrança, mas promessa de trabalho comum, como se a travessia, afinal, encontrasse novos modos de seguir.

Na palavra como caminho que guia para um texto final, ser egresso não é apenas carregar um diploma ou um nome institucional no currículo. É reconhecer um ponto de partida, um lugar simbólico que permanece como referência afetiva e formativa. Entre perdas e conquistas, a instituição segue existindo como espaço de memória, como possibilidade de retorno - ainda que apenas imaginado.

Ao fim deste percurso narrado, o que se evidencia não é apenas a história de uma formação acadêmica, mas a tessitura de um egresso do Curso de Letras português-Inglês que se constrói na travessia entre instituições, tempos e papéis sociais. A trajetória apresentada revela que formar-se em Letras não foi um ponto de chegada, mas um gesto contínuo de escuta, de leitura do mundo e de inscrição da própria experiência na linguagem.

As memórias aqui reunidas mostram que a formação inicial se deu em meio a contradições - entre trabalho e estudo, entre rigidez institucional e abertura ao pensamento crítico, entre certezas provisórias e inquietações duradouras. É justamente nesse espaço de tensão que a educação se afirma como experiência transformadora: não como moldura que limita, mas como chão que sustenta o movimento.

O curso de Letras aparece, assim, como um lugar de acolhimento do diverso e de cultivo do olhar sensível para o humano. Nele, a literatura, as línguas e as teorias não se apresentam como fins em si mesmas, mas como instrumentos para compreender a complexidade da experiência humana e para assumir, com responsabilidade, o compromisso ético do ensinar e do aprender. A formação se amplia para além da sala de aula, estendendo-se às relações, aos embates internos, às escolhas profissionais e à permanência do desejo de compreender.

Ser egresso, nesse contexto, é reconhecer a própria história como parte de uma história maior. É carregar consigo um pertencimento que

não se fixa no passado, mas que continua operando no presente, orientando práticas, valores e modos de estar no mundo. A instituição permanece como referência afetiva e simbólica, não como nostalgia paralisante, mas como memória viva que acompanha o percurso.

Este capítulo, portanto, inscreve-se como testemunho de que a formação em Letras ultrapassa o domínio técnico e se afirma como experiência de humanização. Entre linhas e entrelinhas, o que permanece é a certeza de que educar e se educar é um processo inacabado, feito de retornos, revisões e permanências, em que a palavra segue sendo caminho, abrigo e horizonte.

REFERÊNCIA

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SETE DÉCADAS DO CURSO DE PEDAGOGIA E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PROFISSÃO: NARRATIVAS DE GISELE BAUER MAHMUD

Eliane Aparecida Galvão dos Santos

Ao celebrarmos os 70 anos do Curso de Pedagogia, ano em que a Universidade Franciscana também comemora os seus 70 anos, nada mais oportuno do que trazer as vozes de seus egressos. Afinal, setenta anos! É uma trajetória que nos convida a muitas reflexões: quantas gerações de pedagogos foram formadas e hoje ocupam lugar de destaque no mercado de trabalho? Egressos que impactaram e impactam a educação e a sociedade com o seu trabalho, seja como docentes, gestores ou educadores em diversos espaços educacionais.

Ao longo dessas sete décadas, o Curso de Pedagogia não só formou profissionais de vanguarda, mas consolidou-se como um dispositivo de transformação para inúmeras gerações. A trajetória do Curso de Pedagogia é uma coletânea de “vidas vividas”, de experiências compartilhadas e de legados construídos por gerações de educadores que transformaram a formação recebida em impacto social.

Segundo Marie-Christine Josso (2004), a narrativa sobre a história de vida revela um conjunto de marcas passadas, estabelecendo a mediação entre as experiências vividas e o significado que estas adquirem para o narrador na relação com o seu “eu” no tempo presente. A partir dessa perspectiva, utilizamos a entrevista narrativa com a egressa do curso de Pedagogia da UFN, Gisele Bauer Mahmud. Além de pedagoga, ela é especialista em Psicopedagogia e em Gestão Escolar e, atualmente, dedica-se à pesquisa como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Humanidades e Linguagens da UFN. Ocupa, o cargo de Secretária de Município

da Educação de Santa Maria/RS, uma das funções de maior relevância e desafio na gestão pública educacional do município.

Esse modelo de entrevista possibilita a reconstrução dos acontecimentos da trajetória acadêmica da egressa, cuja narrativa servirá como fio condutor desta discussão. Ao contar suas experiências, a participante expressa, em sua própria voz, outras vozes, em um movimento polifônico que reflete a realidade de seu grupo e de seu momento histórico, social e cultural (Bakhtin, 2011; Josso, 2004).

Assim, as narrativas de Gisele aqui apresentadas não são apenas uma coleção de lembranças, mas também uma reflexão e reconstrução de sua identidade como pedagoga, como profissional e como integrante de um grupo em determinado momento histórico. Por meio delas, constroem-se entendimentos e representações sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o contexto (Josso, 2004).

Desse modo, no intuito de ouvir o que a professora Gisele Bauer Mahmud, atual Secretária de Município da Educação de Santa Maria/RS, teria a nos dizer sobre o impacto da formação em Pedagogia em sua trajetória profissional e sobre como tal formação colaborou para a constituição da pessoa e da profissional que ela se tornou, convidámo-la para uma entrevista.

Ela gentilmente aceitou o convite. Assim, em uma sala do mesmo prédio que estudou em 1993, suas palavras começaram a expressar memórias e marcas de sua trajetória, trazendo detalhes que contam um pouco da história de cada egressa que vive ou viveu o curso de Pedagogia. Ela mesma inicia dizendo que:

Gisele Bauer Mahmud: *neste conjunto, no prédio 1, aconteciam as aulas, e as experiências vividas aqui me acompanham, principalmente pelo exemplo dos mestres que eu tive.*

Nesse cenário de memórias, a partir de minha provocação para que falasse sobre o que representa ser egressa do Curso de Pedagogia da UFN, Gisele vai trazendo reflexões que caracterizam um encontro entre a acadêmica de 1993 e a Secretária de Educação de 2026 revelando que a formação inicial proporcionou lastros que atravessaram o tempo.

As narrativas que se seguem mostram a profundidade com que a egressa viveu as experiências no curso de graduação e como essa entrega em busca de um sonho foi produzindo a professora, a gestora e a pessoa Gisele.

Ela iniciou sua vida acadêmica no início da década de 1990, marcada por um sonho: transformar vidas. Assim, relata:

Gisele Bauer Mahmud: *A motivação que me conduziu à Pedagogia da FIC foi o ideal de transformar as pessoas e o mundo pela educação. O trabalho com o ser humano sempre me fascinou, e o curso da FIC era a referência em qualidade e compromisso com uma formação sólida. Olhando para trás, confirmo: foi a melhor escolha.*

Sua voz permite destacar que a formação docente é um processo de construção de identidade que se mistura com a própria história de vida do sujeito. Ela demonstra que sua entrada na Pedagogia não foi uma decisão pragmática por um curso de graduação, mas um projeto de vida ancorado em sonhos e valores pessoais.

Do lugar de onde escrevo, como coordenadora do curso, observo que, embora os tempos e as tecnologias tenham mudado drasticamente, a essência da busca pela Pedagogia na UFN permanece inalterada: o desejo de transformar realidades por meio da educação e a busca pela realização de um sonho. Os dados atuais da autoavaliação institucional do curso mostram que os acadêmicos de hoje, assim como Gisele no início da década de 1990, veem em nossa instituição uma referência de “qualidade e compromisso com uma formação sólida”. Ao falar sobre o ingresso na universidade, Gisele afirma:

Gisele Bauer Mahmud: *Lembro-me da grande expectativa e do imenso orgulho que sentia ao ingressar em uma Faculdade de tão notório reconhecimento. A procura pelo curso era significativa, e nossa turma, composta por cerca de 35 futuras pedagogas, majoritariamente egressas do Magistério do Instituto Olavo Bilac, era movida por grandes sonhos e um sólido comprometimento com a formação.*

Essa continuidade geracional mostra que o curso de Pedagogia da UFN, ao longo de seus 70 anos, consolidou-se como um território de formação humana e técnico-científica. A egressa relata que as acadêmicas

eram movidas por grandes sonhos, expressando um sentimento de orgulho que indica a construção de uma identidade profissional como pedagoga desde o início da graduação. Assim, ela diz:

Gisele Bauer Mahmud: *O que me chamou bastante atenção é que era uma turma grande, mas muito participativa, e havia interesse comum: era muito interesse por conhecer, por adquirir aquela formação e viver o ideal de ser educador. Então, isso era uma coisa comum entre as colegas; não era o plano B da vida, era o primeiro plano da vida, era ser professora. Era uma inspiração que movia todas nós, e isso também motivava os professores que ministravam aula no curso. Os professores, entregavam muito dentro do curso, cobravam muito, mas entregavam muito também.*

Essa construção identitária de ser pedagoga era alimentada pelas relações estabelecidas no ambiente acadêmico, pela qualidade dessas interações humanas e pelo compromisso compartilhado com o ideal de ser educador. Essa percepção do grupo de que a Pedagogia era o “primeiro plano da vida” confere um caráter de intencionalidade à formação e à profissão.

Gisele Bauer Mahmud: *Todo mundo tinha uma expectativa muito grande com a profissão. Nós queríamos ser professores e professores de destaque; não queríamos ser qualquer professor. Então, a gente absorvia, aproveitava muito o curso, tudo que nos era oferecido, os eventos. A partir deste convite para falar sobre minha trajetória, fui folhear minhas pastas e fiquei admirada ao ver que guardava todos os certificados de eventos de que participava aqui na instituição e eram muitos. Então, assim, a gente tinha a ideia de que currículo era aquilo tudo, e tu participava de tudo. E isso ia ampliando o universo, dando significado para aquele sonho; aquilo se tornava mais próximo.*

Essa narrativa revela uma compreensão de formação inicial que vai além da sala de aula, compreendendo o currículo do curso em sua totalidade. Palestras, seminários e eventos aparecem como oportunidades formativas como vivências culturais e científicas que ampliavam o universo de conhecimentos do futuro docente, repercutindo ao longo de sua trajetória profissional.

Ao guardar seus registros e certificados por décadas, Gisele não guarda apenas papéis, mas marcas e sentidos do que constitui a profissional que é hoje. Por meio de sua voz, percebe-se que a formação em Pedagogia vai sendo construída a partir do engajamento acadêmico e do empenho individual de cada estudante na inter-relação com as oportunidades oferecidas pela instituição, sejam elas na sala de aula, em eventos institucionais ou mesmo fora da universidade.

Essas oportunidades consolidam marcas formativas que influenciam o modo de ser e estar na profissão. Gisele destaca o papel do corpo docente, enfatizando que esses professores foram, sem dúvida, o pilar do desenvolvimento dessa identidade, deixando impressões que repercutem até hoje em sua conduta pessoal e profissional. Como ela relata:

Gisele Bauer Mahmud: *tenho na memória e no coração a imagem de professoras cujo comprometimento e conduta foram verdadeiros exemplos.*

Ao ser interrogada sobre o que lhe vem à mente ao recordar essas memórias, ela compartilha algumas lembranças:

Gisele Bauer Mahmud: *Nós tínhamos uma professora que me impactava muito. E interpretava, ela chegava na sala de aula, ela apagava a luz, ela recitava um poema, ela começava uma aula completamente diferente, ela trazia muita humanidade e sensibilidade para aquela aula, ela emocionava, a gente às vezes chorava de emoção, às vezes ela cantava, às vezes ela recitava, ela nunca começava um conteúdo diretamente, ela nos sensibilizava e nos despertava o desejo de saber mais sobre. Essa professora era mágica, ela se transformava numa sala de aula, a sala de aula era um palco para ela, o nome dela era Magali. Outra que eu me lembro muito bem, a professora que trabalhava a metodologia da matemática, a professora Nires, eu fui aprender o conceito de fração de fato no curso de pedagogia, porque ela fazia a gente estabelecer uma prática porque era vivencial. A gente lia muito, estudava muito, mas também tinha muita vivência na sala de aula e aquilo ficava, a gente nunca mais esquecia. Professores que trabalhavam também em debates, debates sobre livros, sobre filmes. Então, a gente tinha, assim, contextos diversos, diferentes, aquilo tudo nos encantava.*

As memórias de Gisele revelam que o curso de Pedagogia da UFN (então FIC), ao longo das décadas, sempre primou pela concretização de uma proposta que alia à sensibilidade estética, formação humana e inovação metodológica. Nas palavras dela: *“A gente lia muito, estudava muito, mas também tinha muita vivência na sala de aula, e aquilo ficava; a gente nunca mais esquecia. Eram contextos diversos que nos encantavam.”*

A prática das professoras descrita pela egressa - que transita entre maneira poética de ensinar da professora Magali e a exploração de conceitos e práticas contextualizadas da professora Nires, que trazia a matemática para o campo do concreto, fazendo com que conceitos abstratos fossem finalmente compreendidos - demonstra que o curso, há décadas, preza por uma formação humana que não se restringe ao ensino dos conteúdos das disciplinas que compõem o currículo, mas à mobilização de afetos e à construção de significados. Assim a egressa afirma:

Gisele Bauer Mahmud: *A Pedagogia me deu as ferramentas para ler o mundo e, mais do que isso, para atuar nele. O curso não nos preparou somente para ensinar crianças, mas para exercer uma liderança ética na gestão nos diversos espaços educativos por onde passei.*

Ao concluir o curso, a professora Gisele realizou um grande sonho. A imagem a seguir registra um momento de sua trajetória que caracteriza um “divisor de águas” entre o aprender e o exercer a profissão de ser pedagoga. Assim ela diz:

Gisele Bauer Mahmud: *A formatura foi o momento de materialização de um sonho, um projeto de vida que se torna realidade. Mal sabia eu que já iria assumir cargos de liderança; meu propósito era trabalhar com crianças, sempre pensei nisso.*

Na foto que segue, há o registro da formatura no Curso de Pedagogia, de Gisele Bauer Mahmud, na década de 1990.



Fonte: arquivo pessoal da egressa.

O registro da formatura, ao mesmo tempo em que marca a finalização de um ciclo cheio de sentido e significado para a egressa, dá início imediato à sua trajetória profissional. A transição da academia para o mundo do trabalho aconteceu de forma muito rápida, exigindo colocar em movimento os saberes adquiridos, especialmente no campo da gestão, do currículo escolar e das políticas públicas. Tratava-se de desafios que os egressos nem sempre esperam enfrentar de forma tão imediata, como bem relata a professora:

Gisele Bauer Mahmud: *Eu cheguei na escola e trabalhei com uma turma de 4ª série, na época. Fiquei realizada, achando que eu tinha chego assim o máximo do meu desejo, que era estar com as crianças trabalhando. Só que em quatro meses, eu fui convidada para a gestão municipal, gestão educacional, não era gestão escolar e eu fiquei com medo disso, porque eu não tinha experiência docente para chegar a fazer gestão educacional.*

A narrativa evidencia que a formação em Pedagogia funciona como sustentação para os desafios da vida e da profissão, como ela mesma descreve a seguir:

Gisele Bauer Mahmud: *Na minha trajetória profissional, a formação inicial na FIC proporcionou a sustentação necessária para encarar desafios*

cruciais, como este de ser convidada a assumir a Supervisão Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Restinga Seca - uma responsabilidade assustadora que envolvia 19 escolas e mais de 200 professores. Lembro-me de ter procurado imediatamente a professora Irani e a Professora Neida para me aconselhar. A resposta não poderia ter sido outra: ambas me encorajaram e transmitiram a segurança para que eu enfrentasse o novo. Esse momento - o olhar, o acolhimento, o incentivo e as palavras de “vá, você está preparada” - tornou-se a minha inspiração para todos os desafios que se seguiram.

Ao procurar suas ex-professoras para aconselhamento, ela demonstra que a formação docente é, também, um exercício de diálogo constante. Esse fortalecimento, buscado no aconselhamento, reitera a ideia de Nóvoa (2007) sobre a importância dos “lugares da formação”. A universidade não se encerrou para Gisele no dia da formatura; ela permaneceu como espaço de aprendizagem, diálogo e formação, no qual a jovem profissional, que saía de sua primeira e breve experiência como professora de crianças da 4ª série, buscava a validação para enfrentar novos e grandes desafios profissionais.

Na foto que segue, Gisele Bauer Mahmud está em atividade docente com sua turma da 4ª ano, em uma escola do campo, de Restinga Seca, RS, na década de 1990.



Fonte: arquivo pessoal da egressa.

A formação em Pedagogia proporcionou a construção de conhecimentos para além da docência em sala de aula. O trabalho do pedagogo¹ funciona como um conjunto de pilares que sustenta os desafios complexos dos processos educativos. A trajetória da egressa demonstra que o curso desenvolve, no futuro profissional, conhecimentos teórico-práticos para atuar em múltiplas frentes educacionais. Assim, ela expressa:

Gisele Bauer Mahmud: *A minha grande referência de trabalho sempre foram as bases que eu recebi no curso superior. E, dali em diante, vieram todas as experiências possíveis que eu tive: gestão educacional, gestão escolar no lugar de coordenação pedagógica, gestão escolar no lugar de orientadora educacional, gestão escolar no lugar de diretora e, depois, na rede municipal, como superintendente pedagógica; na rede estadual, também como coordenadora de anos iniciais; e depois como superintendente de toda uma rede de escolas de Santa Maria e, atualmente, como Secretária de Educação deste município. Então, é uma caminhada que também transitou da educação infantil até a educação de jovens e adultos, do ensino fundamental ao ensino médio além de cargos de gestão complexos. Eu tive oportunidade, na minha trajetória, de dar conta de todo esse universo que abrange a Pedagogia. Como eu disse, o curso foi a base e, claro, segui me qualificando com especializações em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar. Hoje, consolido esse processo com o Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, como um ciclo de fidelização do saber na instituição que ajudou a construir a minha história.*

A trajetória profissional de Gisele exemplifica o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (Resolução CNE/CP n. 01/2006) estabelecem: o pedagogo é um profissional cuja atuação abrange desde a regência em salas de aula da Educação Infantil e Anos

1 A Resolução CNE/CP n. 01/2006 institui, em seu artigo 4º, que o pedagogo é um professor formado em curso de licenciatura em Pedagogia para atuar na “Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”.

Iniciais até a gestão de sistemas educativos, seja em escolas ou em outras instituições do sistema educacional que exijam conhecimentos pedagógicos. A fala da egressa ressalta a importância de o acadêmico vivenciar as oportunidades formativas de forma densa e participativa, pois isso será a base para os enfrentamentos da profissão, como ela diz, para “dar conta de todo esse universo que abrange a Pedagogia”.

Ao ser instigada a oferecer um exemplo prático de como lidou com a amplitude da profissão e suas exigências de conhecimentos pedagógicos, sem hesitar, ela apresentou diversas vivências:

Gisele Bauer Mahmud: *A primeira coisa que eu consegui na escola foi estabelecer uma rotina de reuniões com os meus pares. A diretora comprou a ideia, porque isto não era uma prática. Como eu vinha cheia de ideias do curso, das metodologias que nós tínhamos aqui, a gente começou a trabalhar, na época, com reuniões pedagógicas na escola para construção de materiais pedagógicos que nos auxiassem no ensino. Então, a gente fazia, pesquisava e confeccionava jogos. E isso foi uma influência direta do curso, porque ao vivenciar que existiam outras formas de ensinar que não somente aquelas formas tradicionais do livro, da leitura, de uma aula puramente expositiva, eu consegui trazer para aquela escola do interior e imprimir uma cultura nova na escola. E aí nós criamos uma brinquedoteca dentro da escola, na época, que não se valorizava muito o brincar (ou aprender pela brincadeira). Na gestão educacional, a primeira aposta que eu fiz e que eu consegui romper na época com uma cultura era da formação continuada dos professores. Não havia espaço para formação, e como eu vinha cheia de ideias, eu tinha que ter espaço para disseminar aquelas ideias entre os 200 professores que eu tive. E aí, então, eu organizava os processos formativos, buscava várias articulações e eu mesma contribuía com a minha recém-experiência de formanda. E aí, isso modificou o município, porque não era uma prática do município. Existia uma inspeção, uma fiscalização, uma exigência, uma cobrança, mas não se pensava em aprender a como fazer junto com os professores.*

Gisele, ao romper culturas e implementar processos de formação continuada e brinquedotecas, em contextos nosso quais antes predominavam apenas fiscalização e controle, materializa o ideal de transformação

que moveu sua turma em 1993. As memórias de Gisele Bauer Mahmud, ao resgatarem vivências e lembranças significativas de sua trajetória como estudante e profissional, reconstroem parte da história do curso de Pedagogia.

Por meio de sua narrativa, percebe-se que o curso de Pedagogia da UFN consolidou, ao longo de sete décadas, um modelo de formação que equilibra sensibilidade humana competência técnico-científica. As narrativas de Gisele aqui apresentadas não constituem uma voz isolada, mas uma representação polifônica de centenas de egressos que, em diferentes momentos históricos, levaram o nome da instituição como referência para suas ações pedagógicas, para suas tomadas de decisão e para a criação de políticas educacionais.

Concluir este resgate celebrativo leva-nos a reconhecer que o impacto social da instituição não é medido apenas pelo tempo, mas pela coragem e pela bagagem de seus egressos. Portanto, o objetivo desta entrevista narrativa foi permitir que a voz de uma egressa evocasse o significado do curso e seu impacto na trajetória profissional. Para finalizar esse encontro singular de diálogo e aprendizagens, indaguei o que ela gostaria de deixar registrado para os atuais e futuros acadêmicos de Pedagogia. Nesse retrato narrativo, a professora sintetiza a essência de ser pedagogo:

Gisele Bauer Mahmud: *Não se faz educação sem dedicação e amor à escolha. Não pode ser uma escolha aleatória, não pode ser falta de opção. A gente tem que descobrir razões para permanecer com muita vontade, porque a nossa vida se resume a interferir na vida de outras pessoas e auxiliar na transformação social. Optar pela educação é uma escolha de vida. Precisamos ter coerência de valores e de postura, porque não ensinamos só na aula que ministramos, ensinamos pelo que somos. O professor/pedagogo tem que resgatar esse lugar de respeito sendo inspiração para o outro. Digo a quem está optando por essa via: não é um caminho fácil, mas se não fizermos uma escolha coerente, séria e consciente, o trabalho pode comprometer uma geração inteira.*

A história de Gisele - da acadêmica sonhadora de 1993 à Secretária de Educação de 2026 - comprova que, quando há investimento pessoal e institucional em uma formação sólida e integral, a profissão se torna um legado.

Ao celebrarmos estes 70 anos, as vozes do passado e do presente unem-se para confirmar que ser pedagogo é, acima de tudo, um ato de coragem e uma aposta contínua na transformação de si e do outro. O legado de sete décadas do curso permanece vivo na voz de seus egressos, reafirmando a Pedagogia como um campo de liderança, responsabilidade social e prova do poder transformador da educação. Que essas memórias inspirem futuros pedagogos para que, movidos por sonhos e amparados por uma formação sólida, façam da educação o primeiro plano de suas vidas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 16 maio 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, Antônio. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: SINPRO-SP, 2007. Disponível em: [SINPRO-SP](#). Acesso em: 10 maio 2026.

POSFÁCIO

Encerrar esta obra significa, simultaneamente, concluir um percurso de memórias e inaugurar novos horizontes para o futuro. Ao longo destas páginas, fomos convidados a revisitar a história dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Franciscana, reconhecendo que seus 70 anos de existência não se resumem à sucessão de datas, acontecimentos ou reformas curriculares. Essa trajetória é, sobretudo, constituída pelas pessoas que a viveram e continuam a escrevê-la diariamente: docentes, estudantes, gestores, técnicos administrativos, egressos e toda a comunidade que encontra, na Universidade, um espaço de formação humana, científica, cultural e profissional.

Mais do que recordar acontecimentos, este livro revela um verdadeiro mosaico de memórias, experiências e afetos que traduz itinerários formativos marcados pelo compromisso com a educação, a linguagem, a produção do conhecimento e a transformação social. Cada narrativa aqui reunida reafirma que o legado institucional se renova continuamente nas práticas pedagógicas, na pesquisa, na extensão e, em especial, na formação de professores comprometidos com seu tempo e com a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

Ao revisitarmos a trajetória que se inicia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC) e se projeta na consolidação da Universidade Franciscana (UFN), compreendemos, como bem destacou a Magnífica Reitora, Prof.^a Iraní Rupolo, que o fortalecimento da instituição exigiu permanente espírito de vanguarda, coragem e capacidade de renovação. Foi essa visão que permitiu consolidar um ensino superior de excelência na região central do Rio Grande do Sul e expandir sua contribuição para diferentes regiões do Brasil e também para além de suas fronteiras. Década após década, os cursos formaram profissionais capazes de responder às exigências de seu tempo sem perder a lucidez ética, a sensibilidade humana e o compromisso com a educação.

Foi precisamente para celebrar esse legado, homenagear aqueles que contribuíram para sua construção e reafirmar o compromisso dos

cursos com a formação de educadores que, ao longo de 2025, foi desenvolvida uma programação comemorativa alusiva aos 70 anos dos cursos. Mais do que uma sucessão de eventos, as atividades constituíram um percurso de celebração, memória, reflexão e reencontros, concebido para aproximar diferentes gerações e evidenciar que a história institucional permanece viva quando é compartilhada, revisitada e ressignificada coletivamente.

As comemorações tiveram início com gestos simbólicos de pertencimento, expressos na identidade visual comemorativa e nas camisetas alusivas aos 70 anos. No dia 27 de abril de 2025, a Celebração Eucarística, realizada no Santuário Basílica Nossa Senhora Medianeira, reuniu docentes, estudantes, egressos, familiares e membros da comunidade em geral, em um momento de gratidão pela trajetória construída e de renovação do compromisso com os valores franciscanos que orientam a missão educativa da Universidade.

Poucos dias depois, em 30 de abril de 2025, a reflexão acadêmica teve continuidade com a mesa-redonda *A Formação Docente Ontem, Hoje e Amanhã*, realizada no Salão Azul do Conjunto I da Universidade Franciscana. O encontro reuniu as egressas Prof.^a Iraní Rupolo e Prof.^a Carina de Souza Avínio, representando o Curso de Pedagogia, e as egressas Prof.^a Adriana Claudia Martins e Prof.^a Sílvia Cardoso, representando o Curso de Letras - Português e Inglês. Em um diálogo marcado pela troca de experiências entre diferentes gerações, as participantes refletiram sobre as permanências, as transformações e os desafios da profissão docente, reafirmando a atualidade e a relevância da formação oferecida pelos cursos.

A dimensão artística e cultural ganhou destaque em 20 de maio de 2025, durante o *Sarau Comemorativo: 70 anos de Vozes e Letras*, realizado no Salão Azul do Conjunto I da UFN. Reunindo apresentações musicais, literárias, cênicas e de dança protagonizadas por acadêmicos e acadêmicas dos cursos de licenciatura da Universidade, o evento evidenciou que a formação docente também se constrói pela sensibilidade, pela criatividade e pelo diálogo entre diferentes linguagens.

Em 17 de outubro de 2025, o Jantar-Baile Comemorativo, realizado no Salão da APUSM, celebrou não apenas a trajetória institucional dos

cursos, mas também os laços de amizade, os afetos e o profundo sentimento de pertencimento que atravessam gerações.

Encerrando a programação, de 11 de novembro a 10 de dezembro de 2025, o Museu Franciscano acolheu, na Sala de Exposições Madre Madalena, a mostra *70 anos - Letras e Pedagogia: Memórias e Caminhos*. A exposição reuniu fotografias, documentos, materiais didáticos, objetos históricos, depoimentos e recursos audiovisuais, compondo uma narrativa sensível que retrata a trajetória dos cursos. Sua realização assumiu um significado ainda mais especial por coincidir com o ano de inauguração do Museu Franciscano, tornando-se a primeira exposição organizada pelos cursos de Pedagogia e Letras naquele espaço expositivo.

A publicação desta obra representa uma das mais significativas expressões das comemorações dos 70 anos dos cursos, ao reunir memórias, testemunhos e reflexões que materializam um legado construído coletivamente e passam a integrar o patrimônio histórico da Universidade Franciscana. Se as atividades comemorativas deram visibilidade a essa história, é nesta obra que ela encontra sua expressão mais duradoura. Nas páginas deste livro, a memória institucional deixa de ser um registro do passado para transformar-se em testemunho vivo das pessoas que deram sentido e continuidade à missão educativa da Universidade Franciscana.

As “Vozes Docentes” e as “Vozes de Egressos(as)” que ecoam nesta obra revelam que a formação inicial ultrapassa os limites da sala de aula. Na tessitura autobiográfica da Prof.^a Nilsa Reichert Barin, vemos como o rigor teórico da Linguística entrelaça-se, de forma indissociável, à sensibilidade humana, ao compromisso ético com a docência e à construção de uma prática docente alicerçada na reflexão crítica, na valorização da linguagem e na excelência acadêmica. Esse mesmo cultivo do saber e do cuidado manifesta-se na trajetória da Prof.^a Maria Eulália Albuquerque, cuja paixão pelo ensino da Língua Portuguesa inspirou e continua inspirando a formação de professores. Do mesmo modo, destaca-se a liderança da Prof.^a Marilene Gabriel Dalla Corte, cuja atuação na gestão, em diferentes etapas da educação básica e do ensino superior, bem como na docência,

traduz a riqueza dos saberes pedagógicos e institucionais produzidos na permanente articulação entre teoria e prática.

Essas marcas formativas prolongam-se e ressignificam-se nas vozes dos egressos, que evidenciam o quanto a Universidade contribuiu para transformar diferentes realidades. Encontramos esse legado vivo na sensibilidade da Prof.^a Daniela Nascimento, que transpôs os saberes da Pedagogia para a gestão social por meio da dança; na travessia literária e crítica do Prof. João Luís Pereira Ourique, para quem a formação em Letras constituiu um gesto contínuo de leitura do mundo e de inscrição da experiência na linguagem; e na trajetória da Prof.^a Gisele Bauer Mahmud, cuja jornada - da acadêmica sonhadora à Secretária de Município de Educação de Santa Maria - atesta que optar pela educação é, essencialmente, uma escolha de vida e um ato de coragem política e pedagógica.

Essas narrativas revelam que a identidade profissional docente não se constitui apenas pela apropriação de conhecimentos técnico-científicos. Ela se edifica na convivência, na escuta, na partilha de experiências, na articulação permanente entre teoria e prática e no profundo sentimento de pertencimento institucional que une diferentes gerações em torno de um mesmo projeto educativo. É justamente essa identidade que mantém vivo o compromisso histórico dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Franciscana de formar profissionais capazes de compreender a complexidade do mundo, valorizar a cultura, promover a inclusão, defender a democracia e reconhecer, na educação e na linguagem, alicerces fundamentais para a construção de uma sociedade mais humana, ética e solidária.

Os 70 anos aqui celebrados representam um novo ponto de partida para pesquisas, projetos, práticas pedagógicas e experiências formativas que continuarão a ser construídas por todos aqueles que reconhecem na educação um compromisso permanente com a transformação social. Os momentos de comemoração dos 70 anos de história dos cursos de Pedagogia e Letras foram registrados em diferentes atividades ao longo do ano de 2025, conforme anexos que constam no final deste texto.

Que a leitura destas memórias e destas vozes continue inspirando aqueles que acreditam na educação como espaço de encontro, de humanização e de transformação social. Que nunca falte às futuras gerações a curiosidade de aprender, desaprender e reaprender, mantendo viva a chama que, desde 1955, ilumina os caminhos da Pedagogia e das Letras na Universidade Franciscana. Afinal, celebrar o passado só encontra pleno sentido quando fortalece o presente e inspira o futuro que ainda temos a responsabilidade de construir.

Santa Maria, junho de 2026.

Eliane Aparecida Galvão dos Santos

Coordenadora do Curso de Pedagogia
Universidade Franciscana - UFN

Denize da Silveira Foletto

Coordenadora do Curso de Letras - Português e Inglês
Universidade Franciscana - UFN

ANEXOS

Camiseta comemorativa



Convite da missa



DOMINGO **27 de abril de 2025**

HORÁRIO **18h**

Card da mesa-redonda



Registro da mesa-redonda



Convite do sarau

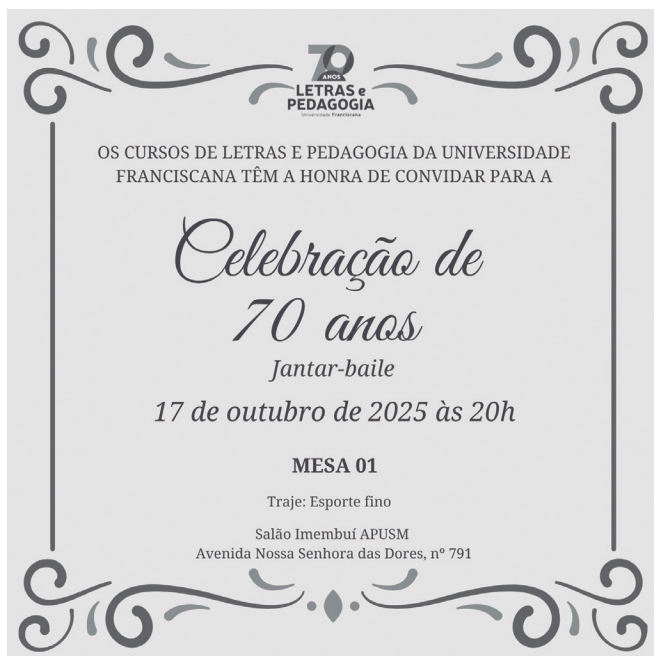


Registro do sarau



Este registro mostra a participação das professoras: à esquerda, Denize da Silveira Foletto, coordenadora do curso de Letras e, à direita, Eliane Aparecida Galvão dos Santos, coordenadora do curso de Pedagogia.

Convite do jantar-baile



Registro de participantes no jantar-baile



Convite da exposição

EXPOSIÇÃO 70 ANOS | LETRAS E PEDAGOGIA

Memórias e Caminhos

11nov » 10dez
ABERTURA 11nov | 19H

**SALA DE EXPOSIÇÕES
MADRE MADEIRA**
Av. Rio Branco, 454, Santa Maria/RS

MUSEU
Franciscano
HISTÓRIA E CULTURA

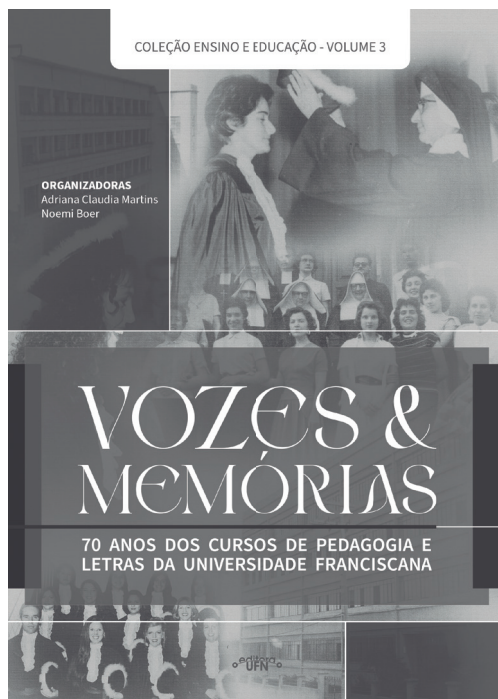
UFN
UNIVERSIDADE FRANCISCANA

70
LETRAS e
PEDAGOGIA

Registro de participantes na exposição



Capa do livro



SOBRE AS AUTORAS

ADRIANA CLAUDIA MARTINS

Doutora em Letras: Estudos Literários e Doutora em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Letras: Estudos Linguísticos na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL) e no Curso de Letras da Universidade Franciscana (UFN). Líder do Grupo de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1830-577X>

AMANDA RAMPELOTTO LÖBLER

Doutoranda e mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN) com bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciada em Letras Português pela mesma Instituição e em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Procuradora Institucional (PI), Universidade Franciscana. Membro consultivo da Comissão Própria de Avaliação (CPA/UFN) e Membro do Núcleo de Apoio a Extensão (NAEx/UFN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7926-3872>

FERNANDA FIGUEIRA MARQUEZAN

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL), Universidade Franciscana. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8009-9105>

DENIZE DA SILVEIRA FOLETTO

Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras Português e Inglês pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Professora efetiva da rede estadual do RS. Professora e coordenadora do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Franciscana (UFN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3810-8362>

ELIANE APARECIDA GALVÃO DOS SANTOS

Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL), Universidade Franciscana. Coordenadora do Curso de Pedagogia Presencial e EaD da Universidade Franciscana. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3982-7297>

IRANÍ RUPOLO

Reitora da Universidade Franciscana da Universidade Franciscana (UFN). Pedagoga, Mestre em Educação. Possui publicações em artigos e capítulos de livros e produção técnica em gestão e planejamento. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3319-4596>

NOEMI BOER

Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada Ciências, habilitação em Biologia; graduada em Pedagogia. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL), Universidade Franciscana. Membro do Comitê de Ética (CEP/UFN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3745-2196>



TIPOGRAFIA

Wastinger Display | Source Sans Pro



LETRAS e PEDAGOGIA

Universidade Franciscana

A dinâmica de instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), seguiu de modo ágil, pois aos doze de abril de 1955, publicava-se no Jornal A Razão o edital para o concurso vestibular aos cursos de Letras Anglo-germânicas e de Pedagogia, com 40 vagas cada curso.

Realizado o concurso vestibular, iniciaram--se ainda no mês de abril as aulas dos cursos de Letras com 13 alunos e de Pedagogia com 28 alunos, ao todo, 41 estudantes. Para o funcionamento imediato, a Faculdade utilizou as dependências do Colégio Sant'Anna, pertencente à mesma entidade mantenedora. Foi densa e fecunda a construção: nomeada a equipe diretiva, realizaram-se os preparativos para o vestibular a seguir atenderam-se as matrículas, professores preparavam as aulas, profissionais edificaram os prédios, outros produziram móveis, os preparativos necessários foram providos. Enfim, a construção foi colaborativa.

Prof.^a Iraní Rupolo
Reitora da Universidade Franciscana - UFN

